

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
CCHLA – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
PPgEL – Programa de Pós-graduação em Ensino da Linguagem
Mestrado em Linguística
Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins

NARA JUSCELY MINERVINO DE CARVALHO MARCELINO

**AS SENTENÇAS COM *É RUIM QUE* NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

NATAL, JANEIRO DE 2014.

NARA JUSCELY MINERVINO DE CARVALHO MARCELINO

**AS SENTENÇAS COM *É RUIM QUE* NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-graduação em Estudos da Linguagem,
da Universidade Federal do Rio Grande
do Norte, como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do grau
de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins

NATAL, JANEIRO DE 2014.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Marcelino, Nara Juscely Minervino de Carvalho.

As sentenças com *é* ruim que no português brasileiro / Nara Juscely
Minervino de Carvalho Marcelino. – 2014.
114 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do
Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de Letras.
Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem, 2014.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Martins.

1. Língua portuguesa – Brasil. 2. Gramática gerativa. I. Martins, Marco
Antonio. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 821.134.3'364

Termo de Aprovação

Nara Jusceley Minervino de Carvalho Marcelino

AS SENTENÇAS COM É RUIM QUE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

**Coordenador do Curso de Pós-graduação em Ensino da Linguagem
Prof. Dr. Derivaldo dos Santos**

Dissertação defendida e aprovada pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de MESTRE em Linguística, pela comissão examinadora composta pelos professores abaixo relacionados:

Comissão Examinadora:

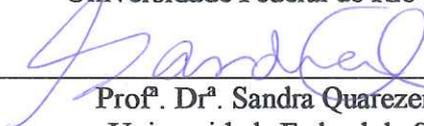


**Prof. Dr. Marco Antonio Martins – Orientador/Presidente
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**



**Prof. Dr. José Romerito Silva – Membro Interno
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**

**Profª. Drª. Shirley de Souza Pereira – Membro Interno
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**



**Profª. Drª. Sandra Quarezemin – Membro Externo
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)**

NATAL, JANEIRO DE 2014.

Por seu incentivo, seu apoio e sua força impulsionadora;
Pelas horas em que estive ausente e para as quais tive sua total compreensão;
Pelas sábias – e constantes – palavras de conforto, em meus momentos de angústia;
Por tudo o que fez por mim ao longo de minha vida pessoal, profissional e acadêmica,
dedico este trabalho essencialmente ao meu marido – e companheiro –
Márcio Marcelino de Oliveira, com quem compartilho o título.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é ver que o nosso sucesso foi alcançado porque maravilhas os outros trouxeram para nossas vidas.

A DEUS, pelo consentimento em me permitir iniciar e terminar bem essa jornada;

Ao meu marido, Márcio Marcelino, que sempre esteve ao meu lado, ainda que, em alguns momentos, eu tenha deixado de perceber, não por maldade, mas por estar atarefada demais com leitura, pesquisa e escrita; por nunca se aborrecer pelos tantos domingos em que foi sozinho com os meninos “lá pra mãe” e pelas tantas vezes em que saiu sem minha companhia. O quanto de gratidão eu lhe devo não caberia neste espaço;

Aos meus filhos, Laura Emília e Guilherme Vítor, que, mesmo com minha ausência, sempre me dedicaram atenção, amor e cuidado, não abrindo mão do que entre nós três existe: cumplicidade, parceria, amizade e, claro, muito amor. A Laura, que jamais reclamou pelas vezes em que deixei de lhe abraçar e beijar, tampouco por eu não estar em casa, como antes, para lhe auxiliar nas atividades escolares; ao Guilherme, que apesar das lágrimas, compreendeu todas as vezes em que não pude atender ao seu pedido para jogar *vídeo game* ou tomar banho de piscina com ele;

À minha mãe, pela preocupação com minha saúde, quando me via estressada demais com tanta coisa para ler e estudar; pelas vezes em que sei que rezou, pedindo a DEUS o meu sucesso; por concordar comigo, ainda que acreditasse que eu não deveria mais sofrer com tantos estudos; por ser a minha mãe e me dar sempre os seus ouvidos para receber os meus desabafos.

Aos meus irmãos (Necy, João, Júlio e Manoel), cunhado (Luiz Antônio), cunhadas (Valéria, Marina e Charlana), sobrinhos(as), e a todos os que costumam se encontrar conosco nos dias de domingo, “lá em mãe”, agradeço pela aceitação das tantas vezes em que deixei de comparecer nesses nossos momentos mais íntimos e aconchegantes, nos quais desfruto da imensa felicidade de compartilhar, há tantos anos, de suas excelentes companhias.

Às minhas cunhadas, Edene e Ildérica, por entenderem a necessidade do meu afastamento, longo e imediato, tão logo se aproximou o último semestre do curso. Pela força e pelas palavras – ao telefone – que sempre me deram, muito obrigada.

Ao meu professor e orientador, professor Marco Antonio Martins, pela tolerância, paciência e pelas repetidas vezes em que leu o meu texto; por atender ao meu chamado, a qualquer hora do dia ou da noite, e responder a todas as minhas indagações, de maneira gentil e doce, apesar de incisiva; pelos vários “puxões de orelhas” que me deu todas as vezes em que eu insistia em não lhe ouvir e que me faziam sempre “quebrar a cara”; pelos atendimentos em sua casa, a

qualquer hora do dia – 6h40 – ou da noite – 22 horas –, fosse dia útil ou final de semana; porque me mostrou que todos temos potenciais e por acreditar em mim, em particular.

À professora Sandra Quarezemin e ao professor José Romerito Silva, por terem participado tanto da minha Banca de Qualificação quanto da minha Banca de Defesa, e por me trazerem significativas contribuições que enriqueceram ainda mais minha pesquisa.

A todos os professores, pelas disciplinas que ministraram e pela exigência na produção dos artigos como trabalho final. As suas exigências obrigaram-me a adquirir ainda mais amadurecimento acadêmico, o que me fez concluir, satisfatoriamente, o meu curso.

Aos amigos que fiz ao longo do curso: Marly Rocha, uma mulher nada senso comum, cheia de potencialidades especiais; Renato Kledson, que mistura competência e sensibilidade numa dose certa de eficiência; Elizabeth Vieira, que abre caminhos com sua visão centrada e certa sobre a vida e a linguagem.

A toda a equipe da Escola Municipal Ferreira Itajubá, pelas vezes em que mexeram nos horários, aceitaram meus atrasos na chegada e pela liberação, muitas vezes, para usar o equipamento da escola, para fins de pesquisa acadêmica. Em particular, sou grata a Valdilene Hipólito, minha vice-diretora, que em nenhum momento desconsiderou a atividade que eu desenvolvia, valorizando-a como algo que requer mais que dedicação, empenho.

À minha amiga Ocirema Cristina da Silva Pacheco de Souza, por ser minha amiga, incondicionalmente. Por ela tenho enorme admiração e respeito. Ela é símbolo de maturidade, inteligência e doçura. Eu a amo de paixão, ainda que nem sempre possa lhe dizer isso.

Ao amigo Lúcio Flávio Lemos, pelas vezes em que me emprestou seu HD, a fim de que eu pudesse fazer *Backup* dos arquivos e acelerar mais o processamento do meu computador; também pelo seu apoio moral e pelas aulas que assistimos um do outro, a fim de qualificarmos nossas apresentações.

Às minhas vizinhas – Fátima, Alice, Jacilda, Dudu, Ana e Michelle –, por terem me dado os seus sorrisos todas as vezes em que me convidavam para as nossas reuniões semanais – clube das “Luluzinhas” –, nos finais de tarde e início de noite, para um chá ou jantar, e eu, quase sempre, dizia: “Não posso. Preciso estudar; preciso escrever”.

Ao *PPgEL*, pela excelente forma de organizar os cursos que oferece e pelas mais variadas oportunidades de palestras que nos dá. Em particular, agradeço a Beth e Gabriel, por me atenderem tão bem, sempre que eu buscava resposta para minhas dúvidas.

Àqueles que, porventura, não entraram nesta lista de agradecimentos. Apesar de não ter expressado aqui, em palavras, o tamanho de minha gratidão, ela é também estendida a vocês.

A todos, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

Embasados em trabalhos sobre a estrutura das sentenças copulares no Português Brasileiro (PB), conforme a teoria da gramática, analisamos nesta dissertação as sentenças copulares complexas encabeçadas pela estrutura *é ruim que* no PB, trazendo a hipótese de que elas podem ter uma leitura predicacional (PRED) e outra especificacional (ESP). Revelamos que, apesar de serem superficialmente idênticas, o que contribui para que as distintas leituras sejam desencadeadas é a configuração estrutural da sentença e a forma como aparecem os seus constituintes: naquelas de interpretação PRED, que as definimos como *Sentença Copular Comum* (ou *SCC*), checamos que o constituinte *ruim*, e somente ele, é o predicador de uma *Small Clause*, e surge na estrutura no lugar mesmo em que é pronunciado, não passando por processo de movimento, de onde insere ampla predicação sobre todo o sujeito, que é o CP encaixado; naquelas *é ruim que* de entendimento ESP, que chamamos de *Sentença Copular de Negação* (ou *SCN*), tendo em vista a expressão fixa negar ou corrigir o que é afirmado na encaixada, verificamos que o *ruim* faz parte dessa expressão fixa, e já cristalizada, a qual aparece na estrutura por meio de movimento, nascendo como adjunto de IP e sendo alçado até o especificador de *FocP* (ou *SpecFocP*), onde adquire função discursiva de foco. Além da forma como o *ruim* ou a expressão fixa surge nessas sentenças, a relação entre a cópula e o verbo principal também contribui para distinguir as sentenças: 1) quanto à flexão de modo, quando é uma *SCC*, a cópula deve estar no modo indicativo, e o verbo principal, no subjuntivo; quando é uma *SCN*, cópula e verbo principal devem estar sempre no modo indicativo; 2) quanto à flexão de tempo, tanto a cópula quanto o verbo principal das *SCC* podem ser flexionados, enquanto nas *SCN*, o verbo principal pode variar entre presente, passado e futuro, mas a cópula deve aparecer, necessariamente, na terceira pessoa do presente do indicativo, o que vem confirmar nossa hipótese de que há uma expressão fixa nas estruturas copulares com *é ruim que* ESP. Outras duas evidências são apontadas como características que distinguem a sentença com *é ruim que* PRED da sentença com *é ruim que* ESP: 1) na semântica, o constituinte *ruim* equivale a *não é bom*, que tem valor apreciativo, quando a leitura for PRED; o par *é ruim* equivale a *não*, nas ESP; 2) na prosódia, há uma discreta elevação sonora do *ruim* sobre os demais constituintes das *SCC*, PRED, enquanto há uma acentuada elevação acústica sobre o *ruim* das *SCN*, ESP. Nossa pesquisa está fundamentada em autores como Zanfeliz (2000), Modesto (2001), Mito (2003), Kato &

Ribeiro (2006), Lobo (2006), Quarezemin (2006, 2009, 2011, 2012) e Resenes (2009), pesquisadores que dedicaram atenção à formação e construção das construções clivadas e focalização, baseando-se na perspectiva da corrente gerativa da linguística.

PALAVRAS-CHAVE: *É ruim que*; Sentença Copular Comum; Sentença Copular de Negação; Foco; Focalização.

ABSTRACT

Based on studies on the structure of copulative sentences in Brazilian Portuguese (PB), according to grammar theory, it's analyzed on this dissertation, the complex copulative sentences what, in the PB, initiated by the formation *é ruim que* in the PB, bringing the hypothesis that they can have one predicational reading (PRED) and other especificational reading (ESP). It's revealed what, though they are similar slightly, that makes the different that are triggered is structural configuration of sentence and the form as come emerged the its constituents: that of PRED interpretation, that we defined as *Common Copulative Sentence* (or *SCC*), it's checked that the constituent *ruim*, and only it, is predicate of a Small Clause, and appears in the structure on even position wherein is pronounced, not passing by the method of movement, from where introduce wide predication on all subject, that is the CP built-in; those sentences *é ruim que* understanding ESP, that denominate of *Negative Copulative Sentence* (or *SCN*), whereas the fixed expression contradict or right what is asserted in built-in, it's perceived what the *ruim* is a part of this fixed expression, and surely crystallized, which appears in structure per movement, germinated as adjunct of Inflexional Phrase (IP) and being elevation to specifier to *FocP* (or *SpecFocP*), where acquires discursive interpretation of focus. Besides the mode as the *ruim* or the fixed expression emerge in that sentences, the relation between the copula and main verb likewise contribute to distinguish the sentences: 1) regarding flexion of mode, when is a *SCC*, the copula must be in the mode indicative, and the main verb, in the subjunctive; when is a *SCN*, copula and main verb must be always on indicative; 2) regarding flexion of temp, both the copula as main verb of the *SCC* can be flexed, whereas at the *SCN*, the main verb can vary in present, past and future, but the copula should appear, necessarily, in third persona of present of indicative, what confirms our hypothesis that there is an fixed expression at the copulative sentences with *é ruim que* ESP. Other two evidences are pointed as characteristics that distinguish the sentence with *é ruim que* PRED of sentence with *é ruim que* ESP: 1) in semantics, the constituent *ruim* equals *not good*, that has appreciation, when the reading will PRED; already the pair *é ruim* equals *not*, at the ESP; 2) in prosody, there discrete sound elevation the *ruim* on the other constituents of *SCC*, PRED, while there is accentuated acoustic elevation on the *ruim* of *SCN*, ESP. Our search it is grounded in authors as Zanfêliz (2000), Modesto (2001), Mito (2003), Kato & Ribeiro (2006), Lobo (2006), Quarezemim (2006, 2009, 2011, 2012) e Resenes (2009),

researchers that devoted their attention on studies the formation and organization of the constituents of cleaved sentences and focalization of constituent, basing itself in approach generative of linguistic.

KEYWORDS: *É ruim que*; Common Copulate Sentence; Negative Copulate Sentence; Generative Grammar; focus; focalization.

TABELA DE SIGLAS

AE	Argumento Externo
AI	Argumento Interno
AP	<i>Adjetival Phrase</i> (Sintagma Adjetival)
CP	<i>Complementizer Phrase</i> (Sintagma Complementizador)
DP	<i>Determinant Phrase</i> (Sintagma Determinante)
<i>ec</i>	<i>Empty Category</i> (categoria vazia)
ESP	Sentença de leitura especificacional
GG	Gramática Gerativa
GT	Gramática Tradicional
IP	<i>Inflexional Phrase</i> (Sintagma de flexão)
K	Caso
LP	Posição Inicial da Sentença
MP	Posição Medial da Sentença
N	Nominativo
<i>NegP</i>	<i>Negative Phrase</i> (Sintagma de Negação)
NP	<i>Nominal Phrase</i> (Sintagma Nominal)
PB	Português Brasileiro
PP	<i>Prepositional Phrase</i> (Sintagma Preposicional)
PRED	Sentença de leitura predicacional
<i>RMN</i>	Restrição sobre o Movimento de Núcleo
<i>SCC</i>	Sentença Copular Comum
<i>SCI</i>	Sentença Copular Clivada
<i>SCN</i>	Sentença Copular de Negação
<i>SpecCP</i>	Especificador de CP
<i>SpecFocP</i>	Especificador de FocP
SVO	Sujeito-Verbo-Objeto
VP	<i>Verbal Phrase</i> (Sintagma Verbal)
θ	Papel Temático (Tema)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I DOS QUESTIONAMENTOS, DOS OBJETIVOS E DAS HIPÓTESES	
Introdução	16
1.1. Do objeto de estudo	16
1.2. Dos questionamentos e das hipóteses	23
1.3. Dos objetivos	
1.3.1. Do objetivo geral	26
1.3.2. Dos objetivos específicos	27
CAPÍTULO II AS SENTENÇAS COPULARES COMPLEXAS SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA GERATIVA	
Introdução	29
2.1. Algumas notas sobre as sentenças do Português Brasileiro	30
2.2. As sentenças copulares	31
2.2.1. As sentenças copulares comuns – <i>SCC</i>	33
2.2.2. As sentenças copulares clivadas – <i>SCI</i>	34
2.2.3. Algumas semelhanças e diferenças entre as <i>SCC</i> e as <i>SCI</i>	36
2.2.3.1. Diferenças sintáticas	36
2.2.3.2. Diferenças semânticas	38
2.2.3.3. Diferenças prosódicas	40
2.3. O conceito de foco	42
2.3.1. Distinguindo foco e pressuposição	44
2.3.2. Tipos de foco e de escopo	48
2.3.2.1. Foco Informacional	51
2.3.2.2. Foco Identificacional	52
2.3.2.3. Foco Contrastivo	53
2.4. O constituinte entre o <i>ser</i> e o <i>que</i> e sua relação com a sentença	57
Resumo do capítulo	65

CAPÍTULO III

ANÁLISE DAS SENTENÇAS COM *É RUIM QUE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Introdução -----	68
3.1. Contextos discursivos das sentenças com <i>é ruim que</i> -----	69
3.2. A sintaxe das sentenças com <i>é ruim que</i> -----	75
3.2.1. Congruência e divergência da flexão tempo e modo dos verbos -----	78
3.2.2. Diferentes estruturas para as sentenças com <i>é ruim que</i> no PB -----	83
3.2.3. Liberdade de posicionamento do <i>ruim</i> -----	95
3.3. Um pouco da semântica das sentenças com <i>é ruim que</i> -----	97
3.4. E algumas notas sobre a prosódia das sentenças com <i>é ruim que</i> -----	102
Resumo do capítulo -----	105
CONCLUSÃO -----	110
BIBLIOGRAFIA -----	113

INTRODUÇÃO

É comum ouvirmos entre os falantes do Português Brasileiro (PB) estruturas como as que apresentamos abaixo:

É ruim que eu vá

Ou

É ruim que eu vou

nas quais os vocábulos que a expressão *é ruim que* aparecem distribuídos de dentro de uma sentença complexa, ou inserem uma apreciação do falante sobre uma ação ou negam essa ação. Podemos inferir que, essas sentenças equivalem, aparentemente, ao que se poderia ser dito de forma simples, como *Eu não vou*, em que está evidente a ordem canônica dos constituintes. Apesar de as duas sentenças iniciais deste trabalho serem de uso comum na oralidade, não há estudos linguísticos – pelo menos ainda não evidenciados por nós – voltados para o estudo dessas sentenças com *É ruim que* no PB.

Está claro para nós que toda a expressão *É ruim que* condiz com o que a teoria linguística chama de sentença copular complexa, pois nela identificamos uma cópula encabeçando o enunciado e, além dela, um constituinte, o *ruim*, ensanduichado entre essa cópula e o *que*, complementizador. Sabendo que há diferentes formas de organização e distribuição de constituintes numa sentença copular complexa, este trabalho tem como propósito fazer uma análise sintática das sentenças copulares complexas encabeçadas pela expressão *é ruim que* no PB.

Além da sintaxe, proporemos aqui uma discussão sobre a semântica e, também, sobre a prosódia dessas sentenças com *É ruim que*. Para tanto, tomaremos como referência duas letras musicais – uma da dupla César Menotti e Fabiano e outra da artista Giselly Dell, que gravou a música *É ruim que cê me pega* em resposta à música *Ai se eu te pego*, de Michell Teló –, bem como dois contextos discursivos informais, extraídos do programa virtual *Facebook* e de uma conversa particular entre marido e mulher. Em ambas as situações, frases com essa estrutura foram identificadas.

Para que possamos alcançar os fins a que nos propomos nesta pesquisa, dividiremos esta dissertação em três capítulos, a fim de que, assim, possamos desenvolver nossas ideias de modo a facilitar a compreensão das conjecturas que fazemos a respeito das sentenças introduzidas por essa estrutura *é ruim que*. No primeiro capítulo, que trará os objetivos que

pretendemos atingir com essa pesquisa, bem como os questionamentos que nos fazemos e as hipóteses que apontamos sobre a forma como a expressão *é, ruim e que* surge na estrutura, desenvolveremos nossas ideias iniciais sobre a sintaxe dessas sentenças. Assim, já no capítulo I, anteciparemos os fundamentos de nossa pesquisa e interesses de nossa pesquisa.

Considerando a teoria gerativa, corrente que adotamos como perspectiva de análise, porque é uma vertente que analisa a língua em seu processo de formação, no segundo capítulo faremos um levantamento teórico de como os estudiosos analisam e classificam as sentenças copulares complexas, as quais trazem um constituinte ensanduichado entre dois outros. Entendendo que as sentenças com *é ruim que* são também copulares, já que é uma elocução cuja estrutura é sempre aberta pela expressão *é + ruim + que*, em que o *ruim* se realiza também ensanduichado, nos respaldaremos em dois conceitos: aquele que define uma sentença copular comum e aquele que define uma sentença copular clivada, uma vez que são as duas únicas categorizações que encontramos para as estruturas copulares complexas.

Sabendo que essas sentenças, às quais nos propomos analisar, podem ter duas interpretações distintas, que se dão conforme a configuração sintática dos constituintes de cada uma, somente no terceiro – e último – capítulo é que iniciaremos a análise das sentenças com *é ruim que* propriamente ditas. Esse capítulo será organizado considerando, em especial, a sintaxe dos constituintes, uma vez que é a forma como eles se (re)arranjam na estrutura que dá a sentença as diferentes leituras. No entanto, além da sintaxe, sopesaremos também a semântica e a prosódia, a fim de ratificarmos que, além da sintaxe, essas duas áreas da linguagem são relevantes na categorização de um e outro tipo de estrutura com *é ruim que*. Nossa intenção é que, cogitando essas três perspectivas de análises, possamos corroborar que há, sim, dois papéis distintos no discurso da expressão *é ruim que*.

No final, como conclusão das análises que neste trabalho realizaremos, exporemos nossas ideias finais, de modo que elas ratifiquem – ou não – o que apresentaremos ao longo dos capítulos, que, se amparando no que diz a teoria sobre as sentenças copulares, pretende descobrir se em alguma das definições teóricas sobre as sentenças copulares complexas, as sentenças com *é ruim que* podem ser encaixadas ou se, para estas, haverá uma nova categorização.

Para desenvolver cada um dos capítulos, não deteremos nossa análise num vasto corpus, nem escrito nem falado, mas apenas nas situações e letras musicais já mencionadas. Na teoria que adotamos, conforme podemos ler em Borges Neto (2001, p. 100), “assume-se a prioridade do teórico sobre o empírico”, e essa prioridade permite que uma análise sintática das sentenças de uma língua não necessite ser realizada sobre um universo extenso de

estruturas, tendo em vista que um só enunciado já é capaz de representar todo o universo possível de outros novos enunciados. Com base nessa perspectiva, nossas análises serão realizadas, ainda, em frases elaboradas, respeitando a gramaticalidade de cada uma.

CAPÍTULO I

DOS QUESTIONAMENTOS, DAS HIPÓTESES E DOS OBJETIVOS

INTRODUÇÃO

Considerando as sentenças simples e complexas do Português Brasileiro (PB), temos como finalidade neste trabalho estudar um tipo de sentença copular que, tida como estrutura complexa, é iniciada pela presença de três termos: *é*, *ruim* e *que*. Nesta dissertação iremos, pois, estudar sentenças copulares complexas que são iniciadas por *é ruim que*. Tais sentenças, como percebemos, têm, na realização de seus constituintes, uma configuração semelhante ao que a literatura chama de sentença copular clivada (doravante, *SCI*) ou sentenças copulares comuns (doravante, *SCC*). Tomando como referência os preceitos teóricos da teoria gerativa, nosso propósito é analisar a sintaxe das sentenças introduzidas pela expressão *é ruim que* no PB. Para tanto, esperamos encontrar respaldos teóricos que possam, se não sustentar nossas ideias iniciais, tornar aceitável o que iremos, daqui por diante, apresentar e defender.

1.1. DO OBJETO DE ESTUDO

Nesta seção, nosso intuito é fazer uma apresentação do tipo de análise que pretendemos realizar sobre esse tipo de sentença copular que parece típica da oralidade do PB e sobre a qual não há ainda – pelo menos, não evidenciamos – estudos realizados numa perspectiva gerativa. Desse modo, o trabalho que realizamos está voltado para análise sintática das sentenças copulares complexas encabeçadas por *é ruim que*. Respaldaremos nossa pesquisa em propostas de diferentes autores, os quais tomam por base a teoria gerativa e dividem as sentenças copulares complexas em dois tipos de estruturas: as *SCC* e *SCI*.

Primeiramente, orientaremos nossa análise na ideia de que, no processo de elaboração das *SCC* e *SCI*, a gramática individual do falante ativa dois recursos linguísticos distintos: o da concatenação e o da movimentação de constituintes, respectivamente. Para formular e reformular as sentenças com *é ruim que*, entendemos que o raciocínio mental do falante é o mesmo utilizado no processo de elaboração das *SCC* e *SCI*, ou seja, ora ele faz uso da inserção de novos constituintes na estrutura, ora ele movimenta um constituinte para dar a ele interpretação discursiva de foco.

Conforme a teoria, numa das sentenças copulares o constituinte entre o *ser* e o *que* nasce como predicador, onde também é realizado, e, na outra, o termo que também aparece

entre o *ser* e o *que* é um constituinte que sai da posição onde nasceu – sendo, pois, derivado de um movimento – para ser realizado, e interpretado como foco, numa posição mais acima. É considerando as definições para as *SCC* e *SCL* que veremos se as características dessas sentenças são convergentes ou divergentes da forma como são construídas as sentenças com *é ruim que*.

Para iniciar a análise das sentenças introduzidas por *é ruim que*, mostraremos evidências de que essas sentenças – cuja estrutura sintática apresenta uma cópula, seguida, respectivamente, do constituinte *ruim* ensanduichado, que ora parece ser o foco da estrutura, ora parece ser o predicador, e de um complementizador – podem ser analisadas por dois viéses distintos: 1) o de serem simples *SCC*, cuja leitura semântica também é do tipo predicacional (de agora em diante, *PRED*), tendo em vista o constituinte *ruim* predicar uma informação sobre toda a encaixada; 2) o de serem sentenças copulares de negação (deste ponto em diante, *SCN*), com leitura especificacional (doravante, *ESP*), já que nela há um par de constituintes cuja função é negar a afirmação da encaixada, mudando o seu conteúdo proposicional.

Para fortalecer nossos argumentos, num primeiro momento, traremos somente os conceitos acerca das *SCC* e das *SCL*, uma vez que, na teoria, não há apontamentos para as *SCN*, sentenças copulares, complexas e especificacionais, de negação. Nossa intenção é que, com nossos dados, possamos, no capítulo da análise, concluir se, de fato, as sentenças iniciadas por *é ruim que* podem ser interpretadas como *SCC*, de leitura *PRED*, ou como *SCN*, cuja leitura semântica é *ESP*, apesar de não ser uma estrutura clivada. Para tanto, buscaremos verificar, na comparação com sentenças semelhantes, se numa leitura ou na outra o foco tem papel tão relevante quanto o tem nas demais sentenças com a estrutura copulativa.

As sentenças copulares são assertivas em cuja estrutura há uma cópula – esteja ela na posição inicial, medial ou final da sentença –, único termo responsável por atribuir a denominação de estrutura copular à sentença. Neste trabalho, nos interessam especificamente as sentenças copulares que, além da cópula, trazem também um constituinte ensanduichado e um complementizador em sua estrutura, configurando a construção *ser + constituinte + que*, que nos faz pensar na expressão *é + ruim + que*. Para entendermos a organização e realização dos constituintes dessas estruturas, compararemos as sentenças copulares com *é ruim que* com outros tipos de sentenças copulares, no intuito de que, com base nessa comparação, possamos afirmar que essas sentenças, apesar de superficialmente semelhantes, não são estruturalmente iguais.

Nas sentenças copulares complexas, a relação do constituinte pós-cópula, que basicamente aparece ensanduichado entre a cópula e o complementizador, pode se dar de maneira em que ele se relacione com toda a oração encaixada ou com apenas um vestígio dentro dela. Quando a relação do constituinte pós-cópula se dá com toda a oração encaixada, temos uma sentença PRED e nela o constituinte pós-cópula é classificado como predicador, pois insere uma informação que se aplica a toda a oração encaixada. Diferentemente, quando o constituinte na posição pós-cópula relaciona-se com apenas uma variável dentro da encaixada, esse constituinte é chamado de foco e a sentença copular, por sua vez, é classificada como uma sentença ESP. Por essa dupla possibilidade de relação – *predicador/encaixada* ou *foco/estígio* – que mostra a teoria e pelo que identificamos nas sentenças específicas que estamos analisando é que inferimos que as sentenças com *é ruim que* possuem também duas leituras semânticas distintas, tendo em vista a forma como se dá a relação do *ruim* com os demais constituintes da estrutura.

Sobre o foco, podemos dizer que ele pode ter, também, duas formas de se relacionar com os constituintes da estrutura: quando o que ele informa está associado a toda a oração que aparece encaixada, dizemos que há uma vinculação larga, ampla do foco, razão pela qual ele é chamado de Foco Largo; de outra forma, quando sua informação recai apenas sobre um vestígio da estrutura – que pode ser um vazio ou um *pronome-Q* –, há entre o foco e esse vestígio uma vinculação estreita, com predicação específica do foco sobre esse vestígio, fato que permite definir esse foco como Foco Estreito. Para que possamos mostrar as diferenças entre as copulares com foco de escopo amplo daquelas com foco de escopo estreito, vejamos, inicialmente, a sentença apresentada em (1), abaixo:

(1) *É natural que Ana queira descobrir o segredo.*

Vemos em (1) que o adjetivo *natural*, ocupante da posição entre o *ser* e o *que*, apresenta uma informação que recai sobre toda a oração encaixada *Ana queira descobrir o segredo*. Como *natural* é um constituinte que nasceu onde é realizado, ele é um predicador e, como tal, estabelece relação de predicação ampla sobre a encaixada. Além dessa ampla predicação, em *natural* identificamos uma apreciação ou julgamento do falante em relação à afirmação feita na encaixada. Em outras palavras, do seu ponto de vista, o falante considera “natural” que *Ana queira descobrir o segredo*. A relação, pois, que se dá é de *predicador/encaixada*, o que nos permite interpretar a sentença como uma estrutura PRED, já que a predicação *natural* está para o fato de *Ana querer descobrir o tal segredo*.

Por causa de na copular predicacional de (1) o predicador ter sido inserido numa oração encaixada plena de constituintes – considerando a presença do núcleo biargumental (*queira*) e dos seus dois argumentos: externo (*Ana*) e interno (*descobrir o meu segredo*) –, as interpretações da oração neutra *Ana quer descobrir o meu segredo* e a versão copular em (1) não podem ser as mesmas, pois, ao surgir na sentença um predicador de valor apreciativo, no caso o constituinte *natural*, para predicar sobre tudo o que era afirmado na sentença de origem e que, agora, aparece como oração encaixada, acrescentamos igualmente uma nova leitura, porque esse constituinte traz uma informação que antes não existia. Em outras palavras, dizer simplesmente *Ana quer descobrir o segredo* não é o mesmo que dizer *É natural que Ana queira descobrir o segredo*, já que existe a apreciação do enunciador sobre a ação de *querer descobrir* nesta que não aparece naquela.

Há, no entanto, sentenças copulares cuja relação do constituinte entre o *ser* e o *que* se dá com apenas um vestígio dentro da encaixada, e não mais com toda essa oração. Essa relação é do tipo *foco/vestígio* e acontece quando o foco surge na sentença por meio de movimento, diferente do que aconteceu em (1). Nesse caso, o constituinte sai de sua posição original para ocupar a posição de foco, costumeiramente ensanduichada entre a cópula e o complementizador. Vejamos como esse processo acontece considerando (2), abaixo:

(2) *É [Ana]_i que [_i] quer descobrir o segredo.*

Notemos que (2), apesar de lembrar o que foi dito em (1), não recebe a mesma interpretação, tampouco o foco pode estabelecer uma relação de vinculação ampla com a encaixada, já que na encaixada de (2) identificamos um espaço vazio deixado por um constituinte que, possivelmente, saiu de sua posição *in-situ*¹ para ocupar outra. Em (2) foi o que aconteceu com o constituinte *Ana*, presente entre o *ser* e o *que*. Essa movimentação, além de vincular o foco ao seu vestígio dentro da oração encaixada, é o que dá aos constituintes da estrutura uma relação de foco estreito, específico. Por esse fato, interpretamos a sentença (2) como uma sentença de leitura semântica especificacional.

É por causa do movimento do constituinte para a posição focal que teóricos como Pinto; Ribeiro (2008), considerando Lambrecht (2001), afirmam que tanto a sentença neutra que dá origem a copular especificacional, quanto a sentença copular dela derivada carregam a mesma informação. Entretanto, acastelamos que essa equivalência se percebe somente no papel sintático desempenhado pelos constituintes, uma vez que, na sentença neutra, o termo

¹ Posição onde o constituinte é gerado.

Ana não tem a evidência ou o destaque que tem quando alcança a posição de foco da estrutura, como em (2). Assim, enquanto na versão neutra *Ana* é apenas o constituinte que ocupa a posição de *argumento/especificador* de *querer*, na versão copular esse constituinte passa a ser, também, uma categoria focal. O pensamento de Pinto; Ribeiro (2008) pode ser confirmado quando eles dizem que “[...] essas duas orações juntas expressam uma simples proposição lógica que poderia ser expressa de uma forma simples” (PINTO; RIBEIRO, 2008, p. 1).

A depender do tipo de leitura que a sentença copular receba – se predicacional ou se especificacional –, ela é classificada distintamente: se a leitura for do tipo predicacional, a sentença será definida como *SCC*; se, por sua vez, a leitura for especificacional, a sentença passa a constituir uma *SCI*. Tanto nas *SCC* quanto nas *SCI* percebemos a estrutura *ser + constituinte + que* ou *cópula + constituinte + complementizador*.

A oração neutra que dá origem às sentenças copulares *SCC* e *SCI* e as suas respectivas versões copulares não têm a mesma interpretação semântica. Enquanto na *SCC*, o constituinte ensanduichado entre o *ser* e o *que* não interfere na organização sintática dos termos da sentença neutra original, mas modifica sua interpretação semântica, nas *SCI*, o movimento de um dos constituintes mexe na configuração sintática da sentença, mas mantém, entre as versões neutra e copular, uma equivalência semântica, permitindo que o conteúdo básico de ambas seja mantido.

Esclarecendo o que afirmamos no parágrafo anterior, consideremos que a oração *Você me faz esse pedido* tanto deu origem à *SCC* *É desnecessário que você me faça esse pedido* quanto à *SCI* *É você que me faz esse pedido*. Notemos que, apesar de ambas as sentenças copulares terem sido derivadas de uma mesma sentença neutra, elas são diferentes: enquanto o constituinte *desnecessário*, na *SCC*, não mexeu nos demais que formavam a sentença de origem, tendo em vista somente inserir na nova estrutura um constituinte que apresenta uma leitura mais pessoal e subjetiva, o constituinte *você*, na *SCI*, revela que a sintaxe dos constituintes da estrutura original foi alterada, uma vez que o argumento externo de *faz*, *você*, foi movido e acomodado entre o *ser* e o *que*, ainda que tenha mantido com a oração neutra original uma leitura semântica semelhante.

Sabendo que na oralidade do PB é comum encontrarmos sentenças copulares complexas com o *é ruim que* encabeçando a estrutura, acreditamos que, como acontece com as copulares complexas tradicionais, essas sentenças recebem duas interpretações também distintas: ora podem ser lidas pelo viés da leitura predicacional, ora podem ser analisadas como aquelas de leitura especificacional, sendo que, nesta última, o foco que existe estabelece

relação de escopo estreito com uma variável identificada na semântica encaixada, enquanto na primeira, o constituinte predicador tem vinculação larga ou ampla.

Conforme aponta a literatura sobre diferentes estruturas para dois tipos de sentenças copulares e considerando que ainda não há pesquisas desenvolvidas sobre as sentenças com *é ruim que* no PB, nós, considerando a realização dos vocábulos *é*, *ruim* e *que*, bem como o tipo de escopo que existe em relação aos demais da estrutura, dividimos, como já dissemos, as sentenças com *é ruim que* de duas maneiras: como *SCC* ou como *SCN*, a qual abordaremos mais adiante.

Vejam as sentenças em (3), (4) e (5), abaixo, em cujas estruturas identificamos a estrutura *é ruim que/de*:

(3) *É ruim que Ana encontre uma solução.*

(4) *É ruim que Ana encontra uma solução.*

(5) *É ruim de Ana encontrar uma solução*

Podemos inferir que todas as sentenças veiculam basicamente a mesma informação – visto que a construção *é ruim que* é comum a (3) e (4), e *é ruim de* aparece em (5) –, e a oração encaixada se encontra plena, com o verbo *encontrar* acompanhado do seu argumento interno e estes ligados ao seu argumento externo *Ana*. Entretanto, com um olhar mais atento, percebemos que essas sentenças possuem algumas especificidades, o que faz com que as leituras PRED ou ESP sejam identificadas.

Em (3), o adjetivo *ruim* – que se encontra na mesma posição das demais estruturas – permite que o leitor identifique nele um julgamento sobre aquilo que aparece na ação presente na encaixada. É como se o falante, ao proferir tal estrutura, estivesse deixando clara a relação implícita do tipo *causa/consequência* daquilo que se dará, se, porventura, a ação da encaixada venha a se configurar. Nessa estrutura, pois, o *ruim* é um predicador que tem escopo sobre toda a ação de *Ana encontrar uma solução*, e não somente sobre um dos seus constituintes. Em outras palavras, vemos em (3) que o foco *ruim*, da tríade de constituintes *é ruim que*, associado à cópula, pode ser interpretado como *não é bom*. Assim, dizer (3) equivale a dizer *Não é bom que Ana encontre uma solução*, na qual o sujeito, que é a oração encaixada, aparece posposto ao seu predicador, desfazendo a ordem *Sujeito/Predicador*: *Que Ana encontre uma solução não é bom*. Ainda na estrutura, vemos que (3) corresponde a uma sentença do tipo que a Gramática Tradicional (GT) classifica como oração subordinada substantiva subjetiva encabeçada de sua respectiva oração principal, da qual a própria

“subordinada” é o sujeito. São, pois, sentenças como (3) que, para nós, pertencem ao grupo de copulares com leitura PRED.

Em (4), por sua vez, o adjetivo *ruim*, que ocupa a mesma posição entre o *ser* e o *que*, estabelece com a encaixada um vínculo distinto e não pode, pois, receber a mesma interpretação que recebeu em (3). Essa diferença se dá porque, em (4), percebemos nos constituinte *é* e *ruim* uma espécie de correção ao que é afirmado na oração encaixada. Ou seja, quando surge na sentença a expressão *é ruim que*, a interpretação do que é afirmado encaixada passa a ser exatamente o seu contrário. Assim, em (4), ao associarmos o *ruim* à cópula, vemos que esses dois constituintes, juntos, passam a configurar uma espécie de expressão pronta e, sobre a oração encaixada inserem contraste.

Fazendo a leitura do conteúdo proposicional de (4), que tem como *Inflexional Phrase* (doravante, IP) a oração *Ana descobre o meu segredo*, entendemos o conteúdo proposicional identificado na sentença neutra *Ana não encontra uma solução*. Essa equivalência é o que nos leva a pensar que a função da expressão *é ruim que*, da sentença copular é, aparentemente, a mesma do constituinte *não*, presente na sentença neutra, razão pela qual ela muda, significativamente, o sentido de uma afirmação. Por que é capaz de alterar o sentido de uma afirmação, mudando-a de uma afirmativa para uma negativa, é que pensamos que há na expressão *é ruim que* algum tipo de relação específica com a encaixada, fazendo com que sua interpretação e estrutura sejam modificadas. Por considerarmos essa relação estreita é que afirmamos que, na sentença em (4), há uma leitura ESP.

(5), por sua vez, apresenta estruturalmente algumas diferenças de (3) e (4). Enquanto estas têm um *que* depois do foco, aquela tem a preposição *de*; enquanto o verbo destas está na sua forma finita, naquela o verbo aparece em sua forma infinita. Apesar, porém, de possuir diferença estrutural em relação às demais, a sentença traz o constituinte *ruim* ocupando a mesma posição que as demais, ou seja, ensanduichado entre a cópula e um outro constituinte, no caso, a preposição *de*.

Quanto à interpretação semântica, (5) equivale basicamente à (4), podendo também ser interpretada como *Ana não encontrará uma solução*. Nesse caso, (5) seria, também, uma sentença de leitura semântica especificacional. Como nosso objetivo é analisar as estruturas que são introduzidas pela expressão *é ruim que*, não nos deteremos na análise de sentenças iniciadas por *é ruim de*, como (5), o que não nos impedirá de fazermos uma investigação futura.

Deste ponto em diante, buscaremos sistematizar as questões e as hipóteses que nortearão este estudo sobre as estruturas como as sentenças (3) e (4), apresentadas acima, encabeçadas por *é ruim que* no PB.

1.2. DOS QUESTIONAMENTOS E DAS HIPÓTESES

Diante das interpretações semânticas que delineamos sobre os enunciados presentes em (3) e (4) e baseados nas características prévias que apresentamos das *SCC* e das *SCI* – tendo em vista não encontrar na literatura teorias sobre as *SCN* – respectivamente, predicacionais e especificacionais, alguns questionamentos nos fazemos, para os quais pretendemos, ao longo deste trabalho, encontrar as respostas.

Logo no início deste capítulo, afirmamos que as sentenças copulares encabeçadas pela construção *é ruim que* podem ter duas leituras semânticas: uma *PRED* e outra *ESP*. Interessamos agora, e primeiramente, saber o que nos permite argumentar que essas sentenças podem ser interpretadas como *SCC*, de leitura *PRED*, ou como uma *SCN*, cuja leitura é *ESP*.

As sentenças copulares complexas de leitura predicacional, como sabemos, são estruturas cujo predicador tem escopo sobre toda a oração que aparece encaixada, sem, contudo, mexer na distribuição dos constituintes desta. Na sentença (3), por exemplo, o *ruim*, predicador, não modificou a configuração estrutural da oração encaixada e sobre ela inseriu predicação ampla. Também, esse mesmo constituinte expôs a opinião do falante sobre o que estava sendo afirmado. Por essas evidências é que a sentença (3), cuja relação de predicação é do tipo *predicador/encaixada*, não pode receber uma leitura diferente daquela que identificamos nas copulares complexas predicacionais.

O constituinte *ruim*, que aparece na sentença copular em (4), quando vinculado à cópula, formando uma expressão fixa, tem a função de corrigir, retificar o que está sendo afirmado pelos constituintes da oração encaixada, modificando, assim, sua carga informacional. Dessa forma, por corresponder à negação de uma afirmação, é que arrazoamos que a relação de *é ruim*, nessa sentença, não é do tipo *predicador/encaixada*, mas do tipo *foco/estígio*, haja vista a alteração de sentido que ele provoca na encaixada.

Analisando a oração *Ana descobre o meu segredo*, verificamos nela a ausência do constituinte de negação *não*, o que configura a oração como uma afirmativa. Entretanto, quando essa mesma oração aparece encaixada à sentença que traz a expressão *é ruim que* no *CP*, como mostramos em (4), essa afirmação passa a ter leitura de negação, do tipo *Ana não*

descobre o meu segredo, fato que nos faz acreditar que o *é ruim*, dessas sentenças, estabelece algum tipo de relação estreita com a encaixada.

Mostrar por que, como e em que circunstâncias a expressão *é ruim* das sentenças ESP do tipo (4) tem escopo estreito com algum tipo de variável na encaixada, constituindo uma sentença de leitura especificacional, é o nosso maior desafio, considerando que, como as sentenças em (4), o *CP* modifica essencialmente a encaixada, corrigindo ou negando o que nela é proferido.

Outra questão é saber em que consiste o constituinte *ruim*: se ele é foco ou não; se é predicador ou não, de modo a explicar como se mantém a relação *ser + ruim + que*. Em princípio, defendemos que, a depender da estrutura, o constituinte *ruim* pode ser um predicador, que faz parte de uma *Small Clause*, como pode corresponder ao foco, fazendo parte de uma expressão fixa e já cristalizada no PB. Em ambos os casos, o *ruim*, para nós (e neste momento de uma pesquisa, à qual pretendemos dar continuidade), representa a informação não pressuposta da sentença². Para reconhecermos a relação do predicador *ruim* ou da expressão cristalizada com os demais constituintes da sentença, mostraremos a sua realização dentro da estrutura, se ele foi ou não movido, se ele surgiu, como surgiu, bem como, se nele identificamos pico acentual mais destacado na pronúncia.

Na possibilidade de haver uma expressão cristalizada que é foco na sentença ESP com *é ruim que*, conforme vimos no parágrafo anterior, outros questionamentos nos fazemos: se essa expressão é um foco na sentença especificacional, e todo foco devendo ser gerado via movimento, de onde essa expressão foi movida? Que posição ocupava antes do seu movimento? Se não encontramos *é ruim que* dentro da sentença neutra *Ana não descobre o meu segredo*, e essa sentença neutra é, aparentemente, equivalente a *É ruim que Ana descobre o meu segredo*, temos uma sentença neutra que deu origem a uma copular? Se temos, como era essa estrutura neutra? Era uma estrutura que tinha a expressão cristalizada ou o *não*? De que forma aparece a expressão cristalizada que corrige a afirmação da encaixada? E por que o *não* não faz essa correção? É somente o *ruim* que nega a encaixada ou, de fato, a expressão cristalizada *é ruim*?

Diante das nossas questões, a hipótese que assumimos é a de que as sentenças copulares com *é ruim que* se dividem, sim, em duas sentenças com leituras semânticas distintas: uma PRED, que definimos como *SCC*, e outra ESP, à qual estamos chamando neste trabalho de *SCN*.

² Trataremos de pressuposição e não pressuposição mais adiante, no capítulo teórico no qual serão apresentados os conceitos de Foco.

Conforme nossa conjectura, as *SCC* são formadas por uma *Small Clause* com argumento e predicador – ou sujeito e predicado –, em que este tem escopo amplo sobre aquele. As *SCN*, entretanto, que também são iniciadas por *é ruim que*, têm uma periferia à esquerda, na qual o *CP* aparece para receber uma expressão cristalizada que sobe para *CP*, a fim de negar o que é afirmado na oração encaixada.

Conjecturamos, ainda, que na versão PRED das sentenças com *é ruim que*, o *ruim* é surge na sentença na posição mesma em que é realizado; logo, é um constituinte que não sofre nenhum tipo de movimento. Na sentença ESP com *é ruim que*, entretanto, acreditamos que há movimento de constituinte, tendo em vista que, nessa estrutura, a expressão *é ruim que* mantém uma relação estreita, específica com o *IP* encaixado ao *CP*.

Como a literatura classifica apenas como sentença copular especificacional a *SCL*, e nós definimos a *SCN* como uma sentença copular especificacional com *é ruim que*, faremos, no parágrafo seguinte, o levantamento de algumas características das *SCL*, para vermos se, de fato, as *SCN* com *é ruim que* podem ter leitura ESP.

As *SCL* são especificacionais, porque o foco, derivado de movimento, estabelece vínculo estreito com o vestígio que deixou em sua posição *in-situ* ao ser movido. Além do movimento, outras exigências são colocadas para que a sentença seja *SCL*: i) o constituinte entre o *ser* e o *que* deve ser o foco da estrutura, além de corresponder à parte não pressuposta da sentença, ficando a informação pressuposta na oração encaixada; ii) o foco tem destaque prosódico sobre os demais constituintes da estrutura, especialmente quando estabelece correção; iii) o foco tem relação estreita com um vestígio, mantendo, pois, uma relação do tipo *valor/variável* ou *foco/vestigio*; iv) o que é dito na sentença copular equivale essencialmente ao que é dito numa sentença neutra.

Considerando as características que configuram uma *SCL*, por natureza ESP, dizemos que as *SCN*, também ESP, têm também em sua estrutura um foco, realizado por uma expressão cristalizada que foi movida de sua posição original. No entanto, é uma expressão que não deixou vestígio sintático, mas um vestígio semântico, considerando, nesse aspecto, a mudança do conteúdo proposicional da encaixada. Da mesma forma que nas *SCL*, nas *SCN*, a expressão cristalizada representa a informação não pressuposta da estrutura, como também recebe a maior elevação sonora, quando a sentença é pronunciada. Além disso, as ESP com *é ruim que*, apesar de não serem estruturas derivadas de uma sentença neutra específica – como são as *SCL* –, elas mantêm uma relação de equivalência com a versão neutra semanticamente oposta à afirmação da oração encaixada. Ou seja, se a oração encaixada da *SCN* for uma afirmativa, a versão neutra equivalente será uma sentença negativa; se, por sua vez, a

encaixada da *SCN* for uma negativa, a versão neutra será uma sentença afirmativa, como podemos mostrar abaixo:

É ruim que Ana chega cedo. / *Ana não chega cedo.*
 Ou
É ruim que Ana não chega cedo. / *Ana chega cedo.*

As questões que agora levantamos e as hipóteses que aqui propomos, acerca do modo como se dá a realização da expressão *é ruim que* nas sentenças de leitura ESP, a qual traz um foco na posição *SpecCP*, mantendo algum tipo de relação específica com a encaixada, terão respostas quando apresentarmos, no capítulo específico de análises, as relações sintática, semântica e prosódicas estabelecidas entre todos os termos dessas estruturas.

1.3. DOS OBJETIVOS

Diante do que expusemos sobre as duas possibilidades de interpretação das sentenças com *é ruim que* no PB podem ter, e dos questionamentos que fizemos e das hipóteses que levantamos, pretendemos alcançar os objetivos seguintes neste trabalho:

1.3.1. DO OBJETIVO GERAL

- *Analisar as sentenças copulares com “é ruim que” de modo que possamos revelar que essas sentenças, apesar de semelhantes, configuram duas estruturas distintas, que têm realizações sintáticas exclusivas, bem como leituras semânticas próprias.*

Ainda que sem uma pesquisa empírica para mostrar o quanto essas sentenças são recorrentes na língua, percebemos que sentenças iniciadas por *é ruim que* são de uso comum na oralidade do PB – embora nada impeça que elas também apareçam na escrita – e que ocorrem em contextos discursivos distintos que, a depender da situação comunicacional em que apareçam, acastelam a proposta aqui defendida, de que existem duas leituras semânticas distintas, uma predicacional e outra especificacional. O objetivo geral desta dissertação é mostrar que as sentenças com *é ruim que* têm, também, estruturas sintáticas distintas: se PRED, as quais objetivam inserir uma apreciação pessoal do falante sobre aquilo que é pronunciado, a sentença é formada por predicador e sujeito, este sendo a oração encaixada. Na semântica dessas sentenças PRED, entendemos que quando o falante utiliza o *é ruim que* ele dá a esses constituintes o valor de *não é bom*, expondo sua opinião sobre o que vem sendo

afirmado na encaixada. Se ESP, a sintaxe se organiza de forma que um IP pleno é encaixado num *CP* que surge na periferia à esquerda da estrutura, e, quando aparece, retifica uma afirmação, vindo a negá-la. Ou seja, quando pronuncia essa estrutura, o falante evidencia que o que é apontado como certo na encaixada – ainda que seja uma afirmativa de negação – não acontecerá. A ênfase nessa correção é percebida, maioria das vezes, quando a pronúncia do *ruim* é enfatizada em companhia da expressão *heim*.

A fim de que possamos alcançar o objetivo geral aqui proposto, realizaremos análises morfossintáticas dos constituintes de uma e de outra sentença com *é ruim que*. Apresentaremos, abaixo, objetivos mais específicos, para que não deixemos dúvidas sobre o que agora afirmamos.

1.3.2. DOS OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- (i) *Analisar morfossintaticamente os constituintes das sentenças com “é ruim que” e revelar que, a depender da classificação dos constituintes, é que as sentenças adquirem interpretações semânticas diferentes.*

Faremos uma análise morfossintática do verbo principal das estruturas com *é ruim que*, considerando que o seu modo, se no subjuntivo ou no indicativo, dividem as sentenças com *é ruim que* em *SCC* ou *SCN*. Da mesma forma, destacaremos a correlação sintática entre esse verbo principal e a cópula.

- (ii) *Buscar evidências empíricas de que, na sentença SCN, de leitura especificacional, temos um foco, formado, entre outros, também pelo termo “ruim”.*

Somente nas sentenças *é ruim que SCN*, especificacionais, o constituinte *ruim* faz parte do foco, visto que, nestas, o foco é uma expressão fixa e já cristalizada no PB. Para confirmar que a expressão fixa é foco, mostraremos que ela não só corresponde à informação não pressuposta, como também recebe acento entonacional destacado sobre os demais constituintes e serve de valor para a variável semântica da encaixada, vindo a mudar o seu sentido. Nas sentenças *SCC*, *PRED*, o *ruim* não é foco, mas predicador de uma *Small Clause*.

- (iii) *Revelar que a cópula é flexionável nas SCC e inflexionável nas SCN.*

Somente nas sentenças *SCC* com *é ruim que* a cópula tem liberdade de concordar ou não em tempo e modo com o verbo principal, liberdade essa que não aparece nas sentenças especificacionais, em razão de a cópula fazer parte de uma expressão fixa, cristalizada,

aparecendo, pois, por isso, sempre na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, ainda que o verbo principal, no modo Indicativo, possa aparecer em qualquer tempo.

(iv) Revelar que o constituinte “ruim” é classificado distintamente entre ambas as sentenças, sendo adjetivo nas SCC e, como parte de uma expressão cristalizada, é advérbio nas SCN.

Nas *SCC* com *é ruim que*, o *ruim* equivale a adjetivo, pois insere uma avaliação subjetiva do enunciador sobre o que é afirmado na encaixada, sem, no entanto, modificar sua estrutura sintática. Nas *SCN*, a expressão cristalizada, formada por *ser + ruim*, é o foco da sentença e corresponde a um advérbio de negação, adjunto a IP, que nega tudo o que é dito na encaixada, fazendo toda a estrutura equivaler a exatamente o contrário do que é afirmado.

CAPÍTULO II

AS SENTENÇAS COPULARES COMPLEXAS SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA GERATIVA

INTRODUÇÃO

Conforme a Gramática Gerativa (ou GG), teoria que fundamenta a proposta aqui defendida, já que buscamos fazer uma análise estrutural dos constituintes das sentenças com *é ruim que*, todas as línguas possuem Princípios universais, comuns a qualquer sistema linguístico, e Parâmetros específicos, que distinguem as gramáticas particulares das línguas naturais. Estudar a gramática de uma língua, pois, implica reconhecer e entender como as palavras se agrupam na estrutura sentencial, aceitando que esse agrupamento não se dá de forma livre e espontânea, mas obedece a regras pré-estabelecidas na gramática da língua.

Neste capítulo, voltaremos nossa atenção para a configuração estrutural das sentenças copulares consideradas complexas, tendo em vista que elas servirão de referência para o objeto de pesquisa que nos propomos analisar. Para entender a configuração dessa sentença complexa, abordaremos, sempre que necessário, a ordem básica e mais comumente utilizada no PB, qual seja, a ordem *sujeito + verbo + objeto* (SV0), pois, tendo-a como parâmetro, compreenderemos o processo por que passam os constituintes de uma sentença neutra para a reestruturação dessa em uma sentença complexa.

Ainda, ser-nos-á relevante discorrer sobre a categoria responsável pela interpretação discursiva do texto: o foco. Identificando o foco, podemos determinar, no discurso, a informação desconhecida entre os interlocutores, bem como aquela partilhada. Além de saber onde recai a informação não pressuposta, reconhecendo o foco identificamos qual o tipo de sentença copular complexa que se realiza na estrutura, bem como o tipo de leitura semântica que ela possui.

Seguindo a análise que faremos sobre o foco, faremos algumas considerações sobre dois tipos de sentenças complexas muito estudadas na teoria gerativa: as sentenças copulares comuns e as sentenças copulares clivadas, que, apesar de semelhantes, têm estruturas diferentes, já que uma traz uma relação de predicação ampla, enquanto, na outra, a relação de predicação interfere na composição sintática do IP encaixado.

Nosso trabalho tomará por referência os estudos de Zanfeliz (2000), Modesto (2001), Mioto (2003), Kato & Ribeiro (2006), Lobo (2006), Quarezemin (2006, 2009, 2011, 2012), Pinto; Ribeiro (2008), Guessier (2009), Resenes (2009) e Ribeiro (2009), além de outros.

2.1. ALGUMAS NOTAS SOBRE AS SENTENÇAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Toda comunicação linguística se realiza através do agrupamento de constituintes que, em posições específicas, desempenham, além de funções sintáticas e semânticas, papéis relevantes, com cargas informacionais essenciais para a interpretação daquilo que é dito.

No PB, assim como em qualquer língua natural, há duas formas de organizar estruturalmente os enunciados: na posição canônica dos constituintes, em que, quase sempre, a ordem é não marcada; na posição inversa, em que os constituintes ou são remanejados de posições ou à sentença são acrescentados novos itens linguísticos, configurando a ordem marcada.

Observemos as sentenças (6), (7) e (8) abaixo:

- (6) *Ana não descobre o meu segredo.*
- (7) *O meu segredo Ana não descobre.*
- (8) *?Ana descobre não o meu segredo.*

Nessas sentenças, vemos que *Ana* é o *experienciador* da sensação de *descobrir*, no mesmo instante em que *o meu segredo* é o *tema*. Contudo, (6), (7) e (8) apresentam diferenças estruturais. A sentença em (6) está na ordem não marcada, canônica, visto que além de seguir o padrão SVO, não denota elevação sonora sobre qualquer outro constituinte. Já aquelas em (7) e em (8) tiveram mudadas as posições de alguns constituintes. Em (7), o Argumento Interno (doravante, *AI*) de *descobre* antecede o Argumento Externo (doravante, *AE*) *Ana*; em (8), o sintagma de negação (doravante, *NegP*, do inglês *Negative Phrase*) *não* é realizado depois do núcleo *descobre*, quando no PB esse constituinte se realiza antecedendo o núcleo, como mostrado em (6). A mudança de posição dos constituintes não compromete, contudo, a função sintática de que cada deles desempenha, tampouco impossibilita compreender o que estava sendo dito. Por (7) e (8) representarem uma estrutura de ordem inversa, elas são marcadas.

Além de estruturas como (6), (7) e (8), identificamos no PB, assim como em todas as línguas naturais, outras formas de organizar enunciados, para torná-los ainda mais complexos. Vejamos os exemplos (9) e (10), abaixo:

- (9) *É Ana que não descobre o meu segredo.*
- (10) *O meu segredo é que Ana não descobre.*

Diferentemente das sentenças (7) e (8), as sentenças em (9) e em (10), não só moveram alguns constituintes, como também tiveram outros termos inseridos na estrutura. Assim, afirmamos que, como em qualquer língua, o PB tanto possui sentenças neutras, quanto sentenças complexas. Modesto (2001), referindo-se à Zubizarreta (1994), diz que:

[...] uma sentença é tida como neutra se não é dividida em uma parte pressuposta e outra [...] focal. Nesses casos, a sentença pode ser usada sem que tenha qualquer relação com um contexto anterior. As sentenças não neutras, por sua vez, são repartidas em partes pressupostas e assertivas e não podem ser usadas sem relação a um contexto anterior conhecido pelo interlocutor (MODESTO, 2001, p. 99).

Ou seja, para o autor, não há necessidade de contexto prévio quando a assertiva proferida tem estrutura não marcada, tendo em vista não serem sentenças cujo discurso seja dividido em foco e pressuposição, diferentemente, porém, do que ocorre com as estruturas marcadas. Modesto (2001, p. 99) diz ainda que “por ser entendida integralmente como uma asserção, as sentenças neutras permitem uma leitura de foco “largo”, enquanto as sentenças não neutras permitem apenas uma leitura focal restrita”.

A afirmação de foco restrito apresentada em Modesto (2001) condiz com a estrutura das sentenças copulares clivadas, tendo em vista as relações semânticas estabelecidas entre o foco e os demais constituintes da estrutura.

2.2. AS SENTENÇAS COPULARES

Sentenças copulares, como já dissemos, trazem uma cópula em sua estrutura, independente de o constituinte que a siga ser um item lexical ou uma oração. Segundo Storto (2010) são:

[...] construções em que a cópula [...] seleciona um complemento oracional na forma de uma mini-oração³ que tem como núcleo um nome [...], um adjetivo nominalizado [...] ou um verbo intransitivo nominalizado [...]. O núcleo nominal, adjetival ou verbal da mini-oração é o predicador, aquele que seleciona semanticamente o argumento que se torna sujeito da oração (STORTO, 2010, p. 01).

Tendo em vista que a cópula não tem capacidade de selecionar argumento, mas de estabelecer entre dois outros constituintes uma relação de predicação, Storto (2010) diz que as

³ Utilizaremos *Small Clause* em lugar de Mini-oração, conforme a denomina a Teoria X-barras.

orações copulares apresentam uma cópula vinculada a um *núcleo/predicador* para que, juntos, selecionem outro constituinte – ou outra oração – para lhe servir de argumento. Diante disso, o predicador da oração copular é que atribui papel temático – ou tema (doravante, θ) – ao constituinte selecionado. Para ratificar, Storto (2010) diz que:

Sintaticamente, a sentença copular tem uma estrutura que inclui o sintagma nominal pré-copular (sujeito da cópula), a cópula e a mini-oração selecionada pela cópula. O núcleo que predica é o núcleo do complemento da cópula, já que a cópula por si só não tem valor predicativo (STORTO, 2010, p. 04).

Somente a cópula é suficiente para classificar uma estrutura em copular, quando esta for uma sentença neutra. Entretanto, quando a copular é complexa, além da cópula, há também um constituinte – às vezes o complementizador *que*, às vezes um *pronome-Q*⁴ – que com ela se agrega e ensanduicha um terceiro constituinte, atribuindo-lhe, muitas vezes, a classificação de foco, tendo em vista recair sobre esse constituinte a informação não pressuposta, bem como o pico acentual prosódico. Essas são as sentenças copulares que servirão de suporte para aquelas copulares complexas ESP com *é ruim que* as quais analisaremos neste trabalho.

A partir de (11), abaixo, configuração de uma sentença neutra, daremos início às nossas análises sobre as sentenças do PB e, se necessário, reconfiguraremos a ordem dos seus constituintes para fazermos entender os tipos de sentenças copulares realizáveis na gramática dessa língua.

(11) *Ana não descobre o meu segredo.*

(11) é uma sentença neutra, pois segue o padrão, não marcado, SVO. Ao inserirmos uma cópula e um complementizador a essa estrutura, como faremos nas sentenças abaixo, de que forma interpretaremos as novas assertivas, sabendo que elas são derivadas da estrutura (11)? Será que todas elas terão o mesmo grau de significação de (11)?

(12) *É certo que Ana não descobre o meu segredo.*

(13) *Que Ana não descobre o meu segredo é indiscutível.*

(14) *Incrível é que Ana não descobre o meu segredo.*

(15) *É Ana que não descobre o meu segredo.*

⁴ Como as sentenças copulares por nós estudadas neste trabalho trazem somente o *que* – complementizador –, não abordaremos aqui estruturas que trazem o *que* como *pronome-Q*.

Ao lermos (11) e, logo em seguida, as copulares compreendidas entre (12) e (15), podemos inferir que elas aparentemente têm a mesma leitura semântica ou equivalem à mesma informação. No entanto, dizer *Ana não descobre o meu segredo*, como (11), não é o mesmo que dizer *É certo que Ana não descobre o meu segredo*, em (12), ou *Que Ana não descobre o meu segredo é indiscutível*, em (13), ou, ainda, *Incrível é que Ana não descobre o meu segredo*, em (14), considerando que nessas estruturas surgiu um novo constituinte. Considerando (15), *É Ana que não descobre o meu segredo*, percebemos que não houve inserção de nenhum novo constituinte, mas o movimento do constituinte *Ana* para a posição entre o *ser* e o *que*. Entretanto, ainda que tenha havido apenas movimento desse constituinte, não podemos inferir que (15) tem a mesma interpretação de (11), pois há um destaque que recai sobre o elemento *Ana*, em (15), que não recai nesse mesmo constituinte, em (11).

Vemos, pois, que sentenças copulares – ainda que oriundas de sentenças neutras – e sentenças neutras não trazem a mesma carga semântica, a começar pelo fato de, nas copulares complexas, o falante tanto pode movimentar quanto inserir constituintes. Ao fazer um reposicionamento de constituintes, o falante dá à nova estrutura algum tipo de destaque, seja no campo prosódico ou no sintático, o que acaba por interferir consideravelmente na interpretação semântica.

Como vimos nas sentenças entre (12) e (15), as sentenças copulares, apesar de serem superficialmente semelhantes, tendo em vista o ensanduichamento de um constituinte entre o *ser* e o *que*, estruturalmente elas não são iguais, e essa distinção se dá em virtude da relação sintática, semântica e prosódica que esses constituintes ensanduichados estabelecem com os demais da estrutura. Em virtude do tipo de relação que os constituintes da estrutura copular complexa estabelecem entre si, essas sentenças são classificadas em dois tipos distintos: 1) Como uma *SCC*, na qual o constituinte entre o *ser* e o *que* não é foco, mas predicador; 2) *SCL*, que exige do constituinte realizado entre a cópula e complementizador a característica de foco da estrutura. De agora em diante, mostraremos as diferenças sintática, semântica e prosódica entre essas sentenças copulares.

2.2.1. AS SENTENÇAS COPULARES COMUNS - SCC

Sabendo que as sentenças copulares complexas são assertivas que apresentam uma cópula e um complementizador em sua estrutura, neste item trataremos especificamente das *SCC* que, embora sejam semelhantes às *SCL*, divergem na sintaxe, na semântica e na prosódia.

Reanalizando a estrutura *É certo que Ana não descobre o meu segredo*, em (12), vemos que a sentença neutra original, *Ana não descobre o meu segredo*, se manteve inalterada, pois não teve seus constituintes remanejados, quando na sentença surgiram os termos cópula, *que* e *certo* na sentença. Fato pelo que não fez surgir em (12) uma categoria vazia (doravante *ec*, do inglês *empty category*) que pudesse indicar movimento de constituinte.

Em (13) e (14) também a sentença neutra original se manteve intacta. Diante disso, podemos afirmar, pois, que (12), (13) e (14) são, sintática, semântica e prosodicamente, idênticas na formação de sua estrutura, diferenciando-se, somente, na posição que o constituinte associado à cópula e ao complementizador ocupa: enquanto em (12) *certo* aparece ensanduichado entre o *ser* e o *que*; em (13), *indiscutível* aparece na posição mais à direita da estrutura, colocado depois da cópula e, em (14), *incrível* ocupa a posição primeira da sentença, encabeçando-a.

As três sentenças apresentadas no parágrafo anterior são, assim, classificadas como *SCC*, pois não apresentam nenhum movimento de constituinte de uma aposição para outra. Ao contrário disso, as *SCC*, por meio da inserção de um novo constituinte, agregam à anterior sentença neutra outro termo, com algum tipo de predicação, que transporta uma informação valorativa, ou seja, qualifica o que é afirmado na oração encaixada. Nas sentenças (12), (13) e (14), essa afirmação pode ser comprovada, porque no instante em que os constituintes *certo*, *indiscutível* e *incrível* foram inseridos nas sentenças, eles passaram a predicar sobre toda a antiga oração neutra, agora encaixada, uma informação ampla, que recai sobre todos os seus constituintes. Pelo fato de o termo entre o *ser* e o *que* na sentença não se relacionar com um único constituinte, mas com toda a oração encaixada, as *SCC* são estruturas que disparam leituras semânticas do tipo *PRED*, sobre as quais falaremos no item específico ainda neste capítulo.

2.2.2. AS SENTENÇAS COPULARES CLIVADAS - *SCI*

As *SCI* são sentenças complexas estruturalmente semelhantes às *SCC*, o que permite, muitas vezes, confundir uma estrutura com a outra. Entretanto, essa ideia inicial é desfeita tão logo percebamos a relação dos constituintes dentro de cada uma das estruturas.

Retomemos, em (16), a sentença apresentada em (15), acima:

(16) *É [Ana]_i que [_]_i não descobre o meu segredo.*

Vejamos que a configuração da sentença *Ana não descobre o meu segredo* – a mesma que deu origem às *SCC* apresentadas nos exemplos expostos entre (12) e (14), acima – foi alterada. Em (16), a sentença neutra original foi bipartida, ficando uma parte dela na oração encaixada e um dos seus constituintes subindo para a periferia à esquerda da sentença, onde está a oração copular. Nesse caso, a oração encaixada de (16) tem, no lugar do constituinte *Ana*, um vestígio, representado por uma *ec*, que surgiu depois do movimento desse constituinte.

Diferentemente das *SCC*, que têm a inserção de três novos constituintes à anterior sentença neutra: uma cópula, um complementizador e um termo que se realiza entre ambos, as *SCL* mexem na sentença neutra de origem, quando colocam na posição focal – posição de Especificador de *CP* (doravante, *SpecCP*) – um constituinte que foi movido de sua posição *in-situ*. Esse reposicionamento nos permite afirmar que, nas *SCL*, o constituinte em *SpecCP* não é novo na estrutura, mas derivado via movimento, sendo novos apenas a cópula e o complementizador – ou *pronome-Q*.

Pelo fato de ter sido movido, o constituinte em *SpecCP* da *SCL* deixa, em sua posição original, um vestígio, que pode representado por uma *ec*, como no exemplo em (16), ou por um *pronome-Q*. Se o vestígio for um *pronome-Q*, a escolha deste depende, essencialmente, do tipo de constituinte com o qual o foco estabelecerá escopo estreito, se for um termo [+animado] ou [+humano], *quem*; se [+locativo], *onde*; se [-animado], *o que*, e assim por diante.

Resenes (2009, p. 57) fala da necessidade de se realçar “uma condição importante para as sentenças especificacionais: a congruência semântica [...] que deve haver entre a variável e o valor especificado para ela” e, para fundamentar sua afirmativa, cita Akmajian (1970, *apud* Higgins (1973)), que, nas suas próprias palavras diz:

A oração inicial de uma pseudoclivada contém o que é essencialmente uma variável semântica, uma ‘lacuna’ semântica que deve ser ‘preenchida’ ou especificada pelo item focal [...] O item focal deve especificar um valor para a variável da oração, e, portanto, resulta que o item focal deve pertencer à classe semântica apropriada, isto é, à classe representada pela variável (RESENES, 2009, p. 57, tradução em nota de rodapé)⁵.

⁵ “The initial clause of the pseudo-cleft contains what is essentially a semantic variable, a semantic ‘gap’ which must be ‘filled’ or specified by the focus item [...] The focus item must specify a value for the variable of the clause, and it thus follows that the focus item must belong to the appropriate semantic class, i. e., the class represented by the variable.”

Dependendo do tipo de vestígio, as *SCI* serão divididas em duas tipologias distintas: clivada propriamente dita, quando o vestígio é uma *ec*; pseudoclivada, quando o vestígio é um *pronome-Q*⁶.

2.2.3. ALGUMAS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE *SCC* E *SCI*

Diante das semelhanças apontadas acima, é possível que interpretemos a *SCC* complexa, em (12), como a *SCI* lida em (15). Contudo, há diferenças significativas que distinguem ambas as sentenças, a começar, primeiramente, pela configuração estrutural de cada uma delas: enquanto dentro do IP encaixado de (12) não há nenhum vestígio, uma *ec* aparece na encaixada de (15). Da mesma forma, em (12) surgiram três novos termos na estrutura: a cópula, o constituinte ensanduichado *certo* e o complementizador *que*, ao passo que em (15) o espaço destinado ao foco sentencial foi preenchido por um termo que já existia na oração de origem.

As diferenças que separam as *SCC* das *SCI* são percebidas na estrutura e se realizam em três tipos de dimensões: 1) no plano sintático, a *SCC* tem a posição entre o *ser* e o *que* preenchida por um constituinte totalmente novo, não presente na sentença de origem; na *SCI*, essa mesma posição é ocupada por um constituinte que, via movimento, derivou da sentença original; 2) no plano semântico, o constituinte entre o *ser* e o *que* tem escopo amplo sobre a oração encaixada, sendo, por isso, classificada como uma sentença de predicação ampla; o constituinte movido para *SpecCP*, também entre o *ser* e o *que*, tem escopo estreito, específico com o vestígio que deixou na encaixada, sendo, por isso, classificada como uma sentença de leitura especificacional; 3) no plano fonológico, há uma discreta elevação de som que recai sobre o constituinte ensanduichado entre o *ser* e o *que* das *SCC*, enquanto nas *SCI*, esse destaque sonoro, sobre o constituinte movido para *SpecCP*, é percebido com mais ênfase. Nosso objetivo nos próximos subitens é apresentar e explicar essas diferenças.

2.2.3.1. DIFERENÇAS SINTÁTICAS

Retomemos, inicialmente, em (17) e (18) as sentenças apresentadas, respectivamente, em (12) e (15), e já comentadas.

⁶ Como nosso objeto de estudo são as sentenças com *é ruim QUE*, complementizador, não falaremos, neste trabalho, das sentenças pseudoclivadas, que trazem um *pronome-Q* no lugar do complementizador.

- (17) *É certo que Ana não descobre o meu segredo.*
 (18) *É Ana_i que [_i] não descobre o meu segredo.*

Observando, primeiramente, as assertivas de (17) e de (18), respectivamente, *SCC* e *SCL*, ambas derivadas de *Ana não descobre o meu segredo*, percebemos que, a começar pelo número de constituintes, a sentença não tem a mesma quantidade de termos, já que no IP encaixado de (18) há um vazio – vestígio *ec* – que surge quando o constituinte *Ana* é movido de sua posição *in-situ* para se reposicionar em *SpecCP*, o que não acontece com o IP de (17), que mantém todos os seus constituintes em suas posições originais, uma vez que, nela, a anterior sentença neutra deixa de ser absoluta e passa a argumento do predicador da *Small Clause*, *certo*, sendo ele próprio, um termo novo na estrutura.

Em outras palavras, quando foi encaixado ao *CP*, passando a sujeito da *Small Clause*, o IP encaixado de (17) manteve plenos todos os constituintes da sentença neutra que lhe deu origem, *Ana não descobre o meu segredo*. Em (18), entretanto, um dos constituintes do *Verbal Phrase* (de agora em diante, *VP*), *Ana*, que se encontrava no domínio IP, para adquirir Caso (doravante, *K*) saiu desse domínio para ocupar uma posição ainda mais alta, acima do *CP*, e foi substituído por uma *ec*, vestígio que deixou ao ser movimentado. Em razão desse movimento a estrutura neutra original, *Ana não descobre o meu segredo*, acabou por ser bipartida em duas, mesmo que mantendo, ainda que não totalmente, o mesmo valor de verdade da estrutura anterior.

Além do tamanho da estrutura copular, há diferença também na marca de *K* dos constituintes destacados entre o *ser* e o *que* de ambas as estruturas. Nas *SCC*, como aquela explicitada em (17), esse constituinte é predicador da cópula, e, como tal, nasce na mesma posição em que é realizado foneticamente. Como a cópula não é capaz de selecionar argumentos, igualmente não tem capacidade de atribuir *K* ao seu predicador. O constituinte em *SpecCP* das *SCL*, porém, como a que expressamos em (18), alcança sua posição via movimento, e o faz já carregando a marca de *K* que adquiriu em sua posição *in-situ*. Por ter deixado um vestígio ocupando o seu lugar, o constituinte e o vestígio que o substituiu compartilham do mesmo *K*.

Em suma, somente o constituinte focal presente em *SpecCP* das *SCL* tem marca de *K* adquirido em sua posição *in-situ*, o que pode ser comprovado, por exemplo, quando um *Prepositional Phrase* (doravante, *PP*) preenche *SpecCP*. Nesses casos, a preposição acompanha o seu núcleo, evidenciando seu *K* dativo. Já o predicador das *SCC*, que não tem *K*

porque a cópula não tem força para atribuir esta marca, é responsável por atribuir marcação de *K* ao seu argumento, no caso, o *CP*

2.2.3.2. DIFERENÇAS SEMÂNTICAS

Considerando as SCC, percebemos que no momento em que o constituinte é inserido na posição de predicador da *Small Clause*, ele acaba modificando a leitura interpretacional daquilo que estava sendo dito na sentença de origem. Ou seja, dizer a sentença neutra de (19), abaixo, não é o mesmo que dizer as sentenças copulares dela derivadas em (20) ou (21):

- (19) *Ana não descobre o meu segredo.*
 (20) *É certo que Ana não descobre o meu segredo.*
 (21) *Impressionante é que Ana não descobre o meu segredo.*

A diferença entre a versão neutra de (19) e as copulares de (20) e (21) torna-se mais clara quando vemos que (19) apenas traz a afirmação de que uma determinada situação que não ocorrerá, sem avaliação ou julgamento do interlocutor sobre aquilo que é dito. No entanto, em (20) e (21) essa neutralidade de julgamento não é percebida, em virtude de os constituintes, respectivamente, *certo* e *impressionante*, carregarem marcas de subjetividade⁷.

Diferentemente das SCC, porém, o constituinte alojado entre o *ser* e o *que* das *SCL* não insere subjetividade à estrutura encaixada, já que ele foi movido de sua posição original para ocupar o lugar do foco, deixando em seu lugar original um vestígio com o qual passa a manter um vínculo estreito. Por esse fato, é comum dizermos que (22), abaixo, equivale ao mesmo que é dito (23) ou (24), ainda que saibamos que o constituinte reposicionado adquire um destaque que não lhe era dado enquanto termo da sentença neutra:

- (22) *Ana não descobre o meu segredo.*
 (23) *É Ana que não descobre o meu segredo.*
 (24) *O meu segredo é que Ana não descobre.*

A sentença neutra em (22) teria, aparentemente, a mesma interpretação que aquela em (23), não fosse pelo fato de no constituinte *Ana*, em (23), percebermos um destaque tanto na sintaxe quanto na prosódia, já que, sobre ele, há um pico acentual, fatores esses não

⁷ Apesar do que afirmamos sobre a apreciação subjetiva do locutor quando insere um constituinte na posição entre o *ser* e o *que* para atribuir uma predicação sobre toda a encaixada, a característica da subjetividade é, ainda, um aspecto que precisa ser investigado, o que se confirmará – ou não – na análise de um número maior de sentenças predicacionais.

percebidos na versão neutra. A sentença em (24), além de trazer a expressão *É QUE*, deslocou o AI de *descobre* para antes dessa expressão, dando a ele leitura de foco Identificacional ou foco Contrastivo⁸. Apesar de a informação ser aparentemente a mesma, ou seja, a de que alguém (*Ana*) *não descobrirá determinado segredo*, não podemos interpretar essas duas sentenças como idênticas semanticamente. Há diferenças em suas estruturas que estão relacionadas ao modo como os constituintes são distribuídos para fazer essa assertiva: enquanto na versão neutra de (22) os termos aparecem em sua posição *in-situ*, nas sentenças copulares de (23) e de (24) um deles se move para ocupar outra posição.

Considerando, agora, o contexto em que ambas as sentenças são inseridas, há peculiaridades em relação à semanticidade do foco, inerentes às *SCL*, e do predicador, presente nas *SCC*. A carga semântica do predicador da cópula da *Small Clause*, nas *SCC*, tem escopo amplo sobre todo o *CP*; já o foco das *SCL*, pelo fato de ter saído de sua posição *in-situ*, carregando consigo suas funções sintáticas e semânticas previamente adquiridas, tem escopo específico com o seu vestígio, estabelecendo, pois, com esse, um vínculo estreito. Essa vinculação estreita atribui ao constituinte focal três tipos de leituras semânticas distintas, a saber: a de contraste, na qual o foco nega uma afirmação; de exclusividade, cujo foco serve para “exclusivizar” um constituinte dentre outros com características semelhantes; ou de exaustividade, quando a posição *SpecCP* é preenchida por um dentre inúmeros outros constituintes que poderiam ter ocupado tal posição. Essas distintas leituras não acontecem com o predicador das *SCC* por causa do amplo escopo.

A fim de entendermos as três leituras, vejamos os três pares *perguntas/respostas* abaixo:

(25) 01: [*Ana, Júlia ou Maria*] são muito curiosas, mas há uma delas que não descobre o meu segredo. [*Quem*] não descobre?

É [*Ana*] que não descobre o meu segredo. (*Leitura de Exclusividade*⁹)

02: *Muitas pessoas, certamente, podem descobrir o meu segredo.* [*Quem*] será que não descobre?

⁸ Sobre os tipos de foco falaremos mais adiante.

⁹ Conforme os “Cânones para o trabalho no plano das ideias”, estudado na página virtual <http://www.conexao rio.com/bit/revisitando/revisitando.htm#exaustividade>, em 15/dezembro/2013, o *cânon da exaustividade* diz que “[...] exaustividade [...] mapearia todo o universo de assunto, antecipando-se a futuras necessidades de indexação [...]”. O *cânon da exclusividade*, entretanto, é apresentado como “as classes em um renque ... devem ser mutuamente exclusivas, ou seja, nenhuma entidade pode pertencer a mais de uma classe. Isto pode ser evitado se as classes de um renque forem derivadas de seu universo imediato, com base em uma e única característica”. Assim, pois, também consideramos os constituintes focais com leituras semânticas de *exclusividade* e *exaustividade*, tendo em vista a sutil diferença entre um e outro tipo de leitura focal, e o que disseram Kato e Ribeiro (2006) sobre o foco quantificacional disparar três tipos distintos de leituras semânticas.

É [Ana] que não descobre o meu segredo. (Leitura de Exaustividade)

03: Alguém não descobre o meu segredo. É [Maria]?

Não. É [Ana] que não descobre o meu segredo. (Leitura de Contraste)

Ao respondermos às indagações acima, utilizamos sempre a mesma *sentença/resposta*, na qual colocamos o constituinte *Ana* na posição de foco. Apesar de as respostas serem as mesmas, as leituras semânticas que os focos veiculam são diferentes. No primeiro par, há a leitura semântica do tipo de *exclusividade*, visto que dentre as três possíveis pessoas com características afins, como a de serem curiosas, por exemplo, exclusivamente uma não fará tal descoberta. Assim, para que o foco estreito tenha leitura semântica de *exclusividade*, é indispensável que somente concorram à posição *SpecCP* elementos que possuam as mesmas características. No caso do exemplo 01, de (25), os constituintes que disputam a posição de foco têm além do traço [+humano], também o traço [+curioso].

No segundo par, por sua vez, como a leitura semântica presente é a de *exaustividade*, a expressão *muitas pessoas* tem abrangência indefinida, do tipo que qualquer constituinte, desde que seja [+humano], independente de características afins, pode fazer tal descoberta. No exemplo 02, de (25), dentre um número indistinto de pessoas, apenas *Ana* é que não fará. Assim, vemos que há uma lista exaustiva de possibilidades, tendo em vista os possíveis descobridores do segredo não partilharem de características afins.

Por fim, no último par, a leitura realizada é a do tipo *contrastiva*, visto que uma segunda sentença serve de contraste ou correção àquilo que o indagador supunha, e que foi apontado como certo, numa sentença anterior. Nessa leitura, o foco sempre atribui uma negação ao que se é afirmado ou questionado anteriormente.

Diante dessa distinção semântica identificada no constituinte que ocupa a posição do foco nas *SCC* e *SCI*, não há como, pois, confundir as sentenças copulares comuns com as sentenças copulares clivadas.

2.2.3.3. DIFERENÇAS PROSÓDICAS

Da mesma forma que as *SCC* e *SCI* divergem quanto à interferência semântica que os constituintes, respectivamente, predicador e foco, inserem sobre a oração presente no *CP*, sujeito e encaixada, veremos, também, que essas estruturas apresentam distinção na entonação prosódica que recai sobre esses mesmos constituintes. Enquanto nas *SCC* há uma discreta elevação sonora do predicador sobre os constituintes do *CP*, tendo em vista a diferença dos

sons não ser acentuada; nas *SCI*, o foco recebe um elevado destaque acentual sobre os demais constituintes da estrutura.

Quando o constituinte das *SCI* sofre movimento e sai de sua posição *in-situ* para se abrigar em *SpecCP*, ele, imediatamente, passa a receber, dentre outros, elevação entonacional na sua pronúncia, a fim de que venha a condizer com a função de foco que adquire, enquanto os demais constituintes, que mantiveram suas posições na oração encaixada, mantêm neutra suas pronúncias.

Para ilustrar, vejamos que, comparando a sentença neutra *Ana não descobre o meu segredo*, em que *Ana* se encontra em sua posição *in-situ*, com a versão copular clivada *É Ana que não descobre o meu segredo*, percebemos que, na versão neutra, *Ana* mantém o nível de pronúncia equivalente aos demais constituintes, o que não acontece quando ele aparece entre a cópula e o complementizador, tendo em vista a função de foco da sentença que adquiriu. O constituinte que aparece entre o *ser* e o *que* das *SCC*, por ser predicador e inserir predicação ampla sobre todos os constituintes presentes no *CP*, não recebe nenhum tipo de destaque nem elevação prosódica, o que o faz se manter, equiparadamente, no nível de pronúncia bem próximo aos demais constituintes pronunciados.

Para compreender mais claramente o que expomos acima, releiamos em (26) e (27) abaixo duas das sentenças que apresentamos mais acima:

(26) *É certo que Ana não descobre meu segredo*

(27) *É Ana_i que [_i] não descobre meu segredo.*

Comparando as estruturas acima, notamos que, em (26), o predicador da cópula solicitou para seu argumento a sentença neutra que, se mantendo intacta, passou a configurar o *CP* da *Small Clause*. Sendo assim, o predicador não foi pronunciado com ênfase sonora, porque não aparece como um foco, mas como um constituinte que denota o julgamento do interlocutor sobre a afirmação que está presente no *CP*. Diferente disso, porém, é o que acontece com o constituinte focal em (27). Nessa estrutura, vemos que o foco não surgiu na estrutura, mas foi retirado da sentença neutra original, trazendo consigo suas marcas de *K* e de tema (doravante, θ), os quais já possuía em sua posição primeira. Por que atingiu a posição *SpecCP*, o constituinte *Ana* recebeu na pronúncia um acento elevado sobre os outros constituintes, caracterizando sua função discursiva de foco.

Concluindo este subitem, ratificamos, pois, que as *SCC* e *SCI* são diferentes nos três aspectos de análise da gramática: 1) na sintaxe, quando a inserção do predicador, na primeira, solicita para sujeito da *Small Clause* um *CP* que contém a oração neutra original em sua

plenitude de constituintes, com que estabelece predicção de escopo amplo; quando o movimento do constituinte, na segunda, biparte a oração neutra original em duas, estabelecendo uma relação de escopo estreito entre esse constituinte e o vestígio que ele deixou na encaixada; 2) na semântica, quando o constituinte entre o *ser* e o *que*, das *SCC*, tem escopo amplo sobre os demais da estrutura e insere apreciação pessoal do falante sobre o que é afirmado; quando o constituinte que ocupa a mesma posição entre o *ser* e o *que*, nas *SCL*, passa a manter escopo estreito com um vestígio, adquirindo leitura semântica de contraste, exclusividade e exaustividade; 3) na prosódia, em que o predicador da cópula nas *SCC* não tem destaque sonoro, tendo em vista estar na estrutura apenas para apresentar o julgamento do interlocutor sobre o que é afirmado, ao passo que o foco das *SCL* tem elevação sonora, a fim de estar coerente com a função que ocupa na estrutura.

No subitem abaixo, falaremos sobre foco e sobre sua importância para distinguir uma sentença copular PRED de uma ESP.

2.3. O CONCEITO DE FOCO

Independente do tipo de estrutura de uma sentença – seja ela neutra ou copular –, há uma bipartição discursiva inerente ao tipo de informação que ela transporta: uma parte do discurso corresponde ao que não é partilhado entre os interlocutores e a outra corresponde ao que é de conhecimento comum. A parte não partilhada é chamada de não pressuposição, informação nova ou foco; a parte de conhecimento comum – ou partilhada –, por sua vez, é chamada de pressuposição, informação antiga ou informação velha. Dessa forma, podemos dizer que a organização discursiva de qualquer sentença está diretamente relacionada à bipartição *foco/pressuposição*.

Sobre esse aspecto, Zanfeliz (2000) diz que

Toda sentença [...] veicula uma carga informacional que pode estar organizada em duas partes: uma que expressa a informação nova e outra que expressa a informação velha. [...] O foco é a parte da sentença que corresponde à informação nova, não partilhada pelos interlocutores. A pressuposição responde pela informação velha, compartilhada pelos interlocutores (ZANFELIZ, 2000, p. 01).

Como vimos nas palavras da autora, a parte do discurso que corresponde à não pressuposição – ou informação nova – é chamada de foco; aquela que corresponde ao que é de conhecimento comum – ou informação velha – é definida como pressuposição. Zanfeliz

(2000), em seu conceito, diz que foco é a informação nova, oposta a uma informação velha da sentença. Miotto (2003, p. 169) também chama o foco sentencial de informação nova, quando diz que “foco é um conceito discursivo que se aplica ao constituinte que veicula a informação nova na sentença”. Apesar do comum conceito de Zanfeliz (2000) e Miotto (2003) de que o foco equivale a uma informação nova, nem sempre ele pode ser tomado como verdadeiro, pois há momentos em que o foco, mesmo sendo uma informação não pressuposta, não necessariamente representa uma informação nova, pois essa informação pode já ter sido apresentada no contexto, conforme aponta Quarezemin (2009), ao dizer que

de acordo com Zubizarreta (1998, p. 160-161), não é seguro trabalhar com a dicotomia informação nova/velha da sentença, visto que a informação velha também pode ser focalizada. A autora fornece alguns exemplos [...] nos quais o elemento focalizado foi mencionado no discurso precedente (QUAREZEMIN, 2009, p. 46).

A fim de esclarecermos a discussão em torno da oposição não pressuposição x informação nova, apresentaremos, abaixo, uma situação, na qual o questionamento de uma interlocutora tem como resposta uma não pressuposição, mas não uma informação totalmente nova para o interrogador:

Bia: *“Vera, cuidado! Ana e Júlia são muito curiosas e querem descobrir o seu segredo. Será que alguma delas pode descobri-lo? Será que Júlia pode descobrir? Ou será que Ana é quem pode?”.*

Vera: *“Se alguém tiver que descobrir, esse alguém é Júlia. Ana é que não descobre o meu segredo nunca!”.*

Na situação acima, duas interlocutoras conversam sobre o risco de descoberta de um determinado segredo, o que leva uma delas a fazer o seguinte questionamento: “*Será que Júlia pode descobrir? Ou será que Ana é quem pode?*”, para os quais tem como resposta: “[Ana] *é que não descobre o meu segredo nunca!*”, na qual Ana aparece na posição de Foco e não corresponde a uma informação nova.

Percebamos na estrutura da *sentença/resposta* que Ana, além de representar o foco, preenche a lacuna de uma informação apenas não pressuposta, já que na pergunta da interlocutora, que contém a pressuposição, está evidente que ela, ao perguntar, sabia se tratar de uma das duas pessoas. Logo, o constituinte focal Ana não pode ser interpretado como uma informação totalmente nova, como apontam alguns autores para o foco.

Ainda sobre a dicotomia em se trabalhar com os pares *informação nova/informação velha* ou não *pressuposição/pressuposição*, Modesto (2001, p. 99) afirma que Zubizarreta (1994) “[...] toma as noções de *pressuposição* e *asserção* como gramaticalmente relevantes [...], enquanto as noções *informação nova* e *velha* são consideradas *discursivas*, não gramaticais”. Ou seja, na análise sintática que fazemos de uma estrutura copular é relevante considerar apenas os pares *pressuposição/não pressuposição*, tendo em vista que o fato de a *informação* ser *nova* ou *conhecida* não interfere na distribuição dos constituintes da sentença, tampouco nas funções que cada um deles tem.

2.3.1. DISTINGUINDO FOCO E PRESSUPOSIÇÃO

A depender do tipo de estrutura, muitas vezes são os contextos discursivos que permitem ao interlocutor reconhecer o foco e distingui-lo da *pressuposição*. Nas sentenças neutras, por exemplo, nas quais não há uma posição específica para o foco, que pode ser largo ou estreito, pois tem liberdade de ser um constituinte apenas ou toda a sentença, a ausência do contexto em que ela está inserida não permite ao interlocutor inferir qual das partes corresponde ao foco e qual delas corresponde à *pressuposição*. Assim, em *Ana não descobre o segredo* não está claro, pela neutralidade da estrutura, a função discursiva que os constituintes desempenham, se ela não estiver inserida num contexto.

Diante do que expomos acima, para identificação do foco nas sentenças neutras, é indispensável que o contexto seja considerado. Resenes (2009, p. 18) diz que “para detectar o que é foco e *pressuposição* veiculados por uma sentença, devemos contextualizá-la”, ou seja, é estabelecendo uma relação da sentença com o contexto em que ela se encontra que podemos identificar o que já é partilhado pelos interlocutores e o que está sendo veiculado como parte ainda desconhecida por algum deles.

Entretanto, há sentenças que, diferente daquelas de estrutura neutra, trazem explicitamente uma posição para abrigar o foco da estrutura, o que, nesses casos, dispensa a utilização de um contexto prévio. Quarezemin (2012) diz que

O contexto desempenha um papel fundamental na identificação do foco de uma sentença, a não ser que a sintaxe dela explicita que houve uma operação de focalização, como o que acontece com as *clivadas*. [...] O foco [...] é o constituinte que aparece entre a cópula [...] e o complementizador *que*. Isto pode ser assegurado sem que precisemos recorrer a contextos previamente estabelecidos (QUAREZEMIN, 2012, p. 100).

Algumas estratégias são utilizadas para identificar o foco e a pressuposição da sentença: 1) mediante uma *pergunta-Q*, que traz a pressuposição evidenciada e um *pronome-Q* que representa a variável a ser substituída pelo valor intrínseco do foco; 2) mediante uma *Estrutura de Asserção* apresentada em Zubizarreta, na qual a primeira destaca a pressuposição e a segunda, o foco. Sobre essas diferentes formas de identificar e distinguir foco e pressuposição, nós falaremos agora.

A identificação do foco e da pressuposição pode ser feita mediante uma *Estrutura da Asserção* (deste ponto em diante, *AS*), tal como apresentada por Miotto (2003, p. 173), quando retoma Zubizarreta (1998). Segundo o autor, as *AS* se dividem em A_1 , que está para a pressuposição e na qual o foco é ignorado, e A_2 , que se relaciona com a pressuposição e traz o foco identificado, revelado. Assim, pois, através da *AS*¹⁰, abaixo, nós identificamos qual parte da estrutura é o foco e qual é a pressuposição. Além disso, veremos que pela *AS* podemos inferir a abrangência do foco, se ampla ou específica.

$A_1 = \text{Existe}^{11}$ um x tal que Ana não faz x .

$A_2 = O$ x tal que Ana não faz x é $x =$ não descobre o meu segredo.

Ou

$A_1 = \exists$ um x tal que x não descobre o meu segredo.

$A_2 = O$ x tal que não descobre o meu segredo é $x =$ Ana.

Ou

$A_1 = \exists$ um x tal que Ana não descobre x .

$A_2 = O$ x tal que Ana não descobre x é $x =$ o meu segredo.

Ou

$A_1 = \exists$ um x tal que Ana não descobre o segredo de x .

$A_2 = O$ x tal que Ana não descobre o segredo não é de y é de $x =$ o meu.

Analisando as *AS* acima, vemos que a fórmula apresentada por Zubizarreta (1998) permite, de fato, identificar e separar o foco da pressuposição, já que em A_1 , a pressuposição aparece explicitada, em contraste com a parte não pressuposta, definida simplesmente como um “ x ” qualquer.

Outra contribuição das *AS* de Zubizarreta (1998), a qual identificamos na leitura de Resenes (2009, p. 20), é que em A_1 , o “ x tal”, que representa o foco, vem acompanhado do determinante “um”, ou seja, um determinante em sua forma indefinida, pois ele responde pela parte ainda desconhecida da afirmação. Já quando esse mesmo “ x tal” aparece em A_2 , o “ x

¹⁰ As *AS* aqui apresentadas terão como “pano de fundo” a sentença neutra por nós analisadas *Ana não descobre o meu segredo*.

¹¹ Sempre que utilizarmos o verbo “existe” nessa expressão, o substituiremos pelo símbolo \exists .

tal” aparece antecedido do determinante “o”, em sua forma definida, uma vez que esse “x tal” é revelado em A_2 e, por sua vez, será conhecimento compartilhado entre os interlocutores.

Analisando as AS de Zubizarreta, Resenes (2009) diz que:

Zubizarreta (1998) classifica o foco em não contrastivo e contrastivo. Para estabelecer cada tipo de foco, a autora postula que a focalização deve ser representada na Estrutura de Asserção (AS) [...] que revela como a informação está empacotada na sentença (RESENES, 2009, p. 20).

Por foco não contrastivo, entenda-se aquele que simplesmente serve de resposta ao *pronome-Q* presente na pergunta, podendo, essa resposta, ser um constituinte apenas ou toda a estrutura, como podemos mostrar em (28):

(28) *PERG.:* [O que] Ana não descobre?
RESP.: É [o meu segredo] que Ana não descobre.

PERG.: [O que é que está acontecendo]?
RESP.: [É que Ana não descobre o meu segredo].

Diferente, porém, é o foco contrastivo de Zubizarreta (1998), também apresentado em Resenes (2009). A leitura semântica desse foco é a de que, como aponta sua própria nomenclatura, ele aparece na estrutura para contrastar ou negar uma afirmação anterior, estabelecendo algum tipo de “correção” ou “limite” ao que aparece como parte da pressuposição. Para ilustrar o foco contrastivo, vejamos as afirmações presentes em (29), abaixo:

(29) *AFIRM. 1:* Não se preocupe com isso. [Júlia] não descobre o seu segredo.
AFIRM. 2: Não. É [Ana] que não descobre o meu segredo, não Júlia.

Assim, vemos em (29) que o foco Ana não apareceu na afirmação 2 como resposta a um pronome interrogativo, mas para negar, corrigir uma afirmação anterior; no caso, a afirmação de que Júlia seria a pessoa que não descobriria o tal segredo¹².

Entretanto, além das AS de Zubizarreta, há também o estabelecimento de pares *perguntas/repostas*, como os abaixo apresentados, para identificarmos, e reconhecermos, outros tipos de foco:

(30) *PERG_1.:* [Qual a notícia da hora]?

¹² Conforme percebemos, as AS de Zubizarreta, apontada por autores como Miotto (2003), Quarezemin (2009) e Resenes (2009), são estruturas orientadas para classificar os focos contrastivo e não contrastivo.

RESP.: [Ana não descobre o meu segredo].

PERG_2.: [Quem] não descobre o meu segredo?

RESP.: [Ana] não descobre o meu segredo.

PERG_3.: Ana não descobre [o quê]?

RESP.: Ana não descobre [o meu segredo].

PERG_4.: Júlia não descobre o teu segredo?

RESP.: [Não]. Ana [não] descobre o meu segredo, não Júlia.

Conforme os pares *perguntas/respostas* em (30), acima, foco pode, realmente, ocupar diferentes posições e seu escopo se abranger para mais de um constituinte. No primeiro par, o questionamento sugere que toda a *sentença/resposta* é foco, tendo em vista que, na pergunta, não há nenhuma pressuposição. Dessa forma, toda a *sentença/resposta* é a informação nova.

Nos segundo e terceiro questionamentos, no entanto, identificamos o “x-tal”, das AS de Zubizarreta, pois vemos que parte da pergunta corresponde ao que é informação pressuposta, ficando apenas no *pronome-Q* a parte do discurso não partilhada entre os interlocutores do discurso. Em virtude disso, *Ana* e *o meu segredo* respondem, respectiva e essencialmente, aos *pronomes-Q* *Quem* e *O quê*, ambos constituintes que pedem respostas específicas. Por fim, o último par *pergunta/resposta* aponta que o foco presente na resposta contrapõe a afirmação dentro da interrogativa, negando-a.

Corroborando a ideia de foco amplo ou foco específico, Mioto (2003, p. 169) afirma que o “foco [...], às vezes, [...] pode ser a sentença inteira, às vezes, pode estar explicitamente articulado com a pressuposição”. Ou seja, quando no par *pergunta/resposta* não há nada na pergunta que denote a pressuposição, como no primeiro par de (30), toda a *sentença/resposta* será o foco. No entanto, quando na pergunta há uma assertiva que equivale à pressuposição, como nos demais pares, a articulação do foco com essa pressuposição se dará pelo uso do *pronome-Q*.

Também sobre os pares *perguntas/respostas*, Ribeiro e Cortês Júnior (2009, p. 209) dizem que “o conteúdo da pergunta faz parte da pressuposição; o foco é identificado como a parte da asserção que estabelece o valor do pronome interrogativo presente na pergunta”. Assim, o foco pode estar relacionado tanto a toda a pergunta, quanto a um único constituinte dela, representado somente pelo *pronome-Q*, como vimos nos pares acima.

No próximo subitem, apresentaremos, pormenorizadamente, a classificação dos tipos de foco, considerando seu escopo e a semântica que inserem sobre os demais constituintes da oração.

2.3.2. TIPOS DE FOCO E DE ESCOPO

Conforme pudemos perceber nos pares *perguntas/respostas* presentes em (28), os focos informam exatamente o que o indagador desconhece, sem acrescentar nenhuma outra interpretação. Em (29), porém, o foco que aparece na afirmação 2 não surge somente para informar, mas, também, para opor uma ideia presente na afirmação feita pelo interlocutor, estabelecendo um contraste entre o que foi apontado como foco e o que de fato é foco.

Cada foco tem, assim, uma função semântica em relação à situação em que aparece, podendo ser ora meramente o complementador de uma informação ou questionamento, ora, além de informar, inserir outros atributos ao constituinte focal, como retificá-lo, por exemplo. Dependendo do papel do foco na estrutura, Miotto (2003) diz que

Normalmente, se distinguem dois tipos de foco: o que simplesmente fornece uma informação solicitada, ou seja, o foco de informação; e o que não se limita simplesmente a fornecer informação nova e tem outros traços discursivos associados. Este último tipo é subclassificado de acordo com a informação adicional: se envolve contraste ou correção de uma informação anterior, temos o foco contrastivo; se a propriedade adicional envolvida é de informação exaustiva, temos o foco de identificação (MIOTTO, 2003, p. 169).

Miotto (2003), seguindo as propostas de Kiss (1998) e de Zubizarreta (1998), refere-se à carga informacional semântica dos focos e os classificam em três tipos distintos¹³: o Foco Informacional – ou foco de informação –, que simplesmente fornece a informação ausente na pressuposição; o Foco Identificacional – ou foco de identificação –, que apresenta um valor específico para a variável *pronome-Q* que acompanha a pressuposição; e o Foco Contrastivo – ou foco de contraste –, cujo constituinte focal estabelece um contraste, uma correção para o que é apontado como certo na afirmação anterior. Segundo Resenes (2009), “o foco de informação expressa apenas uma informação não pressuposta e corresponde, portanto, ao foco não contrastivo de Zubizarreta (1998). Já o foco de identificação deve expressar exaustividade¹⁴”.

Conforme Miotto (2003), Kiss (1998) chama de foco informacional aquele que Zubizarreta (1998) chama de foco não contrastivo. Segundo o autor, são duas denominações

¹³ “Levando em conta apenas o traço de contrastividade, Zubizarreta (1998) classifica o foco em não contrastivo e contrastivo” (RESENES, 2009, p. 20).

¹⁴ O texto literal de Kiss está em Resenes (2009, p. 21): “An identificational focus represents a subset of the set of contextually or situationally given elements for which the predicate phrase can potentially hold; it is identified as the exhaustive subset of this set for which the predicate phrase actually holds”.

distintas para o mesmo foco, considerando que ambos têm a mesma função – simplesmente fornecer a informação ausente no contexto. Nós optamos pela definição de foco informacional de Kiss, pois consideramos que nem toda informação não pressuposta – ou nova, a depender do contexto - tem carga informacional equivalente a um não contraste com outra, como sugere a definição não contrastivo, de Zubizarreta.

Além do foco informacional e do não contrastivo, cada autora considera, ainda, um tipo particular de foco, conforme a carga discursiva que possuem e a relação sintática que estabelecem com os demais constituintes da estrutura. Para Kiss, há o Foco Identificacional – em oposição ao seu informacional –, cujos traços discursivos são de exaustividade. Segundo Quarezemin (2012), no foco identificacional de Kiss o foco, que apresenta o traço [+exaustivo], deve ser lido como [*x e apenas x*], considerando um número exaustivo de constituintes que podiam ocupar a posição de foco. Para Zubizarreta, há, em oposição ao seu não contrastivo, o Foco Contrastivo, cujo traço discursivo é o de contraste, correção, tendo em vista ser um constituinte que nega uma afirmação precedente, feita concomitantemente com pressuposição, e insere contraste ou correção a ela.

Associando a carga informacional semântica do foco à relação sintática que ele tem com os demais constituintes da estrutura, se de escopo largo ou estreito, Kato e Ribeiro (2000), também, inferem distinções sobre os tipos de foco, e apontam essa diferença quando dizem que

[...] o foco informacional (ou foco largo), sobre o qual recai o acento nuclear. [...] pode ser apenas o objeto ou o verbo + o objeto ou a sentença toda, isto porque o foco largo tem a propriedade de se propagar da direita para a esquerda. [...] o foco quantificacional ou foco estreito [...] se relaciona com as leituras semânticas de contraste, exclusividade ou exaustividade (KATO e RIBEIRO, 2000, p. 167).

Dessa forma, Kato e Ribeiro definem o foco informacional como foco largo, porque, dentro de uma sentença neutra, ele pode se estender da direita para a esquerda ou de um constituinte a toda a sentença, tendo em vista sua propriedade de responder especificamente ao *pronome-Q* da interrogativa ou à interrogativa inteira, como mostram os pares *pergunta/resposta* em (30), acima. O outro tipo de foco, que elas chamam de quantificacional, tem escopo estreito, pois é um constituinte que, na resposta, serve de valor específico para determinada variável presente no contexto da pergunta, não podendo, por essa razão, se estender a outros constituintes da estrutura.

Como Kato e Ribeiro (2006), Mioto (2003), corroborando os focos de Kiss (1998) e Zubizarreta (1998), considera também a relação que o foco estabelece com os constituintes da estrutura e os classifica também por seu escopo. Para ele, se o foco é do tipo informacional, ele tanto pode ter escopo amplo – e se propagar para toda a sentença, que será a resposta para uma pergunta – quanto pode ter escopo estreito – ao corresponder apenas ao *pronome-Q* da pergunta, para quem será o valor específico para a variável; se o foco, por sua vez, é do tipo identificacional ou contrastivo, ele só pode ter escopo estreito, mantendo uma relação estreita ou específica, do tipo *valor/variável*. A diferença entre o foco informacional com escopo estreito e os focos identificacional e contrastivo, cujo escopo é obrigatoriamente estreito, é que, sendo informacional, não será disparada leitura de contraste ou exaustividade, ao passo que, sendo identificacional ou contrastivo, essa leitura é imediatamente acionada. Para mostrar o que aqui afirmamos, vejamos os pares *perguntas/respostas* apresentados em (31), abaixo:

(31) *PERG_1: [Qual a notícia da hora]?*

RESP.: [Ana não descobre o meu segredo].

– *Foco Informacional (Largo)* –

PERG_2: [O que] Ana não descobre?

RESP.: Ana não descobre [o meu segredo].

– *Foco Informacional (Estreito)* –

PERG_3: [A sua senha do banco] é que Ana não descobre?

RESP.: Ana não descobre é [o meu segredo], não a minha senha do banco.

– *Foco Contrastivo (Estreito)* –

PERG_4: [Quem] não descobre o seu segredo?

RESP.: É [Ana] que não descobre o meu segredo.

– *Foco Identificacional (Estreito)* –

Percebamos em (31), que a pergunta “1” denota desconhecimento absoluto do interlocutor sobre o que acontece, servindo toda a *sentença/resposta* de informação nova para ele, diferente do que se apresenta na pergunta “2”, na qual o questionador desconhece apenas parte da pergunta, já que a pressuposição traz a pessoa e a ação que ela não realizará, ficando apenas o que não será descoberto no *pronome-Q*. Já nas perguntas “3” e “4”, as *sentenças/resposta* – ou os constituintes delas – não servem apenas de nova informação, mas têm outra atribuição. Em “3”, por exemplo, não aparece na pergunta um *pronome-Q*, mas o constituinte *a sua senha do banco*, como *o algo que não será descoberto*, o que vem a ser

corrigido tão logo na *sentença/resposta* apareça o constituinte *o meu segredo* em oposição àquele inicialmente apontado na pressuposição. Na estrutura da pergunta em “4”, reconhecemos no *pronome-Q* a variável que será substituída pelo valor *Ana*, constituinte que adquire traços de exaustividade, quando aparece no contexto da *sentença/resposta*.

Considerando as sentenças-respostas de (31), vemos que a primeira tem foco largo, porque seu escopo recai sobre toda a sentença, enquanto as três últimas correspondem ao foco estreito, já que em “2” e a “4” o foco responde apenas ao *pronome-Q*, presente nas sentenças-pergunta, e em “3” ele corrige o que aparece na sentença-pergunta. Quanto à carga semântica, a primeira traz o foco informacional porque apenas responde à pergunta realizada, sem estabelecer qualquer outra carga informacional, assim como a segunda, considerando que, mesmo tendo escopo estreito, apenas informa o que é solicitado pelo *pronome-Q*. A terceira e a quarta, por sua vez, têm uma carga semântica diferente. Na terceira, pelo fato de o foco corrigir o que é apresentado como afirmação na pergunta, temos o foco contrastivo; na última, por ser *Ana* o constituinte que desempenha exaustivamente a função de preencher o lugar do *quem*, temos o foco identificacional.

Diante do que neste subitem expomos, concluímos que em sentenças neutras, como as *sentenças/resposta* colocadas logo acima, o foco pode ter leitura informacional, quando apenas informa o que é solicitado na pergunta; leitura identificacional, quando serve de valor exaustivo ou exclusivo para uma variável da pergunta; leitura contrastiva, quando corrige um valor apontado como certo numa afirmação prévia. Nas sentenças complexas, que têm um lugar destinado para receber especificamente o foco, esse foco também pode ter as três interpretações distintas, dependendo estas, também, da relação que é estabelecida com a pressuposição.

2.3.2.1. FOCO INFORMACIONAL

Como afirmamos nos subitens acima, há três tipos de focos que são classificados de acordo com a leitura semântica que possuem: se de informação, de exaustividade ou de contraste, bem como o seu escopo sobre os demais constituintes da sentença. Neste subitem, faremos uma retomada, ainda que curta, sobre o foco informacional – ou foco de informação –, deixando para os seguintes a abordagem do foco contrastivo e do foco identificacional.

O foco informacional, até pela própria nomenclatura, é aquele que, simplesmente, serve de informação para algo que não é de conhecimento comum. É a parte não pressuposta – muitas vezes nova – do discurso que complementa a pressuposição, podendo ser a

pergunta-Q como um todo, sintaticamente visto como foco largo, ou especificamente ao *pronome-Q* da pergunta, representando o foco estreito. Ele pode estar presente tanto numa sentença de estrutura neutra quanto numa sentença complexa, que pode mexer nos constituintes ou inserir outros novos elementos à estrutura, como é o caso das sentenças copulares complexas, nas quais são inseridas a cópula, *ser*, e o *que*, complementizador.

Mioto (2003) diz que o foco informacional se limita, essencialmente, a configurar a informação nova da sentença e que o contexto típico para identificá-lo é do tipo que tem uma pergunta *Wh*, como os pares *perguntas/respostas* que apresentamos acima. O autor diz também que, para Zubizarreta (1998), que chama de não contrastivo o foco informacional, o contexto ideal para identificar o foco informacional é a postulação de estruturas de asserção (AS), das quais também falamos acima. Para Zubizarreta, segundo o autor, através das AS, que têm na asserção A_1 a pressuposição e na A_2 a não pressuposição, podemos reconhecer se o foco simplesmente fornece uma informação solicitada – não contrastiva – ou se insere contraste a um contexto prévio e, a partir desse reconhecimento, classificar o foco. “As AS compreende, então, o foco e a pressuposição” (Mioto, 2003, p. 173).

2.3.2.2. FOCO IDENTIFICACIONAL

Quando do tipo identificacional, o foco identifica um valor para uma única variável. Ou seja, há na estrutura precedente – normalmente uma *pergunta-Q* com um *pronome-Q* quantificacional – uma variável que é identificada tão logo o foco assuma a sua posição. Esse foco, por sua vez, como vem identificar o valor para a variável, é definido como identificacional. Dessa forma, vejamos que na pergunta em (32), o *pronome-Q* quantificacional *quem* é identificado na resposta pelo constituinte *Ana*:

- (32) *PERG_1: Alguém_i nesta sala não descobre o seu segredo. [Quem]_i não descobre?*
RESP.: É [Ana] que não descobre o meu segredo.

Considerando a semanticidade do foco identificacional, ele estabelece uma relação de exaustividade com a sua variável. Ou seja, o foco identificacional, que tem caráter exaustivo, sugere ter passado por um processo de “seleção” exaustiva de possibilidades, antes de se realizar como foco da estrutura. Assim, considerando (32), vejamos que dentre um número “x” de pessoas que se faziam presentes na sala, apenas *Ana* ocupou o lugar do foco, completando a pressuposição. “Segundo Kiss (1998), é desta forma que é interpretado o foco

deslocado na periferia à esquerda da sentença [...] clivada no português” (Mioto, 2003, p. 174).

Há um teste de exaustividade, apontado por Mioto (2003, p. 174), quando cita Szabolcsi (1981), que “consiste em verificar se vale como inferência de uma proposição, em que há dois constituintes coordenados, ou outra proposição, com apenas um dos dois constituintes” e presume que se um determinado contexto “b”, por exemplo, puder servir de inferência para outro contexto “a”, o foco não necessariamente será exaustivo; mas se um “c” não for inferência do outro, “a” ou “b”, o foco deve ser exaustivo. Para explicar a possibilidade – ou não – de inferência, vejamos em (33) exemplo extraído de Mioto (2003):

- (33) a. *O João comprou [um carro e um avião]*
 b. *Foi [um carro e um avião] que o João comprou.*
 c. *O João comprou um carro.*

Vemos em (33) que “b” presume “a”, mas “c” não presume nem “a” nem “b”, logo, “c” tem foco exaustivo.

Sobre a abrangência do foco identificacional, ele é uma categoria que tem escopo essencialmente estreito, visto que sempre se relaciona com um quantificador, o *pronome-Q* precedente, atribuindo para ele um valor, específico para essa determinada variável. Quando a variável quantificacional tem seu valor identificado, o foco tanto pode disparar leitura de exaustividade, se o valor do foco for localizado dentre um número “infinito” de constituintes, quanto a leitura de exclusividade¹⁵, se o valor do foco for localizado dentre um número “finito” de constituintes, tendo essas características afins.

2.3.2.3. FOCO CONTRASTIVO

Assim como o foco informacional e o foco identificacional, o foco contrastivo também tem suas especificidades e, também da mesma forma que os demais, o próprio nome sugere sua função na sentença.

Foco Contrastivo é aquele que além de corresponder à parte não pressuposta da assertiva, também contrasta o que foi usado como afirmação, sendo, por isso, uma categoria com função de contraste, de correção. Em outras palavras, o foco contrastivo insere na assertiva um segundo valor que nega um primeiro apresentado para a variável sugerida no

¹⁵ Considerando o que informamos, em nota de rodapé, acima, sobre os “Cânones para o trabalho no plano das ideias”, defendemos que o Foco Identificacional é que dispara, além da leitura de exaustividade, também a de exclusividade, tendo em vista que ele pode identificar um valor exclusivo para uma variável quantificacional.

contexto. Mioto (2003) afirma que o foco contrastivo “supõe um contexto em que se inclui a negação de um valor previamente atribuído à variável x ” (p. 173), apesar de nem sempre no contexto corretivo aparecer um *não* em relação ao que é afirmado, como podemos mostrar no exemplo (34), abaixo:

- (34) *ASSERT_1: Eu soube que a Ana descobriu [a sua senha do banco] ontem à noite.*
ASSERT_2: A Ana descobriu [o meu segredo], não a minha senha do banco.

Observando a segunda assertiva de (34), que claramente corrige a primeira, apreendemos que a afirmação *não a minha senha do banco*, apesar de aparecer na estrutura, não é necessária para que o constituinte *o meu segredo* retifique a asserção anterior, corrigindo-a.

Da mesma forma que existe para os demais focos, há também uma forma de reconhecer o foco contrastivo. Para identificá-lo, não necessitamos do contexto *pergunta/resposta*, mas de uma afirmação anterior e outra posterior, de forma que a segunda venha a retificar o que é dito na primeira. Considerando as AS de Zubizarreta, veremos que elas também servem para identificar o foco contrastivo, tendo em vista a autora considerar o traço [+contrastivo] para diferenciar esse foco em contraposição àquele, [-contrastivo], que chamou de foco não contrastivo.

Retomaremos abaixo como as AS de Zubizarreta podem ser utilizadas na identificação do foco contrastivo. Para tanto, faremos uso da assertiva recorrente neste trabalho e mostraremos como se realiza o “ x tal” para o foco contrastivo e para o foco não contrastivo.

- $A_1 = \text{Existe um } \underline{x} \text{ tal que } \underline{x} \text{ não descobre o meu segredo.}$
 $A_2 = \text{O } \underline{x} \text{ tal que não descobre o meu segredo é } \underline{x} = \text{Ana.}$
 – Foco não contrastivo –
- $A_1 = \text{Existe um } \underline{x} \text{ tal que } \underline{x} \text{ não descobre o meu segredo.}$
 $A_2 = \text{O } \underline{x} \text{ tal que não descobre o meu segredo não é } \underline{x} \text{ (Júlia), é } \underline{y} = \text{Ana.}$
 – Foco Contrastivo –

Na asserção A_1 , que corresponde à pressuposição, revela-se que um *alguém* não irá descobrir determinado segredo de outro, sendo revelado de quem se trata apenas em A_2 , que compreende a parte não pressuposta. Assim, a primeira AS configura o foco informacional ou não contrastivo. Na AS A_2 , que possui a mesma pressuposição da primeira asserção, identificamos uma correção ao que é afirmado em A_1 , tendo em vista o ‘ x tal’ da

pressuposição corresponder a *Júlia*, quando na verdade, quem não descobrirá o tal segredo é *Ana*. É, pois, a última AS que representa o foco contrastivo.

Diante do que expomos, podemos concluir, pois, que há três tipos distintos de foco: i) Foco Informacional, cuja função é a de responder ao *pronome-Q* ou a toda uma *pergunta-Q*, sem atribuir qualquer valor de contraste, exclusividade ou exaustividade à estrutura; ii) Foco Identificacional, que, além de equivaler especificamente ao *pronome-Q* de uma *pergunta-Q*, também insere um valor semântico de identificação exaustiva ou exclusiva em relação a demais constituintes que poderiam ocupar a posição focal; iii) Foco Contrastivo, que, num contexto do tipo afirmação anterior afirmação posterior, a afirmação posterior nega o que é afirmado anteriormente, corrigindo-a.

Além da diferente realização semântica, é importante ressaltar as posições sintáticas em que cada foco pode ter dentro da estrutura neutra – já que as copulares complexas trazem uma posição a ser preenchida especificamente pelo foco – se em sua posição original ou se movido para outra posição.

Por ser o foco informacional de escopo largo, tendo em vista sua maior liberdade de realização, ele pode aparecer tanto em sua posição *in-situ* quanto fora dela, assim como os focos identificacional e contrastivo. Logo, estando em sua posição de origem, o foco pode receber quaisquer das leituras focais possíveis. Contudo, se aparece deslocado de sua posição *in-situ*, o foco deve, necessariamente, ser interpretado, exclusivamente, como identificacional ou contrastivo.

Leiamos os contextos apresentados em (35) abaixo:

(35) *PERG_1: [Qual a notícia da hora]?*

RESP.: [Ana não descobre o meu segredo].

– Foco Informacional de escopo largo –

PERG_2: [O que] Ana não descobre [_]?

RESP.: Ana não descobre [o meu segredo].

– Foco Informacional ou Identificacional de escopo estreito –

PERG_3: [O que] Ana não descobre [_]?

RESP.: [O meu segredo] Ana não descobre.

– Foco Identificacional –

ASSERT_1: [Júlia], por mais que tente, não descobre o meu segredo.

ASSERT_2.: Não descobre [Ana] o meu segredo, não Júlia.

– Foco Contrastivo –

Em (35), identificamos os três tipos de foco. Quando toda a *sentença/resposta* – como a “*resp*” da “*perg_1*” – equivale à informação solicitada na pergunta, o foco é, exclusivamente, informacional, visto a sua condição de poder ser a sentença inteira; quando o foco corresponde ao *pronome-Q* e aparece em sua posição *in-situ* – como a “*resp*” da “*perg_2*” –, o foco tanto pode ser informacional quanto identificacional, dependendo, nesse caso, do contexto que anteceda a pergunta.

Considerando, agora, as duas últimas sentenças de (35), nas quais o foco aparece deslocado de sua posição, a interpretação informacional não é possível, porque, quando esse movimento acontece, o foco passa a manter uma relação de escopo estreito com o constituinte ao qual está vinculado, incoerente com o escopo amplo do foco informacional. Na “*resp.*” da “*perg_3*”, vemos *o meu segredo, AI de descobrir*, encabeçando a sentença, fora de seu domínio IP. Esse movimento tanto deu ao constituinte uma elevação prosódica sobre os demais, como atribuiu a ele papel discursivo de foco identificacional, pois é um constituinte que passa a manter, essencialmente, escopo estreito com o vestígio que deixou em sua posição antiga. Além disso, é um termo que, dentre um subconjunto exaustivo de possibilidades de valores, foi identificado para ocupar a posição de foco, estabelecendo a vinculação estreita com a variável *ec*, argumento do verbo *descobrir*. Nas assertivas “1” e “2” de (35), o constituinte *Ana*, na segunda, surge como correção do valor *Júlia*, na primeira. Como é um constituinte que corrige outro, a única leitura focal permitida é a de foco contrastivo.

Como a perspectiva deste nosso trabalho terá como referência estudos realizados sobre as sentenças copulares complexas de leitura PRED, nas quais há predicador, bem como as de leitura ESP, cujas sentenças abrigam em *SpecCP*, na periferia à esquerda, um constituinte com leitura de foco, seja do tipo informacional, identificacional ou contrastivo, mostraremos como se dá a distribuição sintática dos constituintes das *SCC* e das *SCL*, respectivamente, PRED e ESP, a fim de entender como são preenchidas as posições de predicador e de foco nessas sentenças.

Reconhecendo que há três tipos distintos de foco, afirmamos que, por que nas PRED o predicador insere ampla predicação sobre o *CP*, sujeito da uma *Small Clause*, podemos pensar que, nessas sentenças, esse predicador tem função semântica semelhante à do foco informacional, quando este tem amplo escopo. O predicador não poderia, entretanto, ser confundido com os focos identificacional ou contrastivo, porque estes jamais terão escopo amplo na sentença.

2.4. O CONSTITUINTE ENTRE O *SER* E O *QUE* E SUA RELAÇÃO COM A SENTENÇA

Segundo Modesto (2001, p. 29), “as sentenças PRED [...] predicam uma propriedade ao referente da expressão que aparece como variável”. Ou seja, nas PRED, o constituinte predicador atribui sobre a *CP* da *Small Clause* – ou referente da expressão – uma característica que se configura como uma predicação ampla, que se aplica a toda a encaixada. Pelo fato de o constituinte predicador se relacionar com a encaixada inteira, ele é o valor, enquanto todo o *CP* é sua variável. Logo, se o valor muda, a variável não poderá receber a mesma interpretação, apesar de manter íntegros os seus constituintes. Para entender como a mudança do valor interfere, semanticamente, na variável, retomemos as sentenças (12), (13) e (14), acima, em (36), (37) e (38), abaixo:

- (36) *É certo que Ana não descobre o meu segredo.*
- (37) *Que Ana não descobre o meu segredo é indiscutível.*
- (38) *Incrível é que Ana não descobre o meu segredo.*

Conforme as sentenças acima, acastelamos que, sempre que o constituinte predicador AP for diferente, a sentença encaixada, ainda que tenha se mantido inalterada, recebe uma nova interpretação, uma vez que ela é o objeto de avaliação ou de julgamento do interlocutor sobre o que nela se anuncia. Em (36) e em (37), os constituintes *certo* e *indiscutível* permitem interpretarmos que o interlocutor toma como certa a ação presente na encaixada. Em (38), apesar de o predicador ter se deslocado para uma posição acima da cópula, ele continua a ter escopo amplo sobre o *CP* da *Small Clause*, da mesma forma que deixa transparecer a opinião do interlocutor sobre o que anuncia. Assim, pois, *incrível* denota a admiração do interlocutor sobre o fato de a ação não se realizar.

Diante do que expomos no parágrafo acima, torna-se evidente que nas SCC, PRED, a encaixada *Ana não descobre o meu segredo* é o referente que se relaciona com essas três variáveis distintas: *certo*, *indiscutível* e *incrível*. Assim sendo, é uma expressão que está sob um julgamento pessoal do falante, o que confirma as palavras de Modesto (2001) de ser o *CP* da *Small Clause* uma expressão variável alusiva a um valor estabelecido no predicador.

Resenes (2009, p. 56) também apresenta a relação do predicador com sua variável e afirma que “a leitura predicacional [...] predica sobre toda a sentença *wh*, que [...] deve ser entendida como uma expressão referencial”. Segundo a autora, ao que nos parece, essa relação de predicação se dá quando existe uma sentença *wh* equivalendo à encaixada. No entanto, acreditamos que a leitura predicacional não se dá apenas com sentenças *wh*, pois,

como vimos, nas três estruturas apresentadas acima, não há sentença *wh* e, ainda assim, a predicação ampla da categoria focal pode ser evidenciada¹⁶.

De acordo com o que entendemos das palavras de Modesto (2001) e Resenes (2009), as leituras PRED são encontradas em estruturas em que o predicador tem amplo escopo, configurando uma relação sintática do tipo *sujeito/predicado* ou *argumento/predicador*, já que toda a oração encaixada é a própria variável. Sendo assim, nessas PRED, a relação de predicação é de caráter informacional, porque, no contexto discursivo, o predicador aparece para atribuir informação não esperada a todo aquele contexto discursivo do *CP*.

Quando o predicador é realizado fora de sua posição original, como aconteceu em (38), mesmo que não seja interpretado como um foco, ele pode desencadear, também, as leituras identificacional ou contrastiva. Contudo, apesar dessas leituras, o predicador não estabelecerá nenhuma relação estreita com uma variável específica dentro do *CP*, mas com todo ele. Também nesse caso, toda a oração encaixada continua a ser a variável desse predicador.

Em virtude da relação do predicador com a encaixada ser independente, pois ele é um constituinte que surge na sentença sem mexer nos constituintes que já existiam e à encaixada atribui marcas de *K* e de θ , os demais constituintes – como os verbos da copular¹⁷ e da encaixada – gozam também de independência. Nesse aspecto, Resenes (2009) se refere à “liberdade de concordância temporal” entre os verbos da copular e da encaixada, quando a sentença tem leitura PRED, como nas *SCC* que aqui estamos analisando. Assim, a relação entre os verbos das *SCC* se dá de modo que eles mantêm liberdade em relação à marcação de tempo – e, também, de modo. Ou seja, a cópula não precisa estar no mesmo tempo verbal que o verbo da *CP*, tampouco no mesmo modo. Dito isso, reformularemos em (39) a sentença em (36) e em (40) aquela em (38), a fim de que possamos confirmar, na primeira, a liberdade temporal e, na segunda, as liberdades de tempo e de modo.

(39) *É certo que Ana não descobrirá o meu segredo.*

(40) *Incrível será que Ana não descubra o meu segredo.*

Vemos em (39) que ambos os verbos estão no modo indicativo, entretanto a cópula se encontra no presente e o verbo principal *descobrir*, núcleo do sujeito oracional, no futuro do

¹⁶ O trabalho que Resenes desenvolve em sua Dissertação é sobre as sentenças pseudoclivadas e sobre elas faz a análise da leitura PRED. Como nosso objeto de pesquisa não traz, em sua estrutura, nenhum constituinte *Wh* – ou *pronomes-Q* –, não trataremos de sentenças *Wh*.

¹⁷ De agora em diante, sempre que falarmos em sentença copular estamos nos referindo à oração da *SCC* ou *SCI* que traz a cópula em seu interior.

presente. Em (40), as diferenças aparecem no tempo e no modo verbal, uma vez que a cópula está no futuro do presente do modo indicativo, enquanto o predicador *descobrir* está no presente do subjuntivo. Resenes (2009, p. 61) diz que “a concordância temporal entre a cópula e o verbo da sentença [...] é outro diagnóstico [...] para salientar a diferença entre as leituras. [...] Predicacional tem a opção de realizar ou não a concordância”. Apesar de a autora referir-se apenas ao tempo dos verbos, nós identificamos também liberdade de modo.

Outra característica das estruturas com leitura PRED, como já falamos, é que o predicador, independente de sua posição, atribui ao *CP*, seu argumento e variável, algum tipo de julgamento. Dessa forma, o valor que o predicador carrega denota a apreciação do falante sobre o que é dito nesse *CP*. Para ver essa marca de subjetividade, faremos uso de duas sentenças que Modesto (2001, p. 34) expôs em seu texto¹⁸.

- (41) a. *É bobo_i que o José é _{-i}.*
 b. *É bobo o que o José é.*

Em (41), apesar de as estruturas serem distintas apenas pelo uso do *pronome-Q* *o que*, que aparece na segunda, identificamos diferentes leituras semânticas. A sentença (41a), na qual houve movimento do constituinte *bobo*, predicador de *José*, para a periferia à esquerda, tem leitura exclusivamente ESP. Logo, na oração encaixada *que o José é* a variável desse constituinte é representada pela *ec*. Nesse caso, os papéis desempenhados pelos constituintes *bobo* e *ec* são, respectivamente, foco e predicador¹⁹ do sujeito simples *o José*. Dessa forma, a oração encaixada, *que o José é*, apresenta uma *ec* em razão do movimento do constituinte *bobo*, que se encontra na oração copular.

A sentença em (41b), *é bobo o que o José é*, tem o *pronome-Q* – *o que* – como variável, razão pela qual pode ter as duas leituras: a) será PRED, se *bobo* não estiver vinculado ao *pronome-Q*, mas a toda a encaixada. Ou seja, se *aquilo que o José faz* – sua profissão ou seu curso universitário, por exemplo – for classificado como *bobo* pelo interlocutor. Partindo dessa interpretação, o *pronome-Q* é o vestígio de um outro constituinte, diferente de *bobo*. Nesse caso, ao substituímos o *pronome-Q* pelo seu termo equivalente, teríamos, por exemplo, *que o José é palhaço* e *ser palhaço é bobo*. Logo, *o José ser palhaço é bobo*; b) será ESP, se *bobo* for uma característica particular do *José*. Nesse caso, *bobo* mantém relação estreita e específica com *pronome-Q*, sua variável, podendo substituí-lo.

¹⁸ O exemplo de Modesto (2001) que extraímos para este ponto do trabalho foi utilizado pelo autor não para evidenciar a subjetividade que aqui afirmamos, mas para distinguir as PRED das ESP.

¹⁹ O predicador do sujeito simples, nessa estrutura, equivale ao que a Gramática Tradicional chama de *Predicativo do Sujeito*.

Tendo essa leitura, a sentença (41b) equivale à mesma leitura de (41a), ou seja, em ambas, a semântica é a de que *O José é bobo*. *Bobo*, pois, é, ao mesmo tempo, um foco, que aparece na oração copular, e o predicador de *José*.

Para tornar mais evidentes essas possíveis leituras, respectivamente, PRED e ESP, da sentença (41b), que apresenta como vestígio o *pronome-Q*, retomaremos essa assertiva em (42), separando-a em duas, de forma a explicar a ambiguidade, considerando que ela permite dupla interpretação. Para tanto, substituiremos o *pronome-Q* por seu predicador equivalente:

- (42) *É bobo o que o José é.*
Ou
O José é palhaço e ser palhaço é bobo. Logo, É bobo  o que o José é.
- É bobo o que o José é.*
Ou
O José é bobo. Logo, é bobo  o que o José é.

Na primeira estrutura, encontramos no constituinte *bobo* um julgamento do interlocutor sobre o fato de *o José ser palhaço*, diferente do que acontece na segunda, em cuja estrutura o mesmo termo corresponde a uma característica pessoal do *José*. Logo, há duas versões neutras distintas para essa mesma estrutura copular.

Sendo PRED, o constituinte predicador da cópula não ocupa sua posição por movimento, visto que não deixa vestígio em seu lugar, mas é inserido na estrutura, tendo em vista ter sido solicitado pela cópula para lhe ser predicador e poder selecionar, no caso, o *CP* da *Small Clause* como argumento, não alterando a estrutura do IP encaixado, que já existia em forma de sentença neutra.

Por ter nascido na posição em que foi realizado, o predicador não detém marcas de θ e *K*, pois não foi derivado do movimento de nenhum constituinte que já possuía essas marcas, razão pela qual têm liberdade de vinculação. Dessa forma, as relações temáticas (ou semânticas) e de caso (ou sintáticas) são também independentes, tanto quanto a independência verbal dessas estruturas PRED.

Reescreveremos, agora, em (43) e (44), as assertivas que vimos utilizando e revelaremos que θ e *K* também não são convergentes.

- (43) *É certo que Ana não descobre o meu segredo.*
 (44) *Que Ana não descobre o meu segredo é indiscutível.*

Analisando a sintaxe de ambas as estruturas, vemos que nelas, a cópula solicitou um predicador, *certo* e *indiscutível*, respectivamente, para que ele, por sua vez, pudesse selecionar o argumento das *Small Clauses*, razão pela qual a estrutura *Que Ana não descobre o meu segredo* é argumento do predicador, e não da cópula. Mesmo que esse predicador seja um constituinte atemático – como é o caso dos adjuntos *certo* e *indiscutível* –, é ele que atribui ao *CP*, *que Ana não descobre o meu segredo*, marcação temática. Dessa forma, o *CP*, argumento das *SCC*, é um constituinte que possui θ .

Da mesma forma, em ambas as estruturas, o *K* da oração encaixada é o *Nominativo* (N), porque é uma oração que desempenha o papel de sujeito da estrutura. O constituinte na posição de predicador da cópula, por sua vez, não recebe marcação de θ nem de *K*, visto que sua função sintática é de predicativo. Por essa análise sintática, vemos que nas *PRED*, o valor, constituinte predicador, e a sua variável, ou referente, oração encaixada, não precisam dividir os mesmos *K* e θ . Nas *ESP*, entretanto, veremos que a afinidade de *K* e θ é obrigatória.

De posse da configuração sintática e semântica das sentenças com leitura *PRED*, abordaremos, agora, as sentenças copulares complexas cujas leituras semânticas são *ESP*, nas quais se encontram as *SCL*.

As *SCL* são *ESP* porque são sentenças que mantêm uma relação estreita e específica – do tipo *foco/vestigio* ou *valor/variável* –, daí a denominação de sentença especificacional – entre o foco e o constituinte que funciona como seu vestígio na encaixada. Nas *ESP*, diferente das *PRED*, o foco surge por meio de movimento, já que é um constituinte que sai de sua posição *in-situ* e se reacomoda em *SpecCP*, na parte mais alta da sentença.

Como a relação estabelecida entre o foco e o vestígio é estreita, as relações entre os demais constituintes se dão do mesmo modo, pois o constituinte que aparece em *SpecCP* aparece derivado via movimento, deixando em seu lugar um vestígio, com o qual passa a compartilhar as mesmas propriedades estabelecidas anteriormente, quer na sintaxe, na semântica ou na prosódia. Dessa forma, o escopo estreito do constituinte em *SpecCP* recai sobre sua variável porque essa variável é a representação, “vazia” ou com *pronome-Q*, daquele constituinte que se moveu.

Nas sentenças *ESP*, não só não há liberdade verbal, como também não há liberdade de θ nem de *K*, pela razão de o foco ser um constituinte que, tendo sido movido, tanto levou consigo as marcas de θ e de *K*, adquiridas antes do movimento, como também os deixou em sua posição original, para compartilhá-las com o seu vestígio específico e garantir essa estreita. Para ratificar, Sedrins (2012, p. 145) afirma que “o elemento movido e o vestígio a

ele coindexado formam uma espécie de objeto descontínuo, [...], garantindo a interpretação do constituinte movido na posição em que ele é gerado”.

Reescreveremos a sentença (18) em (45) e em (46), a seguir, e mostraremos outra forma de realização de uma *SCL*, para seguidamente fazermos apreciações sobre elas.

(45) *É [Ana]_i que [__]_i não descobre o meu segredo.*

(46) ***O** **que**_i Ana não descobre é [**o meu segredo**]_i.*

Inicialmente, podemos dizer (45) e (46) são duas versões copulares ESP derivadas de uma mesma sentença neutra, na qual, a primeira apresenta uma *ec* como variável a ser preenchida pelo valor do foco e, a segunda, o *pronome-Q* assume essa relação de *valor/variável*.

Analisando (45), vemos que o constituinte *Ana* é que ocupa a posição de foco, tendo θ de *Experienciador* e *K Nominativo*, os mesmos θ e *K* que tem o seu vestígio *ec*. Em (46), o foco é o constituinte *o meu segredo*, cujo θ é *Tema* e o *K* é *Acusativo*, os mesmos que identificamos no *pronome-Q* – *o que*. Essa congruência de Tema e de Caso é uma necessidade, tendo em vista a relação estreita do tipo *foco/estígio* e, evidentemente, um constituinte representar o outro.

Outro aspecto das *SCL* é que os verbos – cópula e principal – estão no mesmo tempo e modo, tendo em vista que, se assim não estivessem, comprometeriam a gramaticalidade da sentença. Vejamos que a sentença lida em (47), abaixo, é uma estrutura agramatical, devido à falta de afinidade verbal entre a cópula e o verbo principal, enquanto aquela em (48), se não for agramatical, é muito estranha, considerando que ela pode ter leitura tanto PRED quanto ESP, por causa do *pronome-Q* da encaixada:

(47) **É [Ana]_i que não [__]_i descubra o meu segredo.*

(48) *?[O que] Ana não descobre foi [o meu segredo].*

Em (47), a agramaticalidade é percebida porque, apesar de a cópula e o verbo principal estarem no mesmo tempo, eles distinguem no modo: o modo da cópula é o indicativo e o do verbo principal, o subjuntivo. Nessa sentença, o constituinte *Ana*, que aparece no lugar destinado ao foco, saiu do IP para *SpecCP*, sendo que, em sua posição original, *Ana* era o *experienciador* de uma situação *real*. No instante em que o verbo principal teve seu modo alterado para o subjuntivo, o vestígio do constituinte movido passa a *experienciador* de uma situação *hipotética*, o que contrapõe a verdadeira realização desse vestígio. Como (47) é a

versão copular de uma sentença neutra que se dividiu em duas, a versão copular deve, por isso, manter a mesma leitura semântica da sentença original.

Observemos em (47), ainda, que quando o verbo principal está no modo subjuntivo, o complementizador *que* passa, necessariamente, a fazer parte da estrutura encaixada, não permitindo, pois, que o seu IP represente uma sentença absoluta, mas, necessariamente, sentença relativa, portanto, sempre encaixada. Essa encaixada, no caso, deveria ser o argumento solicitado pelo predicador, que tem escopo amplo sobre ele. Como o constituinte *Ana* não pode inserir escopo amplo sobre o *CP*, a sentença se torna agramatical.

Lendo (48), a observação que fazemos é a de que, não sendo agramatical nem ambígua, a sentença é “estranha”, pois ora ela é boa, aceitável, ora não. Será gramatical, quando a sentença for dividida em *predicador/encaixada*, configurando uma sentença PRED, em que é permitida liberdade de concordância entre os verbos da estrutura; será agramatical quando sua estrutura estiver dividida em *foco/estímulo*, configurando uma sentença ESP, na qual deverá haver, necessariamente, congruência de concordância temporal e modal entre os verbos.

Sendo gramatical, (48) traz toda a encaixada, *O que Ana não descobre*, como argumento de *foi o meu segredo*, copular que traz seu predicador. Essa leitura, entretanto, só será possível, se o *pronome-Q* for substituído pelo demonstrativo *aquilo*, que será *AI* de *descobrir*. Nesse caso, a estrutura tem a seguinte interpretação:

(49) *Aquilo que Ana não descobre* *foi o meu segredo*.

Considerando (49), percebemos que *o meu segredo* representa um predicador que não denota julgamento do locutor, fato que viria a contradizer o que estamos afirmando sobre identificarmos, no predicador, uma avaliação pessoal do interlocutor que recai sobre a afirmação da encaixada.

Apesar, entretanto, de (48) ser uma *SCC*, acreditamos que o predicador *o meu segredo* tem características de foco, tendo em vista que, mesmo não tendo se movido, mantém relação estreita com uma variável dentro da encaixada. Nesse caso, o *pronome-Q* pode ser, também, substituído pelo *demonstrativo* *aquilo*. Contudo, a relação de predicação do valor *o meu segredo* se dará, estreitamente, com a variável *aquilo*, e não com a oração *aquilo que Ana não descobre*, como em (49), dentre outras razões, porque *aquilo*, sendo um *demonstrativo*, necessita estar preso ao nome ao qual se refere.

A fim de explicarmos a afirmação do parágrafo anterior, representaremos, em (50), como se dá a versão dessa sentença, cuja relação do foco se dará com o *pronome-Q*:

(50) ?*O que Ana não descobre foi o meu segredo.*

Ou

Ana não descobre aquilo.

Aquilo foi o meu segredo.

Aceitando como possível a interpretação da sentença em (50), percebemos que, podendo o *pronome-Q* ser adequadamente substituído por um *demonstrativo*, especialmente se considerarmos que a versão neutra originária dessa estrutura copular é a sentença *Ana não descobre aquilo*, a relação de predicação do predicador – no caso, *o meu segredo* – pode se dar, também, de forma estreita com um constituinte específico. Sendo assim, (50) é uma *SCC* – tendo em vista não ser uma estrutura que denote movimento do constituinte pós-cópula, bem como o vestígio presente na encaixada não é um *pronome-Q* ou uma *ec*, como acontece nas *SCL* – que tem um predicador com relação específica com uma variável.

Além da versão PRED, (48) nos permite identificar a leitura ESP, em que a sentença tem característica de uma *SCL*. Sendo *SCL*, o *pronome-Q* – *o que* – equivale ao próprio segredo que *Ana não descobre*, o que indica que esse constituinte foi movido de posição e deixou, em sua posição original, um vestígio, com quem compartilha as mesmas informações, como marcas de θ e K , por exemplo. Assim, *o meu segredo* é o valor específico da variável *pronome-Q*, exclusivamente, que não pode ser substituído pelo *demonstrativo aquilo*, como aconteceu em (50).

Sendo *SCL*, pois, todos os constituintes da sentença sofrem restrições, e os verbos, então, devem ter congruência de modo e de tempo, o que não acontece na estrutura, já que o verbo principal está no presente do indicativo, indicando que a ação de *descobrir* se realizará neste tempo, e a cópula, apesar de no mesmo modo, encontra-se no pretérito perfeito, fazendo notar que o objeto do *descobrir*, no caso, *o meu segredo*, já é algo do passado. Por essa razão é que a sentença se torna agramatical, visto que ela está sendo analisada pelo viés da leitura ESP.

Diante dessa nova interpretação, entendamos em (51), abaixo, por que a estrutura de (48), com versão ESP, é agramatical, tendo em vista a incongruência verbal:

(51) a. **[O que]_i Ana não descobre foi [o meu segredo]_i.*

b. *O que_j Ana não descobre é o meu segredo_i.*

Para que a sentença de (51) seja satisfatória, a única estrutura aceitável é a que expomos em (51a).

As *SCL*, que têm leitura ESP, são sentenças de uso frequente, tanto na oralidade quanto na escrita do PB. Voltando nossas análises para as sentenças copulares encabeçadas por *é*

ruim que, às quais nos propomos a analisar, vemos que elas têm, em alguns casos particulares, uma realização estrutural dos seus constituintes semelhante às *SCI*, ainda que as *SCN*, versão *ESP* das sentenças com *é ruim que*, não evidenciem nenhum vestígio sintático, como nas clivadas, mas puramente semântico.

RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo, buscamos mostrar a configuração estrutural de algumas sentenças do PB, uma vez que os constituintes, dependendo do como e do onde se acomodam, classificam a estrutura em dois tipos de sentença: se for uma sentença de ordem *SVO*, maioria das vezes não marcada, representa a estrutura padrão (ou neutra) do PB; se a ordem dos constituintes, entretanto, é invertida ou nela são inseridos novos constituintes, como a cópula e o *que*, dando à estrutura algum tipo de destaque que recai sobre um desses constituintes, dizemos que a sentença é marcada.

Seguindo a linha de raciocínio de autores que neste trouxemos, afirmamos que em toda estrutura há duas partes discursivas, uma que corresponde à informação nova ou a não pressuposta, chamada de foco, tanto nas sentenças neutras quanto complexas, e outra que corresponde à parte pressuposta, que corresponde à informação velha ou pressuposição.

Em seguida, discorreremos sobre dois tipos de sentenças copulares complexas que, além da cópula, possuem um complementizador – ou *pronome-Q*: as sentenças copulares comuns (ou *SCC*), cuja leitura semântica é a Predicacional (*PRED*), bem como as denominadas de sentenças copulares clivadas (*SCI*), que tem leitura semântica Especificacional (ou *ESP*). Mostramos que, apesar de estruturalmente semelhantes, a analogia entre *SCC* e *SCI* restringe-se, apenas, ao aspecto estrutural, uma vez que as suas interpretações são distintas, bem como os papéis que os focos desempenham são também distintos. Dentre as diferenças, dissemos que elas se dão em três campos: no sintático, no semântico e no prosódico.

No aspecto sintático, as *SCC* são estruturas, em que uma sentença neutra passou a argumento de uma *Small Clause*, tendo em vista aparecer encaixada a um *CP*, quando este é selecionado pelo predicador da cópula. Por ter sido inserido na estrutura, nas *SCC*, a relação de predicação do predicador acontece sobre todo o *CP*, do tipo *predicador/encaixada*, e não com nenhuma variável específica.

A sintaxe das *SCI* se dá de modo que a realização do constituinte pós-cópula é derivado do movimento de um constituinte que sai de sua posição *in-situ* para se abrigar em

SpecCP, posição do foco. O movimento desse constituinte biparte a sentença de origem em duas, estabelecendo, entre ambas, uma relação estreita do tipo *foco/estígio* ou *valor/variável*.

Quanto à semântica, as *SCC* têm um predicador com leitura de escopo amplo, visto que a informação que ele transporta, que tem caráter subjetivo, recai sobre a encaixada inteira e não sobre apenas um dos seus constituintes. As *SCI*, entretanto, têm foco de escopo estreito, já que sua relação está diretamente vinculada ao estígio que ele deixou em seu lugar original. Ou seja, há nas *SCI* uma relação estreita do foco sobre o estígio que o substituiu, quando ele seguiu para ocupar a posição de foco sentencial.

Por causa da relação *predicador/encaixada* ou *foco/estígio*, as *SCC* ou *SCI* permitem diferentes relações Temáticas (θ) e de Caso (K) entre o valor e sua respectiva variável. Sendo *SCC*, na qual a variável é toda a encaixada, as marcas θ e de K são independentes, já que não há vínculo específico do tipo *valor/foco* com a *variável/estígio*. Sendo *SCI*, contudo, as marcas de θ e de K são compartilhadas entre o valor e a sua variável, tendo em vista que o foco, que deriva de um movimento, leva consigo essas marcas já adquiridas.

A evidência da congruência θ e de K nas *SCI* pode ser corroborada, quando percebemos que, ao ser movido, o constituinte não pode deixar para trás nenhum dos elementos que o configuram, sob pena de tornar a sentença agramatical, se assim fizer. Quando um PP, por exemplo, ocupa a posição focal, a preposição, naturalmente, deve acompanhar o constituinte por ela solicitado. Assim, é gramatical a sentença *É de bolo_i que Ana gosta _i*, mas agramatical **É bolo_i que Ana gosta de _i*.

Por fim, dissemos que o foco, constituinte principal para as diferentes interpretações de leitura semântica, pode ser dividido em três tipos: Foco Informacional, quando, configurando um simples elemento de informação, servir de resposta a um estígio presente numa *sentença/pergunta*, o qual pode corresponder ao *pronomes-Q* ou à *pergunta-Q* inteira; Foco Identificacional, quando ele ora representa um constituinte único que, dentre um universo maior de constituintes disponíveis, preencheu a posição de foco, caracterizando uma identificação exaustiva, ora representa um constituinte único que, dentre um universo de outros constituintes com características afins, ocupou a posição focal, caracterizando uma identificação exclusiva; Foco Contrastivo, quando nega, contrapõe ou corrige outro constituinte, apresentado como certo numa assertiva anterior.

Dissemos, ainda, que há contextos específicos para identificar e reconhecer cada tipo de foco, sendo o contexto *pergunta-Q* ideal para reconhecer os focos informacional e identificacional, e duas assertivas, uma anterior e outra posterior, para o foco contrastivo, tendo em vista a função deste de corrigir algo que fora antes afirmado.

Além disso, dissemos que qualquer dos focos pode ter vínculo estreito e específico com um constituinte, do tipo *valor/variável*, considerando a possibilidade de o foco informacional tanto se relacionar com um único constituinte, mantendo escopo estreito, quanto com toda a estrutura, estabelecendo amplo escopo. Contudo, os focos identificacional – com leitura de exaustividade ou de exclusividade – e contrastivo podem manter, apenas, uma relação de escopo estreito, tendo em vista se relacionarem essencialmente com o vestígio que deixaram em sua posição *in-situ* ao se moverem para outra posição. As *SCC*, como apontamos, também permitem a realização da leitura de informação, de identificação ou de contraste. Afirmamos, ainda, que se o foco aparece na posição *in-situ*, ele pode ser informacional, identificacional ou contrastivo. Entretanto, se ele aparece fora de sua posição *in-situ*, obrigatoriamente ele dispara leitura de exaustividade, de exclusividade ou de contraste, vindo a ser, pois, unicamente, classificado como identificacional ou contrastivo.

Considerando as sentenças copulares encabeçadas por *é ruim que*, bem como o que a teoria linguística informa sobre os tipos de sentenças copulares, dividindo-as conforme a leitura semântica, em predicacional ou especificacional, no próximo capítulo iniciaremos a análise dessas construções específicas, tendo como referência o que diz a teoria, pois, conforme já apontamos, identificamos nas sentenças com *é ruim que* tanto a leitura PRED quanto a leitura ESP, em que, nestas, há um foco na posição de *SpecCP*, como acontece com as especificacionais da teoria, e, naquelas, um constituinte na posição de predicador, tal qual as predicacionais da teoria.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DAS SENTENÇAS COM “É RUIM QUE” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, desenvolveremos os questionamentos e as hipóteses iniciais que levantamos no primeiro capítulo sobre as sentenças complexas iniciadas pela expressão “*é ruim que*” no Português Brasileiro (PB). Sentenças copulares encabeçadas por essa expressão, percebidas na oralidade em discursos mais informais do PB, despertaram nosso interesse porque trazem, em seu interior, constituintes que ocupam as mesmas posições daqueles das sentenças copulares complexas, nas quais uma cópula, juntamente com o complementizador, ensanduicha um terceiro constituinte²⁰.

No capítulo anterior, afirmamos que as sentenças do PB se organizam de duas formas distintas: uma obedecendo à ordem canônica dos constituintes, chamada de sentença neutra, na qual os constituintes se agrupam da forma mais simples possível, e outra denominada sentença complexa, que apresenta o complementizador – *que* ou *se* – em suas estruturas. Tendo em vista que as sentenças copulares encabeçadas pela expressão *é ruim que* em PB apresentam um desenho estrutural, no mínimo, desafiador, propomo-nos a analisá-las por duas razões: 1) porque elas são utilizadas em contextos informais na oralidade, com vistas a intenções comunicativas distintas; 2) porque, estruturalmente, apresentam, exatamente, o que nos parece ser uma cópula *que*, acompanhada de um complementizador, ensanduicha o constituinte *ruim*.

Quanto às leituras semânticas que elas disparam, seguindo a perspectiva gerativista, afirmamos que existem dois tipos de leitura para as sentenças com a estrutura *SER + XP + QUE + IP*: uma predicacional (PRED), cuja configuração sintática dos constituintes se dá com uma *Small Clause*, da qual o predicador seleciona um *CP*, advindo da sentença neutra original; e outra especificacional (ESP), que, também derivada de uma sentença neutra, tem essa sentença original bipartida em duas, quando um dos seus constituintes vem ocupar a posição entre a cópula e o *que*.

²⁰ A partir de agora, sempre que nos referimos às sentenças copulares estaremos tratando especificamente de sentenças copulares complexas, que trazem, em sua estrutura, além da cópula, o foco e o complementizador, conforme revisamos no capítulo II desta dissertação.

Pela análise que mais adiante faremos das sentenças com *é ruim que*, sistematizaremos argumentos a favor da hipótese de que, assim como há duas leituras semânticas para as sentenças copulares comuns e clivadas, também essas diferentes leituras são identificadas nas sentenças com *é ruim que*, cujas estruturas apresentam relações sintáticas, semânticas e prosódicas próprias, dependendo da organização dos constituintes que são/estão a elas adicionados, bem como dos papéis morfossintáticos que esses constituintes desempenham.

Deste ponto em diante, analisaremos, exclusivamente, as sentenças com *é ruim que*, considerando, além do contexto em que aparecem, a configuração de suas estruturas, pois, conhecendo a configuração inerente a cada uma, poderemos sustentar o argumento de que tais sentenças possuem, de fato, duas leituras semânticas possíveis. Ainda, baseados nessa análise, confirmaremos – ou não – a hipótese principal que aqui defendemos: a de que as sentenças iniciadas pela expressão *é ruim que* no PB podem ter ora leitura PRED, ora ESP.

Para atingirmos o resultado esperado, faremos nossas análises fundamentando-nos nos pressupostos da teoria gerativa, que traz explicações para as configurações das *SCC*, de leitura PRED, e das *SCL*, de leitura ESP, tendo em vista não termos na literatura trabalhos teóricos voltados para as estruturas com *é ruim que*, especialmente aquelas que estamos apontando como *sentença copular de negação* (ou *SCN*). Para tanto, adotaremos a metodologia das análises comparativas entre as *SCC* e as *SCN*, para que, com esse método, possamos confirmar se essas sentenças específicas são congruentes com o que a gramática gerativa diz sobre as prototípicas *SCC* e *SCL*, os dois tipos de sentenças copulares complexas por ela analisadas.

3.1. CONTEXTOS DISCURSIVOS DAS SENTENÇAS COM *É RUIM QUE*

As sentenças copulares encabeçadas por *é ruim que* normalmente aparecem em contextos de fala do PB – apesar de nada em sua estrutura impedir que elas se realizem também na escrita. Quando pronunciadas, essas sentenças expressam, muitas vezes, respostas que contrariam ou negam o que um locutor – por vezes, questionador – afirma ou questiona. Outras vezes, o uso dessa construção apresenta uma carga informacional cuja interpretação denota a opinião – de caráter desfavorável – do interlocutor em relação àquilo que está sendo afirmado na oração encaixada, sem, no entanto, negar essa afirmação. Ou seja, quando usa as estruturas com *é ruim que*, o interlocutor organiza os seus constituintes de modo que possa: 1) apresentar sua apreciação sobre o que é afirmado; 2) negar o que parece ser uma afirmação, dando ênfase, nesse caso, ao constituinte “negador”. Em ambos os casos, o interlocutor está

sempre diante de um discurso precedente que, por sua vez, na sentença com *é ruim que*, será retomado dentro da oração encaixada. Para mostrar o que acabamos de afirmar, vejamos o exemplo em (51), abaixo:

(52) *AFIRM_1: Ana descobrirá o seu segredo.*

AFIRM_2: É ruim que Ana venha a descobrir o meu segredo. (Opinião do interlocutor)

AFIRM_3: É ruim que Ana descobrirá o meu segredo. (Negação da afirmação)

Antes de pronunciar a segunda e terceira afirmação, em (52), o interlocutor se deparou com um discurso precedente, para o qual estabeleceu a sentença *é ruim que* como reafirmação. Enquanto na *AFIRM_2*, o falante simplesmente expôs o seu ponto de vista sobre o fato apresentado, na *AFIRM_3*, ele negou uma afirmação feita anteriormente. Em ambos os casos, o discurso precedente reaparece em forma de oração encaixada. Dessa forma, há sentenças com *é ruim que* que inserem uma opinião sobre o que é antecipadamente afirmado, deixando claro o valor subjetivo do interlocutor sobre o que foi dito, sem, no entanto, mudar o seu conteúdo proposicional, e outras que inserem uma negação sobre uma afirmação precedente, mudando o seu conteúdo proposicional.

Antes de passarmos à análise da estrutura das sentenças com *é ruim que* – sabendo que, a depender das relações estabelecidas entre os seus constituintes, pode ter, conforme nossa hipótese inicial, duas leituras distintas, uma *PRED* e outra *ESP*, apresentaremos duas situações de fala, informal e “despreocupada”, nas quais os interlocutores utilizam a língua na sua forma mais espontânea²¹.

A situação primeira – ou situação 01 – retrata um diálogo entre marido e mulher²² na cozinha de sua residência, no qual ele tenta convencê-la a provar um doce típico do nordeste. Na outra – situação 02 –, três amigas conversam pelo *Facebook*, enquanto uma delas, professora, está no intervalo de sala de aula.

Situação 01:

Ele: amor, prova do doce? Você vai amar!

Ela: nem morta! Essa coisa é muito ruim. Só tu mesmo que tem cara de paraíba (risos) pra gostar disso.

²¹ Como o objetivo deste nosso trabalho é analisar a sintaxe dos constituintes das sentenças com *é ruim que*, não fizemos uma análise quantitativa nem empírica do número de ocorrência dessas estruturas no PB. Contudo, partimos de exemplos reais - as situações aqui apresentadas são verdadeiras – como mostra de que, de fato, são sentenças já implementadas na língua.

²² Ambos são naturais do Rio de Janeiro. Ele, entretanto, é filho de pais nordestinos que, a cada ano, vêm passar uma temporada com os demais familiares, razão pela qual conhece e aprecia o gosto por esse doce.

Ele: tá me chamando de paraíba, é?! Pois agora tu vai comer de qualquer jeito.

*Ela: **é ruim, heim, amor, que tu me faz comer esse doce ridículo!***

Ele: pois tu vai comer e é já!

Situação 02:

Re: ah, meninas, faz tempo que a gente não se vê. Todos nós. Vamos marcar um encontro aqui mesmo? Eu tenho em comum vcs, Le, Dag, Paul e Wa. Vou abrir um bate papo separado para nós. Pode ser?

Ma: eu topo! Realmente faz muito tempo que a gente não se vê.

Re: quando vamos nos encontrar? Hoje?

Ma: Hoje teve uma manifestação dos jovens aqui em natal. Lutando pelos seus direitos...

Ju: Posso estar online depois das 22h30, apenas. Trabalho à noite e não tenho como estar aqui antes, entendem?

*Re: Eu entro, mas **é ruim de Ma entrar**. Nessa hora ela já estará dormindo profundamente como a bela adormecida.*

Ma: kkkk, o ruim é q tenho mta coisa para fazer hj. E amanhã?

Ju: kkkkkkk

Re: kkkkk. Eu não disse?! A Ma sempre fura. A propósito, não deu o toque, furona? Vc vai dar aula, não vai?

*Ma: **é ruim que eu vou dar aula agora. Só vou no último horário.***

Na situação 1, o marido queria que a esposa provasse um pouco de doce de Jaca, do qual ele gosta muito e que sua mãe havia levado na viagem de volta de Natal para o Rio de Janeiro. A esposa, como não gosta, fez deboche, e ele reagiu dizendo que ela iria comer o doce de qualquer maneira. Ela, por sua vez, deu como resposta a sentença que reproduziremos em (53), abaixo:

(53) *É ruim, heim, amor, que tu me faz comer esse doce ridículo!*

Na situação em questão, vemos que o marido não faz uma pergunta à mulher, mas deixa evidente a ideia de que ele a fará comer, a qualquer custo, o tal doce. Para essa evidência, a esposa diz o que está reproduzido em (53), colocando, na oração encaixada, a ideia percebida como intenção do marido. Nesse caso, identificamos na expressão *é ruim que* uma negativa à ideia precedente, ou seja, a de que o marido a fará comer o doce.

Na segunda situação, uma das amigas aproveita a oportunidade e sugere que seja realizado um encontro entre todos os demais, naquele mesmo espaço virtual, num momento posterior. Dentro do diálogo, duas situações com *é ruim que* aparecem, às quais reproduziremos em (54), abaixo, ambas acompanhadas dos seus contextos:

(54) *CONTEXTO_1: Re: Eu entro, mas é ruim de Ma entrar. Nessa hora ela já estará dormindo profundamente como a bela adormecida.
[...]*

CONTEXTO_2: Re: kkkkk. Eu não disse?! A Ma sempre fura. A propósito, não deu o toque, furona? Vc vai dar aula, não vai?

Ma: É ruim que eu vou dar aula agora. Só vou no último horário.

Analisando a sentença em (54), vemos que, no *contexto_1*, não se trata de uma estrutura com a expressão *é ruim que*, mas de uma possível variante, visto que ela apareceu com *é ruim de*, em que a preposição *de* aparece no lugar do complementizador *que*, além de ter verbo principal no infinitivo. Essa estrutura, sendo uma variante daquelas que nos propomos analisar, recebe, no entanto, a mesma interpretação que as demais. Assim como no contexto (53), em (54) a expressão *é ruim de* veio contrariar uma ideia inicial de que *Ma* estaria *online* no horário combinado²³.

No *contexto_2*, de (54), sendo questionada sobre o seu retorno à sala de aula – visto que, como dissemos no início, uma das interlocutoras, que é professora, estava no intervalo escolar, *Ma* dá como resposta uma sentença introduzida por *é ruim que* que, como as outras, vem negar uma afirmação. Tanto em (53) quanto em (54), a expressão *é ruim que* adquiriu função de um constituinte negador para afirmações realizadas previamente e retomadas dentro de uma oração encaixada.

Além das situações reais apresentadas, encontramos também sentenças introduzidas por *é ruim que* em letras de duas músicas: uma da dupla César Menotti e Fabiano, intitulada “*É ruim que* doi ficar sem o teu amor”, e outra de Gizely Dell, chamada “*É ruim que* cê me pega”, ambas transcritas abaixo:

É ruim que doi ficar sem o teu amor

(César Menotti e Fabiano)

*O meu coração não para de chorar
a falta e o vazio que você deixou.*

Seduziu, me conquistou, depois me abandonou.

É ruim que doi ficar sem o teu amor.

É ruim que doi ficar sem teu beijo, teu calor.

É ruim que doi sofrer por uma paixão.

²³ Nosso propósito neste trabalho é estudar as estruturas copulares com *é ruim que*. Por esse fato, não dedicaremos aqui atenção às sentenças – quem sabe recorrentes no PB – com *é ruim de + infinitivo*, o que não nos impede de pesquisá-las em trabalho posteriores.

É ruim que cê me pega

(Gizely Dell)

Sábado, na balada,
 eu estava dançando num bar,
 e passou um carinha bombado,
 dando cantada e já me ouviu falar:
 ‘aff, se acha a última bolacha,
é ruim que cê me pega,
ah, é ruim que cê me pega.
 Cai fora, cai fora
 que eu não vou te dar bola.
É ruim que cê me pega.

Pelo contexto da letra musical de César Menotti e Fabiano, vemos que o eu lírico sofre por uma paixão que acabou. Podemos perceber o aparecimento, repetidas vezes, de sentenças com a expressão *é ruim que*. Essa sentença, diferente das demais até aqui apresentadas, não parece ter surgido para contrariar uma afirmação ou ideia presente na encaixada, mas para expor, de forma lamuriosa e intensa, a sensação causada pela dor sentida pelo eu lírico. Nesse contexto, como apresentaremos no próximo item, o *é ruim que* não equivale a uma negativa, mas a uma avaliação pessoal daquilo que é dito na oração encaixada.

Observando o contexto da letra musical de Gizely Dell, cuja letra é uma resposta à música do sertanejo Michel Teló, “Ai, se eu te pego”, fazemos a mesma interpretação das sentenças com *é ruim que* nas situações reais de fala apresentadas. Assim, quando a interlocutora diz “*é ruim que cê me pega*”, está, na verdade, contrariando a ideia de que o, então, “carinha”, terá acesso ao seu amor, ou seja, de que ele irá conquista-la.

Diante do que expomos, acastelamos como certo o fato de que as sentenças com *é ruim que*, em PB, são de uso frequente²⁴. Das recorrências apresentadas, vimos que, em três delas, a expressão com *é ruim que* traz uma negação para uma ideia ou afirmação anteriormente apresentada no contexto, enquanto somente aquela da letra musical de César Menotti e Fabiano insere uma apreciação sobre a dor sentida pelo eu lírico.

²⁴ Não fizemos, como já colocamos, uma análise empírica, quantitativa das sentenças com *é ruim que* no PB. Contudo, nada impede que, em trabalhos futuros, aprofundemos nossa pesquisa e estudo sobre o fenômeno, com base em levantamento de dados. Por enquanto, nosso propósito é mostrar o quanto os fatores sintáticos distinguem esses dois tipos de estrutura.

Retomando, ainda, a conversa realizada no *Facebook*, notamos que outra situação com *é ruim que* apareceu, permitindo que a leitura sobre ela realizada seja distinta das demais. Vejamos a situação expressa em 03, abaixo:

Situação 03

Ma: ...*Re*, tu é demais, né? – kkkk –. Eu acordo muito cedo todos os dias, vc sabe. Se tu tiver filho 1 dia, vai deixar de dizer isso!

Re: não culpa a bb, ela é um doce e não perturba o sono de ninguém. Vc é que é mesmo uma dorminhoca de classe.

Ma: hahahahaha! **Re, é ruim que vc venha a Natal agora, viu?** Sugiro que passe um tempinho sem olhar para mim, sua injusta!

Re: ah, tá me ameaçando, né?! Tô morrendo de medo! – kkk – Pois eu vou estar aí mais cedo do que o que você imagina, kkkkk.

Na situação 03, *Ma* usa a expressão, que reproduzimos em (55), abaixo, depois de ser “acusada” de não estar acordada no horário em que as três marcaram o encontro virtual:

(55) *Hahahahaha! Re, é ruim que vc venha a Natal agora, viu? Sugiro que passe um tempinho sem olhar para mim, sua injusta!*

Em (55), a interpretação que realizamos é diferente daquelas que fizemos para as situações 01 e 02 apresentadas acima, coerentes com a da letra musical de Gizely Dell. Da mesma forma, difere também da leitura da música de César Menotti e Fabiano, que ao *ruim* pode ser acrescentado o intensificador *tão*. Nessa situação, *é ruim que* parece equivaler a um julgamento do interlocutor sobre a afirmação presente na encaixada. Em outras palavras, em (54) a expressão *é ruim que* não nega a afirmação feita na encaixada, como em (53) e (54), mas sobre ela insere uma *opinião/avaliação*.

As diferentes leituras e interpretações que pudemos reconhecer nas situações de fala e de escrita informal e nas letras de músicas apresentadas são o que nos levam a defender a tese de que as sentenças com *é ruim que* ora podem ser interpretadas como uma sentença de leitura PRED, ora como sentença de leitura ESP, estando um ou outro tipo relacionado à natureza configuracional dos constituintes de cada estrutura.

3.2. A SINTAXE DAS SENTENÇAS COM *É RUIM QUE*

Apesar de as sentenças com *é ruim que* serem superficialmente semelhantes, elas não são estruturalmente iguais, tanto pela posição que o constituinte *ruim* ocupa na estrutura, quanto pela natureza dos demais constituintes da sentença.

Numa leitura mais atenta, observaremos, primeiramente, que o *ruim*, termo realizado entre *ser* e *que*, ora tem função de adjetivo, tendo em vista inserir sobre a encaixada – ou sobre os seus constituintes – uma característica; ora, formando uma expressão cristalizada, funciona como advérbio com valor de negação, considerando que tal expressão nega o que é afirmado na oração encaixada. Veremos também que o elemento *que*, núcleo de *CP*, às vezes aparece na periferia à esquerda da sentença, cujo *SpecCP* é preenchido por *é ruim*, outras vezes seu especificador é vazio. Nesse caso, ele encabeça uma estrutura encaixada, que é argumento do predicador da *Small Clause*.

Além da natureza de *ruim* – *AP* com função adjetival ou *AP* com função adverbial – e de como o *que*, núcleo do *CP*, aparece na estrutura, o tipo de verbo principal da sentença com *é ruim que* também contribui para que classifiquemos a sentença com *é ruim que* em PRED ou ESP. Quando ele aparece no modo indicativo, percebemos que a encaixada tem todas as posições do seu IP preenchidas, satisfazendo, pois, as exigências estabelecidas pelo núcleo da estrutura, no caso, pelo verbo. Quando, por sua vez, o verbo principal está no modo subjuntivo, a oração encaixada, que também tem as posições do IP preenchidas, será sempre uma oração completiva, considerando que ela é argumento do predicador da oração copular, logo, completando o seu sentido.

Como o *CP* das *é ruim que* PRED é argumento do predicador, ele só acha plenitude se associado a esse predicador, razão pela qual dizemos que esse *CP*, apesar de ter seu IP sintaticamente pleno, não tem plenitude semântica. Logo, para que adquira um valor proposicional satisfatório, o *CP* deve, necessariamente, ser agregado ao *ruim*, predicador da oração copular.

Diante da prévia avaliação morfossintática que realizamos nos parágrafos acima, é indiscutível que temos duas sentenças copulares complexas distintas com a mesma estrutura *é ruim que* as encabeçando: uma que tem leitura PRED, e outra cuja leitura é ESP, como exemplificaremos com as estruturas em (56), abaixo:

(56) a. *É ruim que Ana venha.*

b. *É ruim que Ana vem*²⁵.

Ao considerarmos as estruturas das sentenças de (56), imediatamente pensamos serem estruturas com a mesma realização sintática e, por sua vez, interpretação semântica. Entretanto, essa não parece ser uma verdade.

A sintaxe da estrutura (56a), por exemplo, traz uma *Small Clause*, da qual o *ruim* é predicador e o CP, seu argumento. Nesse caso, se o argumento for separado do predicador, a encaixada para a não ter plenitude. Como predicador, o *ruim* insere uma apreciação sobre a afirmação feita na encaixada, cujo verbo principal está no subjuntivo. A estrutura sintática de (56b), por sua vez, apresenta uma configuração na qual a cópula e o *ruim* ocupam uma posição na periferia à esquerda, disparando uma interpretação diferente daquela disparada em (56a). Em razão disso, a semântica dessas sentenças com *é ruim que* depende do tipo de constituintes e das posições que estes ocupam na sentença. Logo, a sintaxe de cada uma dessas assertivas é responsável por classificar a sentença como uma estrutura de leitura PRED ou uma estrutura de leitura ESP.

Na estrutura (56b), o IP encaixado *Ana vem* é pleno de constituintes, já que *vir*, que está no modo indicativo, enfatizando como *certa* essa vinda, é um núcleo monoargumental que tem como argumento *Ana*. Em (56a), o IP encaixado *Ana venha* também traz o núcleo, *venha*, e seu argumento. Contudo, é um IP que não pode ser realizado sem o auxílio do complementizador, tendo em vista o modo subjuntivo do seu verbo, que, por sua natureza, aparece em sentenças encaixadas, dependentes, assim, de outros constituintes para serem plenas.

Outra diferença entre (56a) e (56b) está na natureza do AP de cada uma das sentenças, respectivamente o *ruim*, nas PRED, ou o *é ruim*, nas ESP. Na sentença em (56a), o AP *ruim* tem funções de adjetivo, considerando que ele caracteriza a afirmação presente na encaixada. Em outras palavras, (56a), *é ruim que Ana venha*, poderia ser lida com a sentença neutra *Não é bom que Ana venha*, em que *não é bom* caracteriza como “não boa” a ação de *Ana vir*. Em (56b), por sua vez, o AP *é ruim*, cujas funções são de um advérbio de negação, nega o que é afirmado dentro da sentença encaixada, uma vez que altera significativamente o seu sentido. Ou seja, a sentença copular *É ruim que Ana vem*, em (56b), cuja encaixada traz a informação *Ana vem*, tem, aparentemente, a mesma interpretação da sentença neutra *Ana não vem*.

²⁵ A fim de que possamos evidenciar outras realizações de sentenças com *é ruim que*, utilizaremos, aqui, uma sentença diferente de *é ruim que Ana descubra (descobre) o meu segredo*, a qual utilizamos na maioria dos exemplos de nossa pesquisa.

Pela relação do *ruim* e do *é ruim* com a estrutura encaixada, defendemos que: em (56a) temos uma sentença copular de leitura PRED, na qual há um julgamento do interlocutor, presente no *ruim*, sobre a afirmação da encaixada; e que, em (56b), temos uma sentença de leitura ESP, já que há, na periferia à esquerda da sentença, um *CP* que traz a expressão *é ruim que*, em que o *é ruim* nega o que aparece afirmado na encaixada, alterando significativamente essa afirmação.

Para ratificar o que expomos sobre (56a) ter uma leitura PRED, em que o *AP ruim* corresponde a um julgamento valorativo sobre o que é afirmado no IP encaixado e (56b) ter uma leitura ESP, na qual o *AP é ruim* altera o sentido do IP encaixado, negando o que nele é afirmado, observemos os pares *pergunta/resposta* abaixo, em (57), cujas perguntas são diferentes:

- (57) a. *Ana vem?*
 i. *É ruim que Ana vem.*
 ou
 ii. *Ana não vem.*
- b. *O que é ruim?*
 i. *É ruim que Ana venha.*
 Ou
 ii. *É ruim Ana vir*²⁶.

Observemos, inicialmente, que a pergunta em (57b) não aceitaria como resposta a sentença *É ruim que Ana vem*, em (57a.i), já que é uma pergunta que, por si só, denota que algo *não é bom* acontecer, e a sentença (57a.i) não tem essa leitura, pois é ESP, e a expressão *é ruim* tem valor de negação e não de caracterização.

Podemos dizer, porém, que a pergunta presente em (57a) poderia ter como resposta a sentença *É ruim que Ana venha*, de (57b) – ainda que acastelamos que a realização verbal de *vir* não condiga com a exigência da pergunta, que requer uma resposta precisa, incompatível com o modo subjuntivo do verbo. Ou seja, a pergunta (57a) é do tipo *Ana vem ou não vem?*, para a qual as assertivas *Ana vem*, IP da encaixada de (57a), ou *Ana não vem* servem bem como respostas, diferentemente de *Ana venha*, IP da encaixada de (57b), ou *Ana vir*, que nem sequer têm independência semântica.

Além de diferenciarmos sintaticamente as estruturas com *é ruim que* pelo modo como IP aparece na encaixada, cujo verbo pode estar em modos distintos, distinguimos tais

²⁶ Forma infinitiva da oração encaixada, da qual não falaremos, tendo em vista nossa pesquisa ser sobre as estruturas que têm o complementizador *que* encabeçando a oração, logo, constituindo uma encaixada finita.

estruturas, também, pela forma como o constituinte *ruim* ocupa a posição em que é realizado, tal qual como acontece com as copulares complexas PRED e ESP. Quando a sentença tiver leitura ESP, como em (56b), o *ruim* faz parte de uma expressão cristalizada, *é ruim*, e aparece na posição de especificador de *FocP*²⁷ (deste ponto em diante, *SpecFocP*), cujo núcleo é vazio, sendo seguido, imediatamente, de um *CP* com *Spec* vazio e núcleo preenchido pelo complementizador *que*. Já nas sentenças de leitura PRED, como em (56a), o *ruim* não aparece em *SpecFocP*, mas é realizado dentro do IP, como predicador da cópula, de onde seleciona o *CP* *que Ana venha* para seu argumento.

Dito isso, há duas formas distintas de classificação do *ruim* nas sentenças com *é ruim que*: quando PRED, em que o *CP* aparece com verbo no subjuntivo, o *ruim* é predicador de uma *Small Clause* e, como núcleo da cópula, seleciona como argumento o *CP* encaixado; quando ESP, em que o verbo principal está no indicativo, o *ruim* é parte de uma expressão cristalizada *que*, de *SpecFocP*, nega a afirmação do IP que aparece no *CP* encaixado, mantendo com ele uma espécie de relação estreita, pois modifica o seu sentido. Nesse caso, a expressão cristalizada parece se relacionar com uma espécie de variável semântica.

3.2.1. CONGRUÊNCIA OU DIVERGÊNCIA DA FLEXÃO TEMPO E MODO DOS VERBOS

A relação que os verbos das estruturas copulares mantêm entre si se dá conforme o tipo de leitura semântica que essas sentenças recebam: se PRED, há certa liberdade de concordância entre a cópula e o verbo principal; se ESP, essa liberdade não acontece, precisando, ambos os verbos, manterem-se nos mesmos tempo e modo verbais.

Com as estruturas copulares iniciadas com *é ruim que*, a relação entre os verbos também acontece conforme o tipo de leitura semântica que cada uma transporta: quando a estrutura é de uma *SCC*, cuja leitura é PRED, a mesma liberdade verbal das copulares PRED acontece; quando, por seu turno, a sentença é definida como *SCN*, de leitura ESP, há uma relação estreita, quase fixa, estabelecida entre a cópula e o verbo principal.

Para explorarmos o que afirmamos acima, retomemos abaixo, em (58), as sentenças apresentadas em (56):

- (58) a. *É ruim que Ana venha.*
 b. *É ruim que Ana vem.*

²⁷ Do inglês *Focalizer Phrase*, que no português pode ser traduzido como Sintagma Focalizador.

Considerando os verbos dessas sentenças, respectivamente, *ser* (*ê*) e *vir* (*venha* ou *vem*), percebemos que eles aparecem no mesmo tempo, Presente, em ambas as sentenças. Quanto ao modo, em (58a), que tem uma configuração sintática do tipo *Small Clause* com predicador e argumento, o verbo principal aparece no modo subjuntivo e a cópula no indicativo, ao passo que, em (58b), tanto a cópula quanto o verbo principal aparecem no indicativo. Essa é uma característica que também nos leva a diferenciar as duas estruturas: a possibilidade de flexão de tempo e de modo entre a cópula e o verbo principal, quando a sentença for *SCC*, e a impossibilidade de flexão de modo, quando a sentença for *SCN*.

A cópula, particularmente, tem suas peculiaridades. Se a estrutura com *é ruim que* for uma *SCC*, a cópula pode aparecer em qualquer tempo, desde que esteja no modo indicativo. Quando a estrutura, porém, for uma *SCN*, a cópula é invariável tanto em tempo quanto em modo, aparecendo sempre na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que só confirma nossa hipótese de que ela forma, junto com o *ruim*, uma expressão fixa, e já cristalizada, no PB. Assim, vejamos as estruturas de (58) repetidas também em (59), abaixo, nas quais a cópula está flexionada em tempo.

- (59) a. *Será ruim que Ana venha.*
 b. **Será ruim que Ana vem.*

Notemos que na sentença (59a), que é uma *SCC*, é perfeitamente possível a flexão da cópula, que mudou conforme o tempo do verbo principal. Entretanto, a sentença presente em (59b), que tem leitura ESP, é agramatical, pois a cópula flexionou em tempo, o que não podia, já que, fazendo parte de uma expressão cristalizada, é inflexionável, devendo aparecer sempre no mesmo tempo e pessoa. Ainda que nas ESP com *é ruim que* o verbo principal mude seu tempo, como mostraremos em (60), a cópula não pode com ele concordar:

- (60) **Será ruim que Ana virá.*

Em (60), tanto a cópula quanto o verbo principal estão na terceira pessoa do singular do futuro do indicativo, mas, ainda assim, a estrutura é agramatical, porque sendo *é ruim* uma expressão cristalizada, que insere leitura de negação sobre a encaixada, o seu verbo não pode ser flexionado nem em tempo nem em modo.

Diante da realização dos verbos das estruturas com *é ruim que* é que afirmamos que, como as sentenças PRED e ESP, também nessas estruturas a liberdade verbal é condicionada. Sendo PRED, os verbos cópula e principal apresentam liberdade de tempo e de modo, tendo em vista que o verbo principal estar sempre no modo subjuntivo, independente do tempo, e a

cópula, no indicativo, também sem preocupação com o tempo. Logo, os verbos não necessariamente devem manter entre si congruência de modo ou de tempo. Essa liberdade verbal dos verbos das SCC com *é ruim que* pode ser percebida na substituição dos tempos das cópulas de (61), abaixo, bem como nos do verbo principal:

- (61) a. *Será ruim que Ana venha.*
 b. *Foi ruim que Ana tenha vindo.*

Em (61a) há o futuro do indicativo na cópula e o presente do subjuntivo no verbo principal, enquanto em (61b) a cópula está no pretérito perfeito do indicativo e a locução verbal, *tenha vindo*, no pretérito do subjuntivo. Ambas as estruturas são perfeitas, sintática, semântica e foneticamente.

Para ratificar que a mudança de tempo da cópula e do verbo principal é possível nas SCC, mesmo que venha a causar estranhamento sonoro, reescreveremos em (62a) e (62b), abaixo, as sentenças com a oração copular ocupando a posição final da estrutura:

- (62) a. *Que Ana venha será ruim.*
 b. *Que Ana tenha vindo foi ruim.*

Tanto as leituras de (62a) quanto de (62b) são aceitáveis, tendo em vista que o argumento do predicador *ruim*, de ambas as *Small Clauses*, respectivamente, *que Ana venha* e *que Ana tenha vindo*, foi alçado para a posição mais à esquerda da sentença, permanecendo o predicador em sua posição *in-situ*.

A fim de apresentarmos de modo diferente a possibilidade de flexão das cópulas das estruturas de (62) vejamos, em (62), abaixo, a relação de predicação do *ruim* sobre a encaixada. Em seguida, em (64), substituiremos a expressão *é ruim* pela leitura semântica a ela equivalente, quando nas sentenças *é ruim que* PRED. Ou seja, em (64) substituiremos *é ruim que* por *não é bom*. Nessa substituição, veremos que a flexibilidade do tempo verbal não comprometerá a interpretabilidade da estrutura:

- (63) *Que Ana descubra o meu segredo* *será ruim.*
Que Ana tenha descoberto o meu segredo *foi ruim.*

Ou

- (64) *Que Ana descubra o meu segredo* *não será bom.*
Que Ana tenha descoberto o meu segredo *não foi bom.*

Além da liberdade de tempo entre a cópula e o verbo principal das *SCC* com *é ruim que*, a diferença de modo nessas sentenças também é, para nós, uma característica indispensável. Somente trazendo o verbo principal no subjuntivo, o IP encaixado não tem plenitude semântica, e necessita, pois, para configurar um conteúdo proposicional pleno, que um dos seus argumentos seja alcançado fora do seu domínio. Nas *SCC* com *é ruim que*, o AP *ruim* é quem estabelece o verdadeiro valor proposicional da sentença, já que ele é o predicador que solicita esse *CP* para argumento.

Em oposição às *PRED* com *é ruim que*, as *ESP* com *é ruim que* mantêm congruência quanto ao modo verbal, mas divergência quanto ao tempo. Assim, a cópula e o verbo principal devem aparecer sempre no indicativo. Quanto ao tempo, o verbo principal, entretanto, pode variar entre pretérito, presente e futuro, ao passo que a cópula, como já dissemos, aparecerá, incondicionalmente, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, o que fará desaparecer a congruência entre ambos os verbos, quando o principal estiver num tempo diferente do tempo Presente da cópula. Apesar de em (56b) os verbos compartilharem o mesmo tempo e o mesmo modo verbal, essa congruência não caracteriza uma regra.

Reescrevendo abaixo, em (65), a sentença em (58b), com alteração de tempo tanto da cópula quanto do verbo principal, que partilharão os mesmos modo e tempo, como fizeram em (58b), veremos que, em virtude dessa mudança, as sentenças são agramaticais:

- (65) a. *Será ruim que Ana virá.
 b. *Foi ruim que Ana veio.

Tanto (65a) quanto (65b) são sentenças agramaticais, porque a cópula, que nas sentenças *é ruim que ESP* deve aparecer, obrigatoriamente, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, aparece concordando com o tempo do verbo principal. Assim, em (65a), a cópula está na terceira pessoa do singular do tempo futuro e, em (65b), na terceira pessoa do singular do tempo pretérito perfeito, tal qual aparecem os seus, respectivos, verbos principais. Quanto ao modo, ambos os verbos estão no indicativo.

Assim, nas *ESP* com *é ruim que* há duas exigências obrigatórias: 1) a de que o verbo principal esteja impreterivelmente no indicativo, ainda que seu tempo seja flexionável; 2) a de que a cópula invariavelmente deve se realizar na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, mesmo que seja diferente do tempo do verbo principal.

A necessidade do modo indicativo do verbo principal das *SCN* com *é ruim que* se dá porque, como o *CP* encaixado não desempenha nenhuma função sintática em relação à oração copular, presente na periferia à esquerda da sentença – tal qual desempenha nas *SCC* com *é ruim que*, na qual o *CP* é argumento do predicador *ruim* –, ele deve ter um IP que, além de sintática e semanticamente pleno, tenha uma estrutura equivalente àquilo que poderia ser dito numa sentença simples, de estrutura neutra, como afirmaram Pinto; Ribeiro (2008), citando *Lambrecht* (2001), para as sentenças clivadas. Somente sendo o IP do *CP* encaixado uma oração de estrutura plena, a expressão fixa *é ruim* pode atingir seu objetivo, que é o de alterar, negando ou corrigindo, o conteúdo proposicional da afirmação presente nessa encaixada, cuja assertiva tem autonomia em relação aos constituintes da periferia à esquerda.

Para corroborar o que afirmamos, vejamos que a sentença *Ana venha*, IP do *CP* encaixado de (58a), não tem autonomia e não pode, por isso, ser realizada sem o auxílio de um complementizador – que pode ser o *que* ou o *se*. Essa dependência do complementizador acontece porque, estando o verbo no modo subjuntivo, a oração que o contém não é capaz de ter plenitude semântica, tendo em vista o caráter hipotético desse modo verbal. Nesse caso, é necessário que o IP com verbo no subjuntivo esteja sempre encabeçado por um termo que o encaixe a outra estrutura, como acontece em (58a).

Diferentemente, *Ana vem*, IP do *CP* encaixado de (58b), é uma oração de estrutura autônoma, logo, absoluta, pois traz seu verbo no indicativo, modo esse que, por natureza, indica como certo o fato da assertiva. Assim, as orações que contêm verbos no indicativo, podem existir desvinculadas de um complementizador que a encabece, mantendo, pois, independência em relação a qualquer outra estrutura em que, porventura, apareça vinculada.

Segundo Resenes (2009), a congruência verbal é uma característica típica das *SCI*. A autora diz que as *SCI* exigem afinidade verbal porque são sentenças ESP. Tomando como referência essa afirmação, nós defendemos que as *SCN* com *é ruim que*, também de leitura ESP, manifestam tal harmonia verbal somente quando se trata do modo, já que a cópula e o verbo principal podem variar em Tempo, devendo, entretanto, ambos os verbos, estarem sempre no modo indicativo. Se a sentença com *é ruim que* é uma *SCC*, como já dissemos, tanto em Tempo quanto em Modo os verbos têm liberdade de concordância.

Esses fatos nos fazem concluir, pois, que a relação entre a cópula e o verbo principal se dá de forma distinta nas estruturas com *é ruim que SCC* ou *SCN*. Sendo *SCC*, os verbos não precisam manter harmonia entre si – apesar de essa harmonia poder se realizar – nem em Tempo nem em Modo, pois a única exigência é que o verbo principal se realize no modo subjuntivo, e a cópula, no indicativo. Sendo *SCN*, há afinidade entre os verbos somente no

Modo, tendo em vista que tanto a cópula quanto o verbo principal devem estar no indicativo. Considerando-se o Tempo, essa harmonia não é obrigatória, pois a cópula, como parte integrante de uma expressão cristalizada, conforme mostraremos na árvore sintática do subitem seguinte, torna-se inflexionável, realizando-se sempre na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, quando o verbo principal pode variar em Tempo.

3.2.2. DIFERENTES ESTRUTURAS PARA AS SENTENÇAS COM *É RUIM QUE NO PB*

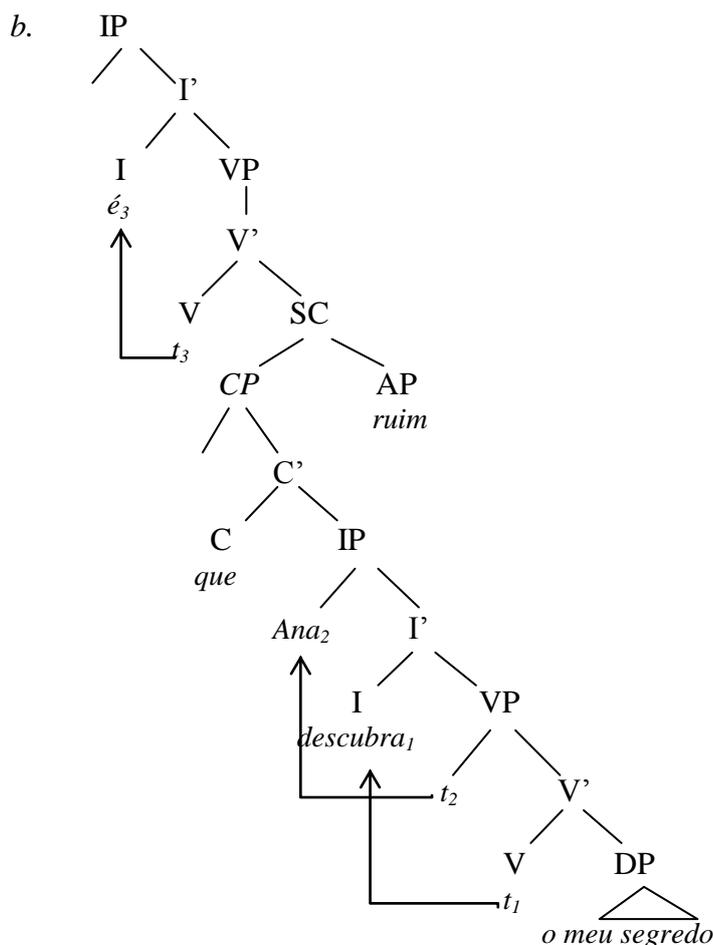
Apesar de semelhantes, os constituintes das sentenças copulares encabeçadas pelas estruturas com *é ruim que* não são realizados e agrupados da mesma forma na estrutura. Enquanto nas *SCC*, o constituinte *ruim* é gerado na posição em que se realiza, nas *SCN* esse mesmo constituinte faz parte de uma expressão cristalizada que é movida da posição de adjunção ao IP pleno para se abrigar em outra posição.

Em busca de desenhar essa análise, apresentaremos, neste subitem, diferentes estruturas arbóreas e sintáticas das *SCC* e *SCN*. Antes de desenvolvermos, em (66) retomaremos as sentenças com *é ruim que*, as quais estamos utilizamos ao longo deste nosso trabalho, respectivamente, como *SCC* de leitura *PRED*, em (66a), e como *SCN*, de leitura *ESP*, em (66b). Em seguida, estenderemos suas estruturas e a distribuição dos seus constituintes nas configurações arbóreas que faremos:

- (66) a. *É ruim que Ana descubra o meu segredo.*
 b. *É ruim que Ana descobre o meu segredo.*

Conforme lemos em (66), há duas sentenças com *é ruim que*, respectivamente, uma em que o *CP* encaixado traz um IP de semanticidade não plena, tendo em vista o modo subjuntivo do verbo principal tornar essa oração sempre uma estrutura encaixada, dependente de outra, e outra, na qual o IP do *CP* encaixado é pleno de significado, considerando o modo indicativo do verbo permitir que a oração seja realizada independentemente de outra estrutura. Distribuindo os constituintes da sentença em (67a) na configuração arbórea de (67b), abaixo, teremos a seguinte configuração:

- (67) a. *É ruim que Ana descubra o meu segredo.*



Vemos que a cópula seleciona uma *Small Clause*, que se divide em duas posições: uma que ocupa a posição de sujeito da *Small Clause*, sendo, pois, o argumento do predicador, formado pelo *CP* *que Ana descubra o meu segredo*, e outra que traz o próprio predicador, posição preenchida pelo *AP ruim*, gerado na posição mesma em que se realiza. Conforme mostramos em (67b), essa é a configuração das *SCC* com *é ruim que*, de leitura PRED, nas quais o predicador, o *AP ruim*, da *Small Clause* tem escopo amplo do sobre todo o *CP*. Além dessa ampla predicação, podemos identificar no *ruim* uma avaliação pessoal e subjetiva do falante sobre tudo o que aparece afirmado na encaixada.

Analisando a estrutura representada em (67b), vemos também que não há movimento do *ruim* para a posição de predicador, mas que lá é seu lugar de nascimento e de realização, tendo em vista que a cópula, não sendo capaz de selecionar argumentos, solicita para seu núcleo esse predicador, que, por sua vez, seleciona para seu argumento o *CP*.

Diferente, porém, da estrutura das *SCC*, é a configuração estrutural das *SCN*. Nestas, o foco, que também insere predicação sobre a estrutura encaixada, o faz da posição não de predicador, mas daquela que a expressão cristalizada *é ruim* ocupa na periferia à esquerda da estrutura. Logo, da posição de foco. Passemos à análise dessas sentenças.

Para nós, neste momento da análise, há, nas sentenças *SCN* com *é ruim que*, uma expressão cristalizada, como já afirmamos. Como é formada essa expressão, bem como o modo como ela aparece nessas sentenças, para encabeçá-las, é o que mostraremos agora. Diante de três possibilidades, validaremos como mais provável apenas uma delas, tendo em vista os problemas identificados nas outras comprometerem a realização dos constituintes nesse tipo de sentença.

As hipóteses que conjecturamos para a realização dos constituintes *é ruim que* nas *SCN* com *é ruim que* são três: 1) o *ruim* nasce como especificador de *NegP* (de agora em diante, *SpecNegP*), entre o *IP* e o *VP*, e sofre movimento até repousar em *SpecCP*, com quem passa a manter uma relação *Spec/núcleo* com o núcleo *C*, *que*; 2) a expressão cristalizada é formada por *é ruim que* e nasce adjunta ao *IP* pleno, mas sofre movimento para periferia à esquerda da sentença, abrigando-se em *SpecFocP*, a fim de ganhar função discursiva de foco. Antecipando um novo *CP*, que tem seu núcleo preenchido pelo complementizador *que*, o *SpecFocP*, *é ruim que*, estabelece uma relação do tipo *Spec/núcleo* com o *que* desse outro *CP*; 3) a expressão cristalizada é formada por *é ruim* e nasce como adjunto do *IP* pleno, mas vai sofrendo movimento até alcançar a posição *SpecFocP*, na periferia à esquerda da sentença, onde adquire função discursiva de foco. Também antecipando um novo *CP*, estabelece a relação *Spec/núcleo* com o núcleo *C* desse outro *CP*. Quando a expressão fixa ou cristalizada alcança a periferia à esquerda, ela passa a negar, corrigir ou modificar o conteúdo proposicional da oração que aparece no *CP* encaixado, razão pela qual defendemos ser essa expressão um foco contrastivo. Passemos à análise, nos parágrafos seguintes, de cada uma dessas três possibilidades.

De acordo com a primeira das possibilidades para a formação das *SCN* com *é ruim que*, na periferia à esquerda há um *IP*, cujo núcleo é preenchido pela cópula – *é* – oriunda da posição de núcleo *V*, que se moveu a fim de adquirir sua flexão. Como irmão de *V* aparece a categoria funcional *FocP*, que tem, como irmão do núcleo, o *CP* que contém o núcleo *C* por excelência, *que*. Na periferia à direita, encaixado ao *CP*, há um *IP* pleno, na qual aparece a categoria funcional *NegP*, da qual o *ruim* é o especificador e o núcleo, vazio, considerando que o núcleo de *NegP* por excelência é o *não*, que não aparece na estrutura. A fim de adquirir função discursiva de foco de contraste, o constituinte *ruim* sairá de sua posição original e se moverá até alcançar a posição de *SpecFocP*, onde conseguirá o papel discursivo de foco da estrutura.

Sob essa análise, o constituinte *ruim*, na sentença neutra original, era o responsável por negar o conteúdo proposicional do *IP* da sentença neutra. Utilizando a sentença em (68),

percebemos que, antes de o *ruim* realizar seu movimento, a sentença neutra tinha a seguinte leitura: *Ana descobre ~~não~~ (*ruim) o meu segredo*, em que o *ruim* tem o mesmo valor de negação do *não*. Apesar de *Ana descobre ruim o meu segredo* ser uma sentença de configuração estranha²⁸, ela é semelhante ao que acontece com uma estrutura muito utilizada na oralidade do PB do Rio Grande do Norte, nas quais se usa o *breu* como constituinte negador da proposição. Dessa forma, não é incomum – na capital e, mais especialmente, no interior do estado – ouvirmos a sentença *Ana descobre breu o meu segredo*²⁹, em lugar de *Ana não descobre o meu segredo*.

Como é gerado em *SpecNegP*, o *ruim* deve se mover para a posição de especificador a ele mais próxima, que, no caso, deveria ser aquela em *CP*. Entretanto, se lá repousasse, comprometeria o aparecimento do marcador discursivo *heim*, razão pela qual esse *ruim* é reacomodado em *SpecFocP*, onde adquire sua função discursiva de foco.

Se a realização dos constituintes das *SCN* for como sugerimos nessa primeira hipótese, o *ruim* deixa um vestígio em seu lugar original, entre o IP e o VP, e todos os movimentos que se realizam na sentença são sintaticamente aceitáveis. Sendo assim, a configuração dessa estrutura seria aparentemente semelhante àquela das *SCL*, sentenças ESP que deixam um *vestígio/variável* – *ec* ou *pronome-Q* – na sua posição original. Contudo, achamos, ainda, arriscado dizer que o *ruim*, constituinte funcional, deixa vestígio, como fazem os constituintes movidos nas *SCL*.

Se considerarmos que o *não*, *NegP* por excelência, também pode sair de sua posição *in-situ* e subir para a periferia esquerda, conforme mostramos em (68), a seguir, abrigando-se entre o *ser* e o *que*, essa primeira hipótese não será por nós descartada:

(68) ?É não que Ana descobre o meu segredo.

²⁸ Não ouvimos, ainda, sentenças com essa estrutura. Entretanto, admitimos que ela é possível, tendo em vista a realização de sentenças semelhantes, com a presença de outro constituinte em lugar de *ruim*, serem identificadas no PB.

²⁹ Sentenças com essa estrutura, apesar de nova, para alguns, é registrada comumente no Português Culto falado no Rio Grande do Norte (RN). Muitas vezes, quando se quer negar enfaticamente uma afirmação, é frequente o uso da expressão *breu* colocada, exatamente, entre o IP e o VP. Dessa forma, não é estranho ouvirmos no RN expressões como as que mostraremos abaixo. Em todas essas sentenças, o acento tônico recai, acentuadamente, sobre o vocábulo *breu*, que vem a ser, muitas vezes, enfatizado pela retomada da afirmação, tal qual mostramos em “iii”:

i) *Ana descobre breu o meu segredo.*

ii) *Mainha faz breu esse bolo.*

iii) *Eu vou breu, que eu vou.*

Por entendermos que o constituinte *breu* desempenha a mesma função que o *NegP não* na estrutura, é que afirmamos que, como ele, o *ruim* se realiza bem entre o IP e o VP, como acontece com o *breu* das sentenças “i”, “ii” e “iii”, acima, configurando a estrutura como não é agramatical, apesar de estranha.

Apesar de parecer uma estrutura estranha – ou até agramatical –, já identificamos sentenças em que o *não* foi realizado entre a cópula e o *que*, tal qual aconteceu com o *ruim*, que aparece entre o *ser* e o *que*. Apesar de não ser bem aceita por alguns falantes do PB, corroboramos a possibilidade de realização da sentença em (68), especialmente porque, quando se realiza, sentença com essa estrutura, maioria das vezes, tem reforçada a realização do *não* depois da cópula com a assertiva “*mas é não mesmo*”, em que há uma ênfase sonora sobre o “*não mesmo*”, colocado depois da cópula, como que para ratificar, de forma incisiva, aquilo que nega. Esclareceremos o que agora afirmamos nas sentenças em (69), abaixo:

- (69) a. *Ah! É não que Ana descobre o meu segredo! Mas é não mesmo!*
 ou
 b. *É não mesmo que Ana descobre o meu segredo.*

A estrutura de (69) é comum nos discursos em que há uma prévia afirmação enfática do enunciador, afirmação essa que vai de encontro ao que o interlocutor esperava, provocando uma reação linguística de colocar o constituinte *NegP não* numa posição de destaque sobre todos os demais constituintes, como que para enfatizar a negação.

Para aceitarmos como gramatical – e não estranha – a sentença presente em (69), que, para nós, tem leitura ESP, vejamos que se o constituinte *não* é colocado em sentenças que têm – ou podem ter – leitura PRED, como a que mostraremos em (70), abaixo, a estrutura será, não só estranha, como totalmente agramatical, porque, nesse caso, o *não* é um predicador e, como tal, deveria inserir predicação sobre todo o IP, sem lhe alterar o conteúdo proposicional, o que não acontece.

- (70) **É não que Ana descubra o meu segredo.*

A impossibilidade de (70) se dá porque o constituinte *não*, quando surgiu na estrutura, passou a predicador de uma *Small Clause*, para predicar amplamente sobre todo o *CP*, seu argumento, tendo em vista o modo subjuntivo do verbo que, por sua natureza semântica, não tem possibilidade de ser realizado numa sentença absoluta, autônoma, dependendo, pois, aparecer encaixada sempre a um complementizador, para que, assim, venha a desempenhar função sintática e adquirir plenitude, quando vinculada ao argumento a ele externo, no caso, o predicador da *Small Clause*. Pelo fato, então, de o *não* ser um constituinte negador que deve negar a afirmação da encaixada, e não lhe atribuir predicação ampla, a sentença é agramatical.

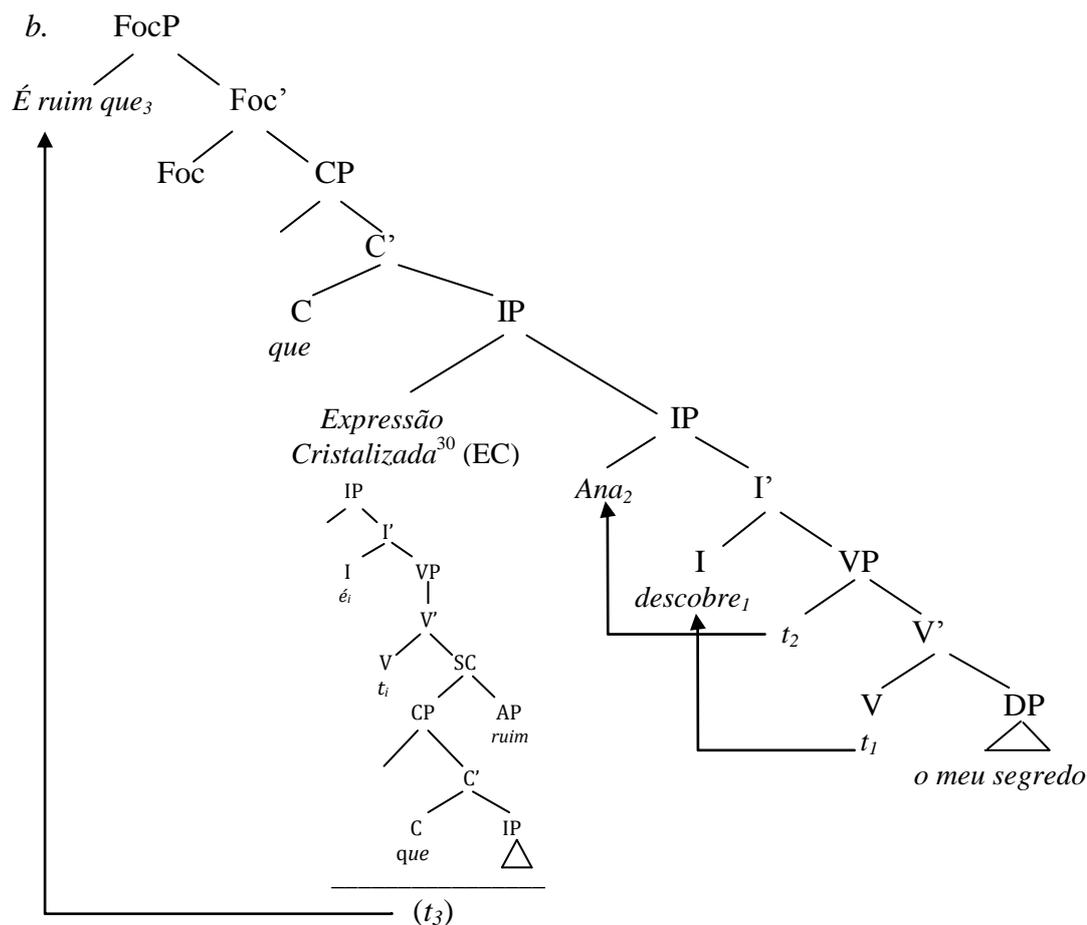
Diante da possibilidade de realização do *não* entre o *ser* e o *que*, acastelamos também essa mesma possibilidade para o *ruim*. Entretanto, mesmo que tenhamos trazido essa hipótese,

não a assumimos, porque ela vai de encontro ao que defendemos até aqui sobre as *SCN* com *é ruim que*. Como afirmamos, a cópula é inflexionável nas *SCN* com *é ruim que*, ESP, pois faz parte de uma expressão cristalizada e, assim sendo, a única forma em que se realiza, como já apresentamos, é na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Logo, ela não pode nascer em V e subir para I, porque, se assim for, não haverá impedimentos para sua flexão. Diante disto, não corroboramos a primeira hipótese.

Considerando, agora, a segunda hipótese, relembremos que, mais acima, afirmamos que, para nós, as *SCN* com *é ruim que* trazem uma expressão fixa e já cristalizada no PB. De acordo com essa segunda conjectura, a expressão cristalizada seria formada por três termos: *é ruim* e *que*, cuja forma de realização da sentença mostramos abaixo.

Para que a expressão cristalizada *é ruim que* figure na posição de foco, nossa proposta é de que ela seja gerada como um adjunto do IP da sentença matriz. Como é uma expressão que precisa adquirir função discursiva de foco, tendo em vista que corrigirá ou negará o valor proposicional de uma afirmação, ela é movida para uma periferia à esquerda ainda mais acima que aquela ocupada pelo *CP* da sentença. Nesse caso, a expressão cristalizada ocupa a posição específica para o foco, que é a *SpecFocP*. Dessa forma, a expressão cristalizada *é ruim que* sai de posição de adjunto do IP e sobe para *SpecFocP*, ultrapassando a posição de *SpecCP*, para não impedir o aparecimento do marcador discursivo *heim* entre esse *Spec* e o núcleo *que*, presente no *CP* irmão de *Foc*. Essa segunda hipótese será desenvolvida nas configurações arbóreas presentes em (71), abaixo:

(71) a. *É ruim que Ana descobre o meu segredo.*



Conforme podemos notar na estrutura em (71b), há dois IPs, um que contém a expressão cristalizada *é ruim que* adjungida ao outro, que contém a sentença neutra *Ana descobre o meu segredo*. Ao chegar em *SpecFocP*, na periferia à esquerda, a expressão cristalizada *é ruim que* adquire a interpretação discursiva de foco contrastivo, presente nas estruturas *SCN*. Como deve haver uma relação do tipo *Spec/núcleo* para as categorias foco, a expressão cristalizada *é ruim que* deveria repousar em *SpecCP*, ainda mais porque esta é a primeira posição de especificador disponível para ele. Entretanto, como nas *SCN* com *é ruim que* é frequente o aparecimento do marcador discursivo *heim*, defendemos que essa expressão cristalizada sobe ainda mais um pouco, para *SpecFocP*, a fim de que possa deixar, entre esse *Spec* e o núcleo C, espaços disponíveis para que o marcador discursivo *heim* seja realizado.

Apesar de apontarmos também essa segunda proposta, a qual diz que há uma expressão cristalizada, formada por *é ruim que*, que, tendo sido gerada como adjunto de IP, subiu para a periferia à esquerda da sentença, essa é uma ideia que, como a primeira, não

³⁰ Apesar de mostrarmos essa possibilidade de distribuição dos constituintes para a formação da expressão cristalizada *é ruim que*, não asseguramos, neste trabalho, que este seja o verdadeiro processo por que passam os seus constituintes. Entretanto, manteremos esta ideia. Pretendemos, contudo, em trabalhos futuros, ratificar ou não essa realização constitucional da expressão cristalizada nas *SCN* com *é ruim que*.

aceitamos, ainda que por razões distintas daquela. Essa segunda hipótese traz alguns problemas de configuração que não nos permitem assumi-la: 1) se a expressão cristalizada fosse de fato *é ruim que*, a sentença poderia ser perfeitamente realizada com dois *quês* complementizadores, um que faz parte da expressão cristalizada e outro que está presente no núcleo C. Entretanto, se esse duplo *que* se realiza, a sentença se configura numa estrutura agramatical, conforme mostramos na sentença em (72), expostas abaixo:

(72) **É ruim que (que) Ana descobre o meu segredo.*

Conforme a leitura da sentença acima, vemos que há impossibilidade de haver dois complementizadores numa mesma estrutura. Logo, a expressão cristalizada não pode conter o *que*.

Além dessa dupla impossibilidade de realização do *que*, outra evidência se configura e faz descartar a ideia de que a expressão cristalizada é formada por *é ruim que*: 2) se colocarmos a expressão cristalizada no final da estrutura, veremos que somente a cópula e o *ruim* seguirão para essa nova posição, permanecendo o *que* na cabeça da sentença, o que não aconteceria se, de fato, *é ruim que* fosse a expressão cristalizada. A fim de justificar o que neste parágrafo afirmamos, vejamos a sentença presente em (73), abaixo, em que (73a) é possível, mas (73b) é agramatical:

(73) a. *Que Ana descobre o meu segredo é ruim, heim.*
 b. **Ana descobre o meu segredo, é ruim que, heim.*

Há, ainda, um último fator que compromete a aceitação do *é ruim que* como expressão cristalizada: 3) como as *SCN* com *é ruim que* são estruturas nas quais normalmente é realizado também o marcador discursivo *heim*, esse marcador se realiza sempre entre o *ruim* e o *que*, e não entre um *que* e outro. Dessa forma, o *heim* aparece entremeando uma estrutura *que*, se fixa, não poderia ser quebrada. À parte de a expressão aparecer na periferia à esquerda ou à direita, o marcador entremeará sempre o *ruim* e o *que*, e jamais será realizado depois do *é ruim que*. Vejamos um dos exemplos que trouxemos acima, em (53), retomado abaixo, em (74):

(74) *É ruim, heim, amor, que tu me faz comer esse doce ridículo.*

Considerando (74), vemos que o *heim* aparece entre o *ruim* e o *que*, desfazendo o que estamos afirmando ser o *é ruim que* a expressão cristalizada.

Pelas razões que acima elencamos para justificar o comprometimento de a expressão cristalizada ser formada por *é ruim que* – a de que não pode haver a realização de dois complementizadores na sentença *SCN*; a de que somente o *é ruim* se move para o final da estrutura e a de que o marcador discursivo *heim* aparece sempre entre o *ruim* e o *que*, e não entre o *é ruim que* e outro *que* – é que não assumimos essa segunda ideia que trazemos neste trabalho.

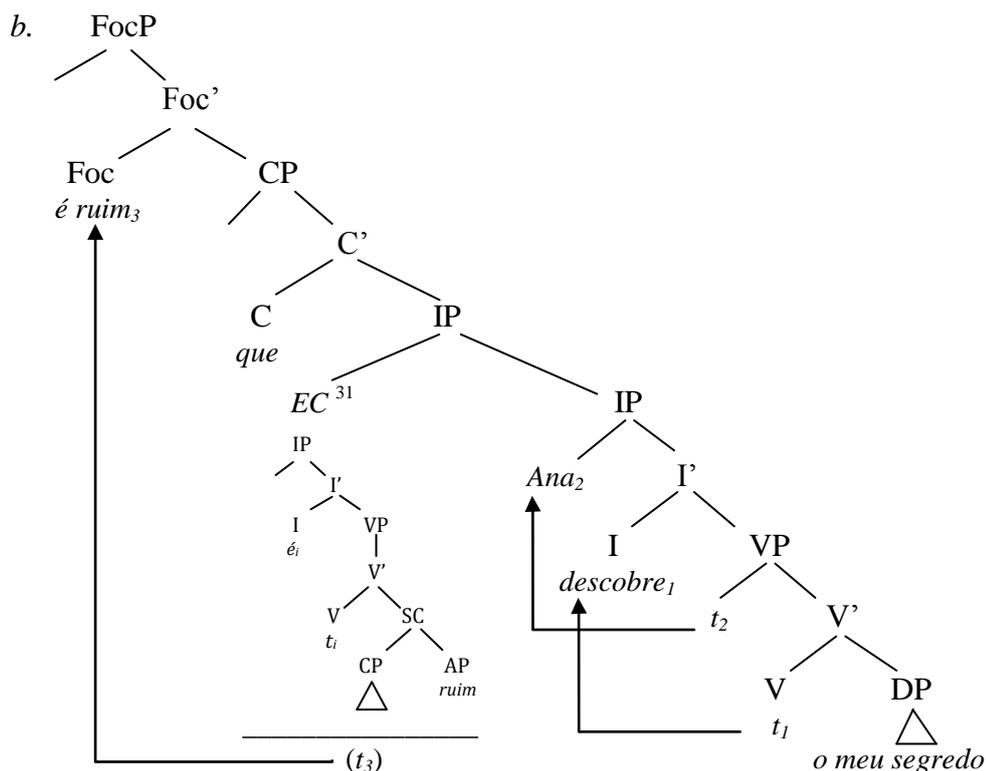
Além da primeira e da segunda propostas expostas sobre o aparecimento da expressão *é ruim que* nas *SCN*, uma terceira hipótese agora traremos e, conforme sua definição, apenas os termos *é* e *ruim*, que nasce também como adjunto do IP matriz, formam a expressão cristalizada da estrutura.

De acordo com essa terceira – e última – *hipótese/proposta*, a estrutura da *SCN* se dá conforme aquela apresentada na segunda proposta. Ou seja, também nessa afirmamos que há uma expressão cristalizada que nasce adjunta ao IP da sentença matriz. A diferença entre a conjectura dois e esta é que, nesta última, tal expressão é formada apenas por *é ruim*, sem o complementizador *que*.

Como a expressão cristalizada *é ruim*, dessa última proposta, também precisa adquirir função discursiva de foco, ela sai de sua posição original e se move para *SpecFocP*, estando acima do CP, numa periferia ainda mais à esquerda da sentença, saltando o *SpecCP* para acomodar, entre o *SpecFocP* e o núcleo *que*, o marcador discursivo *heim*, que sempre aparece entre o *é ruim* e o *que*. Nessa configuração – como naquela da proposta anterior –, somente quando a expressão cristalizada alcança a posição *SpecFocP* é que ela altera o conteúdo proposicional da oração encaixada, corrigindo-a ou a negando, vindo a estabelecer uma contradição semântica, tal qual faz o foco contrastivo.

Utilizando ainda a mesma *SCN* como referência, vejamos, então, em (75), a organização e distribuição dos constituintes da *SCN* com *é ruim que* de acordo com a terceira hipótese, que diz que a expressão cristalizada é formada apenas pelos vocábulos *é ruim*:

(75) a. *É ruim que Ana descobre o meu segredo.*



Em (75), vemos que a expressão cristalizada *é ruim*, que nasceu adjunta ao IP, se move para a periferia à esquerda da estrutura, ocupando a posição de *SpecFocP*, acima do CP, onde adquire função discursiva de foco contrastivo e ganha realce, tanto na sintaxe quanto na prosódia de sua pronúncia.

É essa terceira e última proposta, que diz que a expressão cristalizada na estrutura é formada por *é* e *ruim*, que assumimos e defendemos, porque, de acordo com nossas análises, não há impedimentos sintáticos³² para que a expressão cristalizada seja formada por *é ruim*, corroborando o que já elencamos acima e que agora retomamos: 1) sendo a expressão cristalizada formada por *é ruim*, a cópula, impreterivelmente, não pode ser flexionada, devendo aparecer, sempre, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, confirmando nossa tese de que assim deve ser a cópula das *SCN*; 2) apesar de o marcador discursivo *heim* entrar na estrutura, a expressão cristalizada se mantém inalterada, o que também confirma essa última hipótese; 3) fazendo uma redistribuição dos constituintes na sentença, de forma a acomodá-los em outras posições, a expressão cristalizada *é ruim* é que segue para o final da sentença.

³¹ Apesar de mostrarmos essa possibilidade de distribuição dos constituintes para a formação da expressão cristalizada *é ruim*, não asseguramos, neste trabalho, que este seja o verdadeiro processo por que passam os seus constituintes. Entretanto, manteremos esta ideia. Pretendemos, contudo, em trabalhos futuros, ratificar ou não essa realização constitucional da expressão cristalizada nas *SCN* com *é ruim que*.

³² Não consideramos aqui o processo por que passam os termos *é* e *ruim* até formarem essa única expressão, cristalizada.

Aceitando o surgimento da expressão cristalizada – que agora afirmamos ser formada por *é* e *ruim* – como adjunto de um IP matriz finito, teríamos, como primeira formação dessa sentença matriz, na qual a expressão cristalizada ocupa a posição de adjunto, a seguinte configuração: *?É ruim Ana descobre o meu segredo*, que não tem fácil aceitabilidade. Entretanto, se estabelecermos uma infinitude a esse IP matriz, veremos que o *é ruim* é bem realizado, se na posição de adjunto. Nesse caso, teríamos *É ruim Ana descobrir meu segredo*.

Tanto com o IP finito quanto no infinitivo, a sentença tem dupla leitura semântica: pode ser de leitura PRED, como pode ser de leitura ESP. No entanto, ao colocarmos o marcador discursivo *heim*, amplamente utilizado nas *SCN*, essa dupla possibilidade de leitura é desfeita, dando à sentença apenas a leitura ESP. Assim, em *É ruim, heim, Ana descobrir o meu segredo*, teríamos leitura semântica unicamente de uma *SCN*.

Apesar de ser uma *SCN*, dizemos que ela é uma sentença cuja estrutura remete à estrutura das *SCL*, considerando que a função discursiva da expressão cristalizada presente em *SpecFocP*, no caso, *é ruim*, foi alcançada depois de um movimento realizado para este fim, tal qual acontece com o constituinte das *SCL*, que sai de sua posição *in-situ* e sobe para a periferia à esquerda, a fim de adquirir função discursiva de foco. No caso particular das *SCN*, a expressão *é ruim* adquire função de foco contrastivo, pois ele nega o que na encaixada é afirmado.

Por considerarmos a discussão que fizemos mais acima sobre o foco e suas tipologias, é que defendemos que, quando a expressão *é ruim* assume sua posição em *SpecFocP*, ela passa a desempenhar, no discurso, o papel de foco, considerando, em particular, que nessa expressão são identificadas algumas características, peculiares do foco: 1) quando pronunciada, é na expressão cristalizada *é ruim* que recai a ênfase sonora que, na maioria das vezes, é mais percebida pelo uso do marcador discursivo *heim*; 2) a carga informacional que a expressão transporta corresponde à parte não pressuposta da estrutura – ou totalmente nova –, tendo em vista que, independente do contexto em que se realize, não se espera ouvir o *é ruim* em lugar do *não*, ficando no IP encaixado a pressuposição. Essa afirmação pode ser ainda mais corroborada quando vemos que, num contexto *pergunta/resposta*, como aquele que mostramos em (57), acima, todo o IP encaixado é pronunciado; 4) por não ter um vestígio sintático – uma vez que é uma expressão que nasceu adjunta ao IP –, mas mudar o conteúdo proposicional da oração encaixada, o *é ruim* estabelece um vínculo diferente de relação especificacional, cujos constituintes *valor/variável* se relacionam na semântica; 5) *é ruim*, quando surge, equivale a um contraste, uma correção ou uma negação daquilo que, num discurso precedente, é apontado como certo, o que dá à expressão leitura de foco contrastivo.

Conforme o exposto no parágrafo acima, vejamos os contextos presentes nas sentenças em (76), abaixo, que trazem, em (76a), um par *pergunta/resposta* e, em (76b), duas assertivas, das quais a segunda retifica o que é apontado na primeira:

(76) a. *Será que Ana descobre o seu segredo? Ela é tão curiosa.
É ruim, heim, que Ana descobre o meu segredo!*

b. *Cuidado com Ana. Ela vai descobrir o seu segredo.
É ruim, heim, que Ana descobre o meu segredo!*

Em (76a), o *interlocutor/questionador*, ao fazer a indagação, já nela insere a pressuposição *Ana descobre o seu segredo*, e espera uma das duas respostas seguintes: ou aquela que concorda com o que é afirmado na pergunta, ou seja, que *Ana irá descobrir o tal segredo*, ou aquela que discorda dessa pressuposição, negando com a afirmativa *Ana não descobre o meu segredo*. O que o indagador não espera é que a expressão *é ruim*, enfaticamente pronunciada na *sentença/resposta*, ocupe o lugar do *não*, o que faz com que essa expressão, além de corresponder à parte não pressuposta, relacione-se, essencialmente, com a informação nova.

Da mesma forma, em (76b), em que não existe um par *pergunta/resposta*, mas uma assertiva anterior, que traz a pressuposição, e outra posterior, que tem a não pressuposição corrigindo aquilo que foi dado como certo na primeira assertiva, o indagador não espera que seu discurso seja corrigido, o que acontece quando o interlocutor utiliza o *é ruim* para negar o que é afirmado. Mais uma vez, a expressão cristalizada *é ruim*, destacada na pronúncia, aparece como informação não só não pressuposta como totalmente nova. Essa correção em ambas as estruturas dá à expressão presente em *SpecFocP* a função de foco contrastivo.

Assim, pois, diante das ideias que foram desenvolvidas neste subitem, ratificamos que as *SCN* com *é ruim que* são sentenças ESP porque a expressão cristalizada *é ruim*, depois de ter saído de sua posição *in-situ*, como adjunto do IP pleno, ocupou a posição *SpecFocP* para ser o foco contrastivo da estrutura, tendo em vista mudar o valor proposicional daquilo que é afirmado na oração encaixada, tal qual faz o foco contrastivo, que nega ou corrige uma afirmação prévia.

3.2.3. LIBERDADE DE POSICIONAMENTO DO RUIM

Considerando as características das duas estruturas com *é ruim que* e o que apresentamos nos subitens acima, dizemos que nas *SCC é ruim que*, que tem liberdade de concordância verbal, o predicador *ruim* também apresenta liberdade de posicionamento em relação à cópula; ou seja, ele pode aparecer em posição pré ou pós-cópula, como podemos exemplificar em (77) e (78), abaixo:

- (77) a. *Que Ana descubra o meu segredo é ruim.*
 b. *?Que Ana descubra o meu segredo ruim é.*

- (78) a. *É ruim que Ana descubra o meu segredo.*
 b. *?Ruim é que Ana descubra o meu segredo.*

Nas duas estruturas de (77), o *CP* da encaixada antecede a oração copular, sendo que, em (77a), ele é seguido pela cópula e pelo predicador, ao passo que, em (77b), o predicador antecipa a cópula. Em (78), aparecem duas sentenças com *é ruim que* em que a oração copular encabeça a estrutura. Em (78a), temos a cópula, o seu predicador e o *CP* encaixado, enquanto em (78b), o predicador aparece na posição mais alta, antecedendo a cópula e o *CP*, que vem depois da cópula. Em nenhuma das estruturas há interferência na semântica do que é pronunciado, ou seja, em todas elas o *ruim* insere leitura semântica de que *não é bom*. Logo, em estruturas como (77) e (78), *PRED*, o predicador pode aparecer antes ou depois da cópula.

Para mostrarmos que nas *PRED* com *é ruim que* o predicador tanto pode aparecer antes quanto depois da cópula, exporemos, em (79), pares de estruturas que trazem, de um lado, a sentença contendo cópula precedendo o predicador e, de outro, o valor semântico – *não bom* – que esse predicador transporta. Em (80), usaremos as mesmas estruturas de (79), alterando, no entanto, o tempo verbal das cópulas e verbos principais, a fim de que possamos verificar se, com a alteração do tempo verbal, a estrutura se mantém aceitável.

- (79) a. *É ruim* *Que Ana descubra o meu segredo.*
 Não é bom *Que Ana descubra o meu segredo.*

- b. *?Ruim é* *Que Ana descubra o meu segredo.*
 Bom não é *Que Ana descubra o meu segredo.*

A sentença com *é ruim que* em (79a), na qual a cópula precede o *ruim* que precede a encaixada, é gramaticalmente bem aceita, tanto quanto é bem aceita a sentença que teve a expressão *é ruim* substituída por aqueles que têm o mesmo valor semântica: *não é bom*. A sentença em (79b), entretanto, apesar de a sentença não ser agramatical, causa certo estranhamento, quando o predicador *ruim* aparece antecedendo a cópula. Contudo, quando a sentença aparece encabeçada pela expressão *bom não é*, semanticamente equivalente a *ruim é*, a estrutura se torna menos estranha. A mesma estranheza aparece nas sentenças em (80), abaixo, nas quais o predicador aparece antecedendo a cópula, que aparece flexionada:

- (80) a. ?Ruim será que Ana descubra o meu segredo.
 Bom não será que Ana descubra o meu segredo.

- c. ?Ruim foi que Ana tenha descoberto o meu segredo.
 Bom não foi que Ana tenha descoberto o meu segredo.

Apesar de as sentenças trazerem o predicador antecedendo a cópula não serem bem aceitas, elas podem ser realizadas, quando consideramos que o *ruim*, nessas estruturas, é um predicador e tem liberdade de se posicionar antes ou depois da cópula, o que pode ser confirmado quando ele é substituído pela expressão semanticamente equivalente.

Diante da análise das sentenças (79) e (80) acima, é que defendemos que nas sentenças *é ruim que PRED*, logo *SCC*, os termos cópula e predicador podem alternar suas posições entre si, como, também, aparecer na parte mais alta ou mais baixa da estrutura. Quando, contudo, a estrutura com *é ruim que* é uma *SCN*, na qual a expressão cristalizada, portanto, fixa, *é ruim*, nega o IP encaixado, não há liberdade de flexão dos constituintes que formam essa expressão, interpretado como foco da estrutura.

Conforme essa análise, a expressão cristalizada *é ruim* deve aparecer com os seus termos linearmente postos, sem a possibilidade de alternarem suas posições. Observemos as sentenças em (81), abaixo:

- (81) a. *É ruim, heim, que Ana descobre o meu segredo.*
 b. *Que Ana descobre o meu segredo é ruim, heim.*
 c. **Ruim, heim, é que Ana descobre o meu segredo.*

Considerando o reposicionamento de *ruim* nessas estruturas, vemos que, como parte de uma expressão cristalizada, ele não tem liberdade de posicionamento, como tem o *ruim* predicador nas *SCC*. Ou seja, nas estruturas *SCN*, o *ruim* só pode aparecer na posição pós-cópula, o que pode ser evidenciado pela agramaticalidade da sentença em (81c).

Diante do que expomos neste subitem, vemos, pois, que as sentenças com *é ruim que*, *PRED* e *ESP*, também divergem quanto à possibilidade de movimento do constituinte *ruim* no interior da estrutura. Enquanto nas *SCC*, o *ruim*, que transporta uma subjetividade inerente à fala do interlocutor, tem liberdade de pouso em qualquer ponto da estrutura, sendo esse pouso realizado antes ou depois da cópula, bem como no início ou no fim da sentença, como mostramos nas sentenças presentes em (79) e (80), nas *SCN*, o *ruim* não tem a mesma liberdade, tendo em vista que, como mostramos, ele faz parte nessas estruturas de uma expressão cristalizada, constituída por *é ruim*, logo, imutável.

3.3. UM POUCO DA SEMÂNTICA DAS SENTENÇAS COM *É RUIM QUE*

Nas *SCC*, o *ruim*, e somente ele, é um AP com funções de adjetivo, pois caracteriza a afirmação feita no *CP*, fazendo transparecer a avaliação, pessoal e subjetiva, que o indivíduo – ou falante – faz sobre aquilo que é assegurado dentro desse *CP*, sem, no entanto, alterar seu significado. Ou seja, o *ruim* das estruturas com *é ruim que SCC* é um constituinte que caracteriza algo, uma afirmação, condizente com a função própria do constituinte adjetivo: caracterizar.

Nas *ESP*, a expressão cristalizada *é ruim* – e não somente o *ruim*, como nas *PRED* – surge na estrutura para negar o que é afirmado na oração encaixada, e não para caracterizá-la. Como nega uma afirmação, também muda o seu significado. Quando surge, essa expressão contradiz uma afirmação, por isso, adquire para si as funções do constituinte *não*. Logo, ainda que seja uma expressão que tenha em seu interior uma cópula, parece, também, assumir as funções de AP, com função de advérbio, pois atribui “circunstancialidade³³” a uma determinada situação.

Além das diferenças entre as funções morfológicas do *ruim* nas *SCC* e do *é ruim* nas *SCN*, há diferença semântica identificada também na abrangência que esses termos inserem sobre os outros constituintes de cada uma das duas estruturas. Enquanto o AP adjetivo das *SCC* é equivalente a *não é bom*, e tem como alvo toda a oração encaixada, portando, de

³³ Por “circunstância” que o advérbio insere, entendamos como “qualquer particularidade que determina um fato, ampliando uma informação nele contida” (In: www.infoescola.com/portugues/adverbio).

escopo amplo, a expressão cristalizada com marcas de um AP com função de advérbio das *SCN*, cuja função discursiva é contrariar o que é afirmado na encaixada, tem como meta modificar uma afirmação, e, para atingi-la, estabelece escopo estreito com uma variável semântica, presente na assertiva encaixada.

A fim de que possamos reiterar que apenas o constituinte *ruim* das *SCC* equivale a um adjetivo, reapresentaremos, em (82), aquelas sentenças *SCC* que utilizamos em (79):

- (82) a. *É ruim que Ana descubra o meu segredo.*
 b. *Não é bom que Ana descubra o meu segredo.*

Ao analisarmos (82), notamos que, quando a expressão *não é bom*, aparece em (82b) no lugar do *é ruim*, de (82a), tanto a cópula quanto o complementizador se mantiveram inalterados, enquanto o constituinte *ruim* foi substituído por dois outros constituintes, a ele antônimos, com a mesma função AP: *não bom*. Por esse fato, dizemos que apenas o *ruim* das *SCC* com *é ruim que é*, de fato, o predicador e que, além de estabelecer predicação ampla sobre o seu argumento, representado na estrutura por um *CP*, denota a apreciação que o locutor faz daquilo que afirma na encaixada.

A fim de que possamos ratificar ainda mais a ideia de que o *ruim* das *SCC* tem valor de *não é bom*, e que seu escopo abrange todo o resto da estrutura, como afirmamos nos parágrafos acima, mostraremos nas sentenças, em (83), abaixo, que, mesmo colocando o intensificador *tão* entre o *ser* e o *que*, acompanhando o *ruim*, podemos perceber o julgamento ou opinião do falante sobre o que é afirmado dentro da encaixada:

- (83) a. *É ruim que Ana descubra o meu segredo.*
 • *Não é bom que Ana descubra o meu segredo.*
 b. *É tão ruim que Ana descubra o meu segredo.*
 • *Não é bom que Ana descubra o meu segredo.*

A semântica das sentenças copulares *SCN* é diferente. Nestas, *é ruim*, que afirmamos ser uma expressão cristalizada, insere uma discreta³⁴ avaliação subjetiva do interlocutor sobre a afirmação da encaixada e, diferente das *SCC*, consegue modificar em essência o conteúdo proposicional da prévia afirmação. Ou seja, a expressão *é ruim* das *SCN*, que vale como um

³⁴ Apesar de *É ruim que Ana descobre o meu segredo* parecer ser, essencialmente, equivalente a *Ana não descobre o meu segredo*, essas estruturas não têm a mesma leitura semântica, uma vez que, uma vez que, na sentença encabeçada com *é ruim que* percebemos algum julgamento do interlocutor – ainda que discreto – que não percebemos quando a configuração é de uma sentença neutra com o *NegP não*. Ou seja, quando o locutor diz *é ruim*, parece que ele quer enfatizar a incapacidade do ser de quem fala, como se ela fosse absolutamente incapaz de realizar a ação que ele nega com o *é ruim*. Essa subjetividade do locutor não identificamos na sentença de negação em que o *não* aparece antecedendo o verbo principal.

constituente de contradição, de negação, uma vez que aquilo que é dito passa a ter sentido contrário. Diante disso, vejamos as sentenças em (84), abaixo:

- (84) a. *É ruim que Ana _ descobre o meu segredo.*
- *Ana não descobre o meu segredo.*
- b. *É ruim que Ana não descobre o meu segredo.*
- *Ana descobre o meu segredo.*

Vejamos que, em (84), há o estabelecimento de uma contradição entre o que é afirmado na encaixada e o seu verdadeiro significado, quando surge, acima do *CP*, a categoria *FocP* trazendo, em *SpecFocP*, a expressão cristalizada *é ruim*. Em (84a), por exemplo, a afirmação do IP matriz é *Ana descobre o meu segredo*. Tão logo esse IP se encaixe ao *CP*, que tem acima dele, na posição *SpecFocP* a expressão *é ruim*, essa afirmação passa a significar exatamente o seu contrário: *Ana não descobre o meu segredo*. Em (84b), por sua vez, há, no IP matriz, uma afirmação de negação, *Ana não descobre o meu segredo*, que, quando encaixado ao *CP*, sobre o qual aparece a categoria funcional *FocP*, que tem a expressão *é ruim* em *SpecFocP*, passa a equivaler exatamente a *Ana descobre o meu segredo*, ou seja, ao seu contrário. Em (84b) temos, pois, a negação de uma negação.

Além dessa leitura, as sentenças em (84) permitem corroborar que há uma relação estreita, do tipo *valor/variável*, entre a expressão *é ruim* e uma variável dentro do IP encaixado. Para demonstrar, vejamos que, em (84b), a relação *valor(é ruim)/variável(não)* é visível na sintaxe, porque temos o *marcador de negação*³⁵ – *não* – presente na estrutura, com quem a expressão *é ruim* estabelece relação de contradição. Em (84a), entretanto, essa relação *valor/variável* não é visível na sintaxe, mas pode ser inferida pela realidade semântica da estrutura.

Conforme percebemos em (84a), que tem um IP afirmativo, diferente daquele negativo de (84b), que tem a realização sintática – e visível – do *marcador de negação*, o *marcador de afirmação* é registrado por um vazio, sendo esse vazio a variável que entra em relação estreita de contradição com a expressão *é ruim*. Pelo que neste e no parágrafo anterior expomos, além do que mostramos nas sentenças em (84), é que defendemos que as *SCN* são sentenças copulares ESP, cuja relação *valor/variável* se dá na semântica.

Vimos afirmando que o valor que a expressão *é ruim* insere sobre a oração encaixada deve ser o de contradição, ou seja, é uma expressão que surge para contradizer algo que é

³⁵ As expressões *Marcador de Negação* e *Marcador de Afirmação* não foram encontradas em nenhuma leitura de quaisquer autores da teoria, razão pela qual estão destacadas com itálico.

afirmado. Da mesma forma, afirmamos que há na oração encaixada algum tipo de variável semântica com quem o *é ruim* entra em relação de escopo estreito, fato que nos faz reconhecer, nessa expressão, as marcas contrastivas e corretivas do foco contrastivo.

Para confirmar a tese de que há algum tipo de relação *valor/variável* semântica nas *SCN*, vejamos o que acontece com as sentenças abaixo quando, em (85a), substituirmos o *ruim*, *é ruim*, por um antônimo, e nas sentenças em (85b) e (85c), por um sinônimo:

- (85) a. **É bom que Ana _ descubra o meu segredo.*
 b. *É nunca que Ana _ descubra o meu segredo.*
 c. *É jamais que Ana _ descubra o meu segredo.*

Apesar de (85a) trazer uma sentença cuja expressão cristalizada³⁶, *é bom* aparecer ocupando a mesma posição que ocupou a expressão cristalizada *é ruim*, a sentença não é bem formada, porque o verbo principal, estando no indicativo, dá à oração encaixada plenitude de constituintes e de significado. Como em (85a) temos uma sentença com característica de *SCN*, a expressão deve ter surgido via movimento, a fim de adquirir marcas específicas de foco e estabelecer, por sua vez, algum tipo de leitura focal, seja de contraste, de exaustividade ou de exclusividade. Entretanto, essa leitura não pode ser disparada, porque, na encaixada, não há variável, nem sintática nem semântica, que possa ser preenchida pelo valor *é bom*. Nesse caso, a expressão *é bom*, em oposição a *é ruim*, não desempenha o papel de foco, razão pela qual foi movida. Assim, a sentença é agramatical.

As sentenças em (85b) e (85c), por seu turno, não são estranhas ou agramaticais, pois em *é nunca* e *é jamais* identificamos a mesma ideia de contraste do *é ruim*. Como são *SCN*, essas expressões – fixas – também foram movidas para *SpecFocP*, onde adquiriram função discursiva de foco e passaram a estabelecer algum tipo de vínculo estreito com uma variável na encaixada.

Para clarearmos essas considerações, vejamos em (86), abaixo, o que acontece com as estruturas quando transformamos as orações encaixadas de assertiva afirmativa para assertiva negativa:

- (86) a. **É bom que Ana não descubra o meu segredo.*
 b. ?*É nunca que Ana não descubra o meu segredo.*
 c. ?*É jamais que Ana não descubra o meu segredo.*

³⁶ Pela estrutura fazer referência às *SCN*, consideraremos os pares *é bom*, *é nunca* e *é jamais* como expressões também fixas.

A estrutura de (86a) tanto quanto aquela em (85a) são agramaticais, tendo em vista que *é bom* não consegue desencadear nenhuma leitura própria de foco, nem de contraste – ainda que venha a se opor ao *marcador de negação, não*, visível na sintaxe – menos ainda de exaustividade ou de exclusividade.

As sentenças (86b) e (86c), entretanto, são estruturas bem formadas, mesmo que não seja tão aceitável quanto o *é* com a expressão cristalizada *é ruim*. O fato de as expressões *é nunca* e *é jamais* terem, aparentemente, a mesma função de negar ou corrigir a encaixada, como faz o *é ruim*, mas, ainda assim, a sentença não ser bem aceita, só reforça nossa teoria de que *é ruim* é uma expressão já cristalizada no PB. De qualquer forma, *é nunca* e *é jamais* assumem a função discursiva de foco da estrutura, quando entram em oposição com o *marcador de negação* da oração, negando-lhe.

Como as *SCN* necessitam de uma expressão com valor de advérbio, e *nunca* e *jamais* são essencialmente advérbios, as expressões *é nunca* e *é jamais* assumem mais aceitavelmente a função de *é ruim*, fato que não acontece com *é bom*, tendo em vista que o constituinte *bom*, adjetivo por natureza, quando se une à cópula, não consegue adquirir as marcas de advérbio, pois não consegue entrar em relação direta com nenhuma variável.

Para corroborarmos a ideia de que a expressão *é bom* não é aceita nas *SCN* porque é um constituinte que não pode ser associado a nenhuma variável, ainda que semântica, leiamos, em (87), abaixo, as mesmas sentenças em suas versões PRED, portanto, *SCC*. Nelas, os constituintes *bom*, *nunca* e *jamais* ocupam a mesma posição entre o *ser* e o *que*, e os verbos principais aparecem no modo subjuntivo, o que exige do constituinte ensanduichado a função de predador da *Small Clause*, da qual a encaixada será o seu argumento:

- (87) a. *É bom que Ana descubra o meu segredo.*
 b. *?É nunca que Ana descubra o meu segredo.*
 c. *?É jamais que Ana descubra o meu segredo.*

Considerando que as estruturas de (87), vejamos que a sentença em (87a) é bem formada, pois quando o constituinte *bom* é associado à cópula, ele consegue inserir ampla predicação sobre a encaixada, além de denotar a avaliação do enunciador sobre a afirmação presente na encaixada. Já as sentenças em (87b) e (87c) não são tão bem aceitas quanto o foram quando a estrutura era de uma *SCN*, pois os constituintes *nunca* e *jamais* não conseguem atribuir predicação ampla, tendo em vista serem constituintes que modificam circunstancialmente a estrutura à qual se adjungem.

Pelo que expomos acima, pois, é que corroboramos a ideia de que, nas estruturas PRED, o constituinte na posição de predicado da *Small Clause* insere sobre o *CP* o julgamento que o falante faz sobre o que em seu IP encaixado aparece afirmado, uma avaliação do tipo *é bom* ou *não é bom*; *é engraçado* ou *não é engraçado*, por exemplo, sem, no entanto, modificar essa afirmação. Nas estruturas ESP, no entanto, o termo realizado entre o *ser* e o *que* aparece em *SpecFocP* para modificar circunstancialmente aquilo que é afirmado na oração encaixada, do tipo a definir se aquilo que é assegurado se realizará ou não.

Assim, pois, o *ruim*, e somente ele, das PRED tem valor de adjetivo e, como tal, caracteriza uma afirmação – que pode ser uma negação –, sem lhe alterar o significado; nas ESP, é a expressão cristalizada *é ruim*, presente na periferia à esquerda mais alta, que tem valor de um *marcador de negação*, modificando, em essência e circunstancialmente, aquilo que é assegurado na encaixada, contradizendo essa declaração.

Expressões fixas que tenham como constituinte auxiliar da cópula um termo que não possa atribuir papel semântico de negação à oração encaixada não são bem aceitas, como é o caso do *bom*, na expressão *é bom*. Quando a expressão *é ruim* foi substituída por *é nunca* ou *é jamais*, cujo valor semântico se assemelha àquela expressão cristalizada, a estrutura continuou a ter interpretação semelhante, considerando que tanto *nunca* quanto *jamais* são constituintes adverbiais por natureza e, como o *ruim*, se vinculando ao verbo cópula, são capazes de alterar a circunstância do que é afirmado na encaixada.

Após apresentação e análise semântica das estruturas com *é ruim que*, voltamos a corroborar nossa hipótese inicial, a de que há, sim, duas leituras semanticamente distintas entre as sentenças copulares com *é ruim que*: uma que apresenta característica própria de sentença copular comum, ou *SCC*, na qual o *ruim* é o predicador de uma *Small Clause*, estabelecendo sentido de *não é bom* a toda a oração encaixada; outra com estrutura de sentença copular de negação, ou *SCN*, pois há na expressão *é ruim* o valor contrastivo para uma variável semântica presente na oração encaixada, valor esse que pode ser identificado quando o significado dessa oração encaixada é alterado com a inserção do *é ruim* à estrutura.

3.4. E ALGUMAS NOTAS SOBRE A PROSÓDIA DAS SENTENÇAS COM É RUIM QUE

Nosso propósito neste item é encontrar outra evidência que confirme nossas conjecturas acerca das diferentes leituras realizadas sobre as estruturas encabeçadas pela expressão *é ruim que* no PB: a prosódia do constituinte *ruim*.

Vimos que toda sentença enunciativa possui o par informacional *foco/presuposição*, cujos termos veiculam, respectivamente, a informação não partilhada, chamada de informação nova ou não pressuposta, e a informação partilhada, chamada de presuposição. Considerando a sonoridade dos constituintes, sabemos que, independente do tipo de estrutura, se simples ou complexa, é no foco que repousa a mais alta elevação sonora. Miotto (2003, p. 182) afirma que “no que diz respeito à fonologia, sabemos que o acento mais proeminente da sentença recai sobre o constituinte focalizado e que, quando o foco é contrastivo, este acento é vigorosamente marcado”.

Conforme o autor, o foco é o constituinte que tem proeminência prosódica sobre os demais da estrutura, sendo esse acento ainda mais destacado quando o foco é do tipo contrastivo, o qual só se encontra se a estrutura copular tiver leitura de clivagem, na qual o foco é acomodado na periferia à esquerda da sentença. Além dele, Quarezemin (2009, p. 52), diz que “o foco ou um membro do sintagma focalizado sempre recebe o acento principal da sentença”. Em sua afirmação, a autora utiliza “membro do sintagma focalizado” porque acontece, muitas vezes, de em *SpecFocP*, lugar de repouso do foco, aparecerem mais de um constituinte. Nesses casos, segundo a autora, o destaque sonoro recai sobre aquele constituinte que tem a sílaba mais à direita da estrutura.

Constatando tais considerações, observamos que a versão *SCN* da estrutura com *é ruim que* traz sobre o *é ruim* a maior proeminência sonora, enquanto os outros constituintes carregam uma sonoridade mais equilibrada, no mesmo nível acústico. Naquelas que chamamos *SCC*, não há elevação na pronúncia do *ruim*, tendo em vista ele não ser foco, mas predicador de uma *Small Clause*³⁷.

Consideremos as sentenças presentes em (88), abaixo, que são, respectivamente, *SCC* e *SCN* com *é ruim que*:

- (88) a. *É ruim que Ana descubra o meu segredo.*
 b. *É ruim que Ana descobre o meu segredo.*

Na pronúncia da sentença (88a), o constituinte predicador *ruim* parece não receber proeminência sonora, pois não se configura como foco da estrutura. Contrário a isso, o que vemos é, se não um nivelamento sonoro, uma discreta baixa de som no momento da pronúncia desse constituinte. Essa ausência de ênfase ou abaixamento da voz deve se dar pelo

³⁷ Não realizamos nenhum levantamento de dados para evidenciar a acústica de tais sentenças. O que aqui afirmamos está embasado na nossa experiência enquanto falante/ouvinte do PB e nos momentos em que nos deparamos com a realização de sentenças iniciadas com essa expressão.

fato de o termo constituir, como apostamos, um julgamento pessoal do falante sobre aquilo que vai ser anunciado na *CP* e, sendo pessoal, contém certo nível de discricção sobre esse ajuizamento interposto na fala.

Se a realização do predicador *ruim* acontecer na cauda da estrutura – parte mais à direita –, como mostraremos em (89), a sonoridade do *ruim* parece se manter inalterada, sendo pronunciado como o foi quando se encontrava entre o *ser* e o *que*.

(89) *Que Ana descubra o meu segredo é ruim.*

Como qualquer avaliação é subjetiva, inevitavelmente ela é passiva de acordo e desacordo do interlocutor, o que permite esse “acanhamento” do enunciador da sentença.

Avaliando a estrutura presente em (88b), consideramos que, ao ouvirmos a sentença, distinguimos claramente elevação e abaixamento acústicos, estando notadamente essa ênfase no *é ruim*, sendo o som rebaixado quando são pronunciados os demais constituintes.

Como é na expressão cristalizada que se encontra a proeminência sonora, esse fato só confirma nossa tese de que, quando essa expressão cristalizada sobe até *SpecCP*, o faz com fins a adquirir marca de foco contrastivo, uma vez que serve para contradizer o que é afirmado na sentença encaixada ao seu *CP*.

Retomando o que afirma Miotto (2003) sobre o acento ser ainda mais elevado se o foco for contrastivo – além do que outros estudiosos da teoria dizem sobre o acento sonoro incidir sobre o foco da estrutura – defendemos que, nas sentenças *SCN* com *é ruim que*, essa elevação parece ser muito realçada e nítida na expressão *é ruim*, como que para reforçar o contraste ou correção que ela incide sobre o *CP* encaixado, especialmente quando aparece acompanhado da partícula de realce *heim* – o que normalmente acontece nessas estruturas –, vindo a confirmar ainda mais nossa tese de apontar a expressão cristalizada *é ruim* como um foco de contraste.

Também para ratificar nossa ideia, seguindo Quarezemin (2012), quando diz que “[...] devemos atribuir o acento principal à sílaba mais encaixada do constituinte que está mais à direita na sentença” (p. 104), considerando a possibilidade de a posição de foco ser preenchida por mais de um constituinte, como é o caso nas *SCN* com *é ruim que*, percebemos que na expressão cristalizada *é ruim*, que é o foco, o destaque prosódico recai, exatamente, no constituinte que se encontra mais à direita dentre os dois, ou seja, no *ruim* é que aparece o acento mais elevado.

Releiamos as sentenças em (90), abaixo, nas quais a expressão cristalizada seguiu para a parte mais baixa da estrutura: a cauda da sentença:

- (90) a. *Que Ana descobre o meu segredo é ruim, heim!*
 b. *Que Ana não descobre o meu segredo é ruim, heim!*

Nas estruturas de (90), vemos que a utilização do marcador discursivo *heim* parece impor ao interlocutor do discurso a intensidade que o locutor tem ao afirmar que o que está na encaixada de fato não acontecerá, como mostra (90a), ou acontecerá, se considerarmos a sentença em (90b). Entretanto, apesar de esse *heim* acompanhar quase sempre as estruturas *SCN* com *é ruim que*, essa não é uma regra, diga-se de passagem, as sentenças que já expusemos neste trabalho sem tal constituinte.

RESUMO DO CAPÍTULO

Ao longo deste capítulo III, fizemos análises que nos permitiram entender por que as sentenças com *é ruim que* no PB possuem leituras e interpretações semânticas distintas, dependendo, entre outras: da posição e da função dos termos *é* e *ruim* na estrutura da qual fazem parte; da realização de modo do verbo principal; da liberdade ou não de concordância entre o verbo cópula e o principal.

Inicialmente, apesar de não termos realizado um levantamento de dados com uma significativa quantidade de textos, dissemos que os contextos discursivos em que essas construções aparecem normalmente estão mais voltados para o discurso informal do PB, sendo pouco evidenciadas em contextos que fazem uso do discurso formal e estereotipado³⁸, tendo em vista seu aparecimento em conversas descontraídas e em letras de músicas populares, bem como sua não identificação em alguns poucos textos formais que buscamos na internet.

Além dos contextos discursivos que trouxemos – duas conversas informais e duas letras musicais –, adotamos para nossas análises sentenças derivadas da estrutura neutra *Ana não descobre o meu segredo*, já que ela é uma sentença que carrega o *marcador de negação*, *não*, que nega a proposição da sentença *Ana descobre o meu segredo*, oração que aparece na encaixada das sentenças *é ruim que* com característica de sentença copular de negação ou *SCN*.

A primeira análise que propomos está relacionada à sintaxe dos constituintes de cada uma dessas sentenças. Primeiramente, afirmamos que, quando a estrutura tem leitura *PRED*, ela é uma sentença copular comum ou *SCC*, e a sua encaixada, apesar de sintaticamente

³⁸ Estereotipado quando a língua é analisada pelos padrões de regras fixas e preconcebidas.

saturada, pois seu núcleo aparece com os seus respectivos argumentos, não é semanticamente plena, uma vez que o verbo principal, realizado no modo subjuntivo, está intrinsecamente associado ao caráter subjetivo dos enunciados, exigindo que um dos argumentos da estrutura apareça fora dela. Asseveramos, ainda, que o constituinte *ruim* das *SCC* não é um foco, mas o predicador de uma *Small Clause* e, como tal, seleciona para ser seu argumento o *CP* que, não seno pleno semanticamente, vem a adquirir plenitude quando vinculado a esse predicador.

Sobre as *SCN*, que dissemos serem *ESP*, afirmamos que elas têm uma oração encaixada, cuja configuração sintática e semântica aparece plena, considerando que é uma estrutura que poderia ser realizada em forma de sentença absoluta, tendo em vista o modo do verbo indicativo permitir que a sentença possa existir independente de outra estrutura.

Observamos que, diferente das *SCC*, que tem como predicador apenas o constituinte *ruim*, as *SCN* são estruturas que apresentam uma expressão fixa e cristalizada na língua – *é ruim* – que foi gerada na posição de adjunto de um *IP* pleno e subiu para a periferia à esquerda da estrutura, acomodando-se na posição *SpecFocP*, acima do *CP*, onde adquiriu função discursiva de foco contrastivo, pois é uma expressão que, ao atingir a posição focal, passa a contradizer a afirmação desse *IP* pleno, que, na estrutura, aparece como oração encaixada.

Dissemos, também, que, nas *SCN*, a expressão cristalizada tem função de advérbio, uma vez que insere uma nova circunstância à afirmação do *IP* encaixado. Para corroborar essa ideia, afirmamos que estruturas com expressões semelhantes, tais como *é nunca* e *é jamais*, que têm um constituinte *AP* com propriedade de advérbio, são bem realizáveis em *SCN*. Contudo, vimos que com a expressão – também fixa – *é bom*, nessas estruturas, a configuração não é bem aceita, já que, sendo o *bom* um adjetivo por excelência, ele entra na estrutura para caracterizar sobre algo, coerente, nesse caso, com a estrutura das *SCC* e não com a estrutura das *SCN*.

Pelo fato de, em nossas análises, a expressão cristalizada *é ruim* mudar significativamente o que aparece afirmado na encaixada, asseguramos que a encaixada da *SCN* possui uma espécie de variável semântica, com quem a expressão *é ruim* mantém escopo estreito, uma vez que o foco parece ser um valor que contra-argumenta, que nega o que é afirmado na semântica da oração encaixada.

Além dessas considerações, discorremos que o modo do verbo principal é um dos fatores que indica o tipo de sentença copular com *é ruim que*: se ele aparece no subjuntivo, a sentença é *PRED* ou *SCC*, em virtude de a oração encaixada ser o argumento do predicador *ruim* da *Small Clause*; se, entretanto, o verbo aparece no indicativo, a sentença é *ESP* ou *SCN*, porque a oração encaixada tem características que sentença absoluta, que pode ser realizada à

parte do *CP*, ou seja, sem necessariamente estar encaixada num outra estrutura, na periferia à esquerda da estrutura. Entretanto, com o movimento da expressão cristalizada *é ruim* para *SpecFocP*, o significado desse IP, que agora aparece como oração encaixada, é alterado, o que nos fez afirmar que a oração encaixada, apesar de ter plenitude sintática, perde sua plenitude semântica, pois, mantendo os mesmos constituintes de sua versão absoluta, insere nela uma variável semântica que permite ter seu sentido modificado quando o foco *é ruim*, valor para essa variável semântica, altera o conteúdo proposicional dessa oração.

A forma como o *ruim* ou a expressão cristalizada *é ruim* ocupam suas posições também foi outra evidência que demos para distinguir a versão *SCC* da *SCN* com *é ruim que*: quando *SCC*, garantimos que o *ruim* nasce na posição de predicador da *Small Clause* e, nessa posição também se realiza, inserindo ampla predicação sobre a encaixada; quando *SCN*, apontamos três possibilidades de surgimento da expressão cristalizada *é ruim* na periferia à esquerda da sentença: na primeira, dissemos que o *ruim* nasce como *SpecNegP* e sobe para a posição *SpecFocP*, para, em parceria com o que, negar o conteúdo proposicional do IP encaixado. Desconsideramos essa hipótese porque, nela, a cópula seria realizada em I, na periferia à esquerda, não tendo, pois, impedimento de flexão, o que iria de encontro ao que afirmamos sobre a cópula ser inflexionável, quando a estrutura com *é ruim que* é uma *SCN*; na segunda conjectura, afirmamos que a expressão cristalizada da sentença *SCN* é formada pela expressão cristalizada *é ruim que*, que nasceu como adjunto de IP e subiu para *SpecFocP* com a mesma finalidade de adquirir função discursiva de foco. Não acatamos essa hipótese pelo conflito que se estabelece na estrutura, caso os dois complementizadores – o da expressão cristalizada e o do núcleo C – sejam realizados simultaneamente, bem como pela quebra dessa expressão, tão logo ela seja movida de posição ou apareça o marcador discursivo *heim* na sentença. A última hipótese que apresentamos foi aquela que defendemos, pois, considerando-a, a expressão cristalizada é constituída por *é ruim*, que sobe para a periferia à esquerda, a fim de ocupar uma posição mais acima do *CP*, *SpecFocP*, depois de ter saído de sua posição de adjunto ao IP, para adquirir leitura de foco contrastivo e manter uma relação de escopo estreito com uma variável semântica que existe na encaixada. Conforme as três conjecturas apresentadas por nós, a expressão cristalizada das *SCN* surge para contrapor o que é afirmado na encaixada, mudando essencialmente o seu conteúdo proposicional.

Além da sintaxe, mostramos que a semântica dessas estruturas são também distintas. Na versão *PRED*, apontamos que o *ruim*, que insere sobre a afirmação presente na encaixada a opinião pessoal do falante, caracteriza negativamente aquilo que é afirmado nela, já que o valor da apreciação é de algo que *não é bom* acontecer, estabelecendo, por isso, um vínculo

abrangente, cujo escopo é amplo. Já na versão ESP da mesma estrutura, apresentamos que a expressão cristalizada *é ruim* equivale essencialmente ao *não*, mantendo vínculo estreito e específico com uma variável semântica dentro da encaixada, variável essa que pode ser identificada quando o sentido da oração muda quando a sentença é encaixada ao *CP*.

Sobre a prosódia, falamos que, diferentemente do que acontece com o *ruim* das *SCC*, que se realiza prosodicamente no mesmo nível dos demais constituintes, em virtude de, nestas, ele se configurar numa apreciação subjetiva do interlocutor sobre uma afirmação realizada e, como tal, expõe a visão particular de um locutor, o foco *é ruim* das *SCN* tem elevação entonacional sobre os demais constituintes da estrutura, destaque ainda mais percebido quando na estrutura aparece o marcador discursivo *heim*.

Nosso intento no capítulo foi mostrar que, a depender da constituição sintática, semântica e prosódica da sentença, há duas leituras possíveis para as sentenças encabeçadas pela expressão *é ruim que* e que, ambas as leituras, são realizadas conforme contexto e configuração sintática, semântica e prosódica específicos. Abaixo, faremos um resumo do que dissemos até este ponto.

Sobre as sentenças encabeçadas por *é ruim que* podemos afirmar que:

- i. Somente nas sentenças encabeçadas por *é ruim que* com características de *SCC*, é que:
 - Há uma *Small Clause* com sujeito e predicado;
 - O verbo principal aparece no modo subjuntivo;
 - Os modos verbais entre cópula e verbo principal são distintos: a cópula aparece no indicativo e o principal no subjuntivo;
 - Há flexão de tempo na cópula e no verbo principal, não necessitando que entre eles haja congruência;
 - O *que* pode ser substituído por *se*;
 - A encaixada, apesar de sintaticamente plena, só adquire plenitude quando co-indexada à oração copular, tendo em vista seu verbo estar no subjuntivo, modo que se realiza somente em orações encaixadas, razão pela qual não existe para ela uma versão neutra equivalente;
 - O constituinte *ruim* é o predador de uma *Small Clause*, que nasceu na mesma posição em que é realizado e tem escopo amplo sobre toda a encaixada;
 - Não há destaque prosódico sobre o *ruim*, que se mantém no mesmo nível sonoro dos demais constituintes da estrutura.

- ii. Somente nas sentenças encabeçadas por *é ruim que* com características de *SCN*, é que:
- Há uma periferia à esquerda da sentença, com especificador e núcleo de *CP* preenchidos;
 - O verbo principal aparece obrigatoriamente no indicativo;
 - A cópula é inflexionável, sendo realizada sempre na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, porque faz parte de uma expressão cristalizada formada por *é ruim*;
 - A flexão de tempo e pessoa do verbo principal está relacionada ao tipo de sujeito com o qual estabeleça concordância;
 - Há harmonia verbal apenas de modo entre a cópula e o verbo principal, pois o verbo principal pode ser flexionado em tempo e a cópula é inflexionável;
 - O complementizador *que* é insubstituível, não podendo ter nenhum outro constituinte em sua posição;
 - A encaixada tem um IP sintático e semanticamente pleno, que vem a ter sua leitura modificada quando surge o foco *é ruim*, na periferia à esquerda, que estabelece uma relação *valor/variável* com uma variável na semântica;
 - A expressão cristalizada *é ruim* representa um foco contrastivo, pois nega ou corrige a afirmação da encaixada;
 - O que é dito nessa estrutura copular pode ser dito numa sentença neutra de negação.

CONCLUSÃO

As sentenças copulares com *é ruim que* são sentenças de uso recorrente na oralidade do Português Brasileiro e sua realização parece se dar mais nos contextos informais de fala que naqueles em que a forma padrão da língua se faz mais necessária, considerando que não as encontramos em textos de cunho mais jornalística, por exemplo, como em artigos de opinião e reportagens³⁹.

As sentenças encabeçadas por *é ruim que* se dividem em dois tipos, classificados conforme a configuração sintática dos seus constituintes: uma que tem leitura predicacional (PRED), considerando a abrangência do predicador *ruim* sobre o *CP* da encaixada que, com esse predicador, constitui a *Small Clause*; outra que tem leitura especificacional (ESP), avaliando a relação estreita que há entre a expressão cristalizada *é ruim* e uma variável que percebemos na semântica do IP encaixado, que tem seu significado alterado, tão logo seja acoplado ao *CP* que traz, como especificador, a expressão cristalizada *é ruim*.

Recorrendo às propostas que definem as sentenças copulares complexas e as classificam em sentenças copulares comuns (*SCC*), de leitura PRED, e sentenças clivadas (*SCI*), de leitura ESP, buscamos responder aos questionamentos que fizemos no início desta dissertação, a fim de que pudéssemos desenvolver nossas ideias iniciais sobre a forma como os constituintes se organizam dentro das estruturas copulares com *é ruim que*.

As *SCC* são sentenças nas quais o constituinte que aparece entre o *ser* e o *que* tem papel de adjetivo e sua função é predicar amplamente sobre o IP que aparece encaixado ao *CP*, inferindo-lhe característica, que transporta uma avaliação subjetiva do interlocutor sobre o que é afirmado na oração encaixada. Por sua vez, *SCI* são estruturas nas quais o constituinte entre o *ser* e o *que* foi remanejado de posição, a fim de repousar em um lugar, na periferia à esquerda, para adquirir função discursiva de foco da estrutura. Como o foco é um constituinte derivado via movimento, ele deixa em seu lugar de origem um vestígio – que pode ser uma categoria vazia ou um *pronome-Q* –, com quem mantém relação estreita, inserindo sobre esse vestígio contraste, exclusividade e exaustividade. A relação entre o foco e o vestígio é classificada, respectivamente, como uma relação entre valor e variável.

³⁹ Mais uma vez deixamos claro que não fizemos uma pesquisa empírica em cima desses gêneros ou de outros gêneros jornalísticos. O que aqui afirmamos é baseado nas leituras feitas, sem cunho de pesquisa, em revistas semanais, de assinatura pessoal.

Como as *SCI* disparam leituras semânticas, elas se constituem em três tipos: uma de contraste, que aparece quando o foco nega ou retifica uma informação; o da exaustividade, quando um constituinte, dentre um universo maior de outros constituintes, serve para ocupar determinada função na estrutura; de exclusividade, quando um constituinte, dentre um universo específico de outros constituintes, preenche a posição de foco.

Analisando as sentenças copulares com *é ruim que*, que, como mostramos, são definidas como *SCC*, quando têm leitura PRED. Nessas sentenças, o constituinte *ruim* é um AP com função de adjetivo e, sendo predicador da *Small Clause*, insere ampla predicação sobre o *CP*, seu argumento. O *ruim* dessas estruturas é originado na própria posição de predicador da *Small Clause*, onde é também realizado, não sendo, pois, fruto de movimento.

Nas *SCC* com *é ruim que*, algumas características são próprias: os verbos têm liberdade de flexão, já que a cópula e verbo principal podem aparecer em tempos distintos, uma vez que o modo é naturalmente diferente – a cópula aparece sempre no indicativo, e o verbo principal, no subjuntivo.

As sentenças copulares com *é ruim que* ESP, por sua vez, não têm uma *Small Clause*, mas uma periferia à esquerda que surge, na estrutura, a fim de receber a expressão cristalizada, formada por *é* e *ruim*, e não por *é ruim que*, que nasce como um adjunto de IP pleno e sobe para a periferia à esquerda. Ao subir, a expressão cristalizada repousa em *SpecFocP*, acima do *CP*, para negar ou corrigir a afirmação presente na encaixada, assumindo, pois, seu papel discursivo de foco contrastivo.

Apesar de as sentenças ESP com *é ruim que* apresentarem uma expressão cristalizada que é o foco da estrutura, no caso, contrastivo, nós não classificamos essas sentenças como *SCI*, as quais, no segundo capítulo, afirmamos serem sentenças ESP, pelo fato de, além de não ser percebido, nas ESP com *é ruim que*, movimento de um constituinte que deixe vestígio sintático na estrutura, como acontece com as *SCI*, a cópula faz parte de uma expressão cristalizada, que não o faz nas *SCI*.

Entretanto, como as sentenças ESP com *é ruim que* trazem na posição *SpecFocP*, um foco que tem essencialmente leitura de contraste, de negação, nós definimos essas estruturas como *Sentenças Copulares de Negação* (ou *SCN*). Por ser uma *SCN*, é uma estrutura que tem peculiaridades que as inserem no *rol* das sentenças copulares especificacionais: 1) a cópula não pode aparecer com outra forma, mas somente na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, visto que ela faz parte de uma expressão já cristalizada na língua, enquanto o verbo principal, por sua vez, sempre se realiza no modo indicativo, podendo ser flexionado apenas em tempo; 2) como há uma mudança no conteúdo proposicional do IP encaixado,

existe uma espécie de variável semântica no IP encaixado da estrutura, que entra em relação específica, estreita com o valor que o *é ruim* estabelece como foco da sentença.

Conforme fomos mostrando ao longo deste trabalho, as sentenças copulares encabeçadas pela estrutura *é ruim que* têm, de fato, duas leituras semânticas possíveis: uma de *SCC* e outra de *SCN*.

Para encerrar nossos apontamentos, queremos mostrar que, em certa parte do texto, dissemos que as sentenças com *é ruim que* são sentenças que, normalmente, aparecem em contextos informais de fala do PB – em particular na oralidade –, não sendo evidenciadas – sem pesquisa empírica realizada – nos contextos em que a linguagem formal é mais exigida. Fechamos, pois, esta conclusão mostrando que, nesta dissertação, cujo objetivo foi analisar, especificamente, a estrutura configuracional das sentenças copulares com *é ruim que*, tanto *PRED* quanto *ESP*, não fizemos, em nenhum momento, uso de sentenças com *é ruim que* em nosso discurso, quando ele serviu para expor nossas ideias, propostas e justificativas. Não usamos essas sentenças nem mesmo quando refutamos – ou negamos – as duas primeiras hipóteses de surgimento da expressão *é ruim que* nas *SCN*, de leitura *ESP*, tendo em vista o caráter informal das sentenças introduzidas por essa expressão, as quais não se adequam bem à linguagem de um texto acadêmico. Todas as vezes em que fizemos uso das sentenças com *é ruim que* neste trabalho foi, tão somente, para exemplificar nossas análises e justificar nosso ponto de vista em relação ao que defendemos.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Flávio Martins de. *A entoação de sentenças clivadas e pseudoclivadas no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2010. (Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Figueiredo Silva).
- AUGUSTO, Marina Rosa Ana. *Distinções entre movimento A e A-barra na computação on-line: QU e passiva*. Revista ABRALIN, v. 7, n. 1, p. 69-73, jan/jul. 2008.
- BORGES NETO, José. *O empreendimento gerativo*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*. V.3. São Paulo: Cortez, 2001, p. 93-129.
- BRAGA, Maria Luíza; BARBOSA, Elisiene de Melo. *Construções clivadas no Português do Brasil sob uma abordagem funcionalista*. Revista Matranga, v. 16, n^o. 24, jan/jun. 2009. In: <http://www.pgletras.uerj.br/matranga/matranga24/arqs/matranga24a08.pdf>.
- BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês. *Construções de Clivagem*. In.: MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês & FARIA, Isabel Hulo *et all*. Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo/SP: Caminho – Coleção Universitária. Série Linguística dirigida por MARTINS, Maria Raquel Delgado.
- _____.; KATO, Mary Aizawa. *As construções-Q no Português Brasileiro falado*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (; KATO, Mary Aizawa; NASCIMENTO, Milton do. Gramática do Português Culto falado no Brasil. São Paulo/SP: Editora Unicamp, 2009.
- CHOMSKY, Noam. *The minimalista program*. Cambridge, Massachuset: MIT Press, 1995.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3^a ed. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 2001.
- FRANCO, Paula Vanessa Santos. *Focalização e clivagem: estudos de construções clivadas no português rural de Portugal*. Dissertação de Mestrado. UFB – Universidade Federal da Bahia. Salvador/BA, 2007. (Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro).
- GONÇALVES, Jussara Regina. *Considerações sobre a flutuação no emprego do subjuntivo em contextos orais do português do Brasil*. Rio de Janeiro/RJ: PUC, 2003. 100f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Letras do Departamento de Letras da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0115426_03_pretextual.pdf
- GUESSER, Simone Lúcia. *Redução e concordância em sentenças clivadas do Português Brasileiro*. Artigo publicado nos Anais do Encontro Nacional do Grupo de Trabalho de Teoria da Gramática (Universidade de Brasília – Brasil), 2009.
- KATO, Mary; RIBEIRO, Ilza. *A evolução das estruturas clivadas no português: período V2*. In: LOBO, Tânia; RIBEIRO, Ilza; CARNEIRO, Zenaide; ALMEIDA, Norma. (Org.). **Para a História do Português Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2006.
- _____. Clivadas sem operador no Português Brasileiro. Estudos da Linguagem, v. 8, n^o 10, p. 61-77, 2010.
- KRUG DE ASSIS, Cristiane Aparecida. *Um estudo das Sentenças Clivadas no Português Brasileiro*. Anais do IV Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul - CELSUL. Novembro, 2000. In.: <http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/026.htm>.

- LOBO, Maria. *Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento VS. geração na base*. XXI Encontro Nacional da APL. Textos selecionados. APL, Lisboa: 2006. p. 457-473. Disponível em: http://www.clul.ul.pt/english/sectores/variacao/cordialsin/pdfs_publicacoes/lobo_assimetrias_2006.pdf
- LONGHIN, Sanderléia Roberta. *As construções clivadas: uma abordagem diacrônica*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 1999. (Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Luíza Braga). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000188978>
- MEDEIROS, Vanise Gomes de. *Princípios norteadores da ocorrência do subjuntivo em orações relativas de SN em posição de sujeito*. Rio de Janeiro/RJ: PUC, 1996. 144f. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- MIOTO, Carlos. *Sobre o sistema CP no Português Brasileiro*. Revista Letras, Curitiba, n^o. 56, p. 97-139, 2001.
- _____. *Focalização e Quantificação*. Revista Letras, Curitiba, n^o 61, especial, p. 169-189, 2003.
- _____.; NEGRAO, Esmeralda Vailati. *As sentenças clivadas não contêm uma relativa*. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; M.A.T. Moraes; R.E.V Lopes; S.M.L. Cyrino. (Org.). Descrição, história e aquisição do português brasileiro. 1^a ed. Campinas/SP – FAPES: Pontes editora, 2007. (p. 159-184).
- MODESTO, Marcello. *As construções clivadas no português brasileiro: relações de interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.
- MUNGUBA VIEIRA, Marta Mara. *Alternância no uso dos modos indicativo e subjuntivo em orações subordinadas substantivas: uma comparação entre o português do Brasil e o francês do Canadá*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN, 2007. (Orientadora: Prof^a Dr^a. Maria Angélica Furtado da Cunha). Disponível em: http://bdtd.ufrn.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1532.
- PINTO, Carlos Felipe da Conceição. *Uma análise das construções de clivagem e outras construções de focalização no espanhol atual*. Dissertação de Mestrado. UFB – Universidade Federal da Bahia. Salvador/BA, 2008. (Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilza Maria de Oliveira Ribeiro). Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/11147>.
- _____.; RIBEIRO, Ilza (2008). *Um estudo sintático-discursivo comparativo da clivagem em línguas românicas*. In.: MOURA, Denilda (org.) Os desafios da língua: estudos em língua falada e escrita. Maceió: EDUFAL, P. 401-404.
- QUAREZEMIN, Sandra. *Os constituintes focalizados na aquisição do PB*. Revista de Estudos Linguísticos XXXIV do GEL, v. 1, p. 1099-1104, 2005.
- _____. *A focalização do sujeito no Português Brasileiro* (Apresentação de Trabalho/Conferência ou palestra). 2006.
- _____. *Estratégias de Focalização no Português Brasileiro: uma abordagem cartográfica*. Tese de Doutorado. UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2009. (Orientador: Prof. Dr. Carlos Miotto). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92341/267303.pdf?sequence=1>

- _____. *Clivadas como Estratégia de Focalização em Português Brasileiro*. In: MIOTO, Carlos; GUESSER, Simone Lúcia; QUAREZEMIN, Sandra. *Focalização e Clivagem*. Simpósio Internacional Linguagens e Culturas. Mesa 06. Outubro/2011.
- _____. *Paralelismo das periferias CP/NP/DP na focalização do sujeito*. Revista GELNE, 2012. Disponível em: <http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/519-artigoSandraQ..pdf>.
- _____. *Foco e Tópico nas Línguas Naturais*. In.: CRUZ, Ronald Teixeira da. (org.). *A interface da gramática*. Editora CRV, 2012.
- _____.; GUESSER, Simone Lúcia. *Focalização, Cartografia e Sentenças Clivadas do Português Brasileiro*. Revista Linguística: Sintaxe e semântica formais, v. 9, nº 01, junho/2013.
- RESENES, Mariana Santos de. *Sentenças Pseudoclivadas do Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado. UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2009. (Orientador: Prof. Dr. Carlos Miotto). Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92538/261462.pdf?sequence=1>
- RIBEIRO, Ilza; CORTÊS JÚNIOR, Moacir. *As construções pseudoclivadas e clivadas*. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador/BA: EDUFBA, 2009. (pp. 209-230)
- SEDRINS, Adeilson Pinheiro. *Movimento*. In: FERRARI-NETO, José e SILVA, Cláudia Roberta T. (org.). *Programa Minimalista em Foco: princípios e debates*. Curitiba/PR: Editora CRV, 2012.
- SILVEIRA, Vítor Luiz da. *A emergência de estruturas A-barra no contexto da aquisição do português brasileiro como língua materna*. Dissertação de Mestrado. UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/RJ, 2011. (Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Márcia Maria Damaso Vieira).
- STORTO, Luciana R. *Copular Constructions in Karitiana: a case against case movement*. In University of Massachusetts Occasional Papers 41. Amherst: GLSA/The University of Massachusetts. 205-226 (2010).
- ZANFELIZ, Agnes. *Foco no português brasileiro*. IV Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL. Universidade Federal do Paraná – UFPR. Curitiba - PR, 16 e 17 de novembro de 2000. Anais do evento. (<http://www.celsul.org.br/Encontros/04/artigos/003.htm>).